

A ILHA MALDITA

---

O PÃO DE OURO



A  
ILHA MALDITA

---

O PÃO DE OURO

POR

Bernardo GUIMARÃES

---

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

71, Rua do Ouvidor, 71

PARIS. — E. BELHATTE, Livreiro, 14, rua de l'Abbaye.

PORTO: Ernesto Chardron | BRAGA: Eugenio Chardron

LISBOA: Carvalho & C<sup>ia</sup>

1879

10.086



869.9333  
9968i

# A ILHA MALDITA

ROMANCE PHANTASTICO

---

## INTRODUÇÃO

— Meo pae, que ilha é aquella, que ás vezes á tarde lá se avista ao longe, tão longe que mais parece a popa de um navio, que lá se vae mar em fora ?...

Assim perguntava um rapazete de quinze a dezeis annos a seo pae, velho pescador, que sentado em uma tripeça formada de uma vertebra de baleia se occupava em concertar as malhas de sua rede de pescaria.

O velho abanou a cabeça e nada respondeo.

O curioso menino proseguio :

— Aquillo me faz cismar ; dizem que é uma ilha em roda da qual o mar está sempre a ferver, e que ninguem lá pode chegar. Tenho perguntado a todo mundo, e ninguem me sabe contar que ella é. Dizem que é uma ilha encantada, e que não ha força de remonem de vélas, que possa lá fazer aproar um barco. Quando se vae chegando perto avista-se uma moça muito bonita, vestida de branco, e cantando cantigas as mais lindas, que se pode imaginar ; mas é escusado querer lá chegar ; a ilha vae fugindo, fugindo sempre. Meo pae não saberá me dizer o que vem a ser a tal ilha ?...

— Eu, meo filho ?... talvez, — respondeo o velho hesitando ; — mas para que queres tu saber ?...

— Não sei, meo pae... mas tenho tanta vontade de saber !... aquella ilha não me sahe do pensamento.

Era isto em tempos que já vão longe, em uma bronca e quasi deserta enseada dos mares do sul, não longe da famosa e pittoresca

bahia de Santos na provincia de S. Paulo. Os dous interlocutores se achavão juncto a uma tosca choupana de pescador. O sol já ia se escondendo por tras desse immenso e alteroso cordão de montanhas, chamado serra do mar ; a sombra que dellas descia projectava-se já por toda a extensão das praias, ao longo das quaes o mar se estirava preguiçoso desmanchando-se em alvos frocos de espuma, em quanto os derradeiros raios do Sol, que transmontava, resvalando por uma dos topes alcantilados da serrania, iaõ espanejar-se ao longe pelo oceano estendendo-lhe uma rede de ouro sobre o dorso enrugado.

A pouca distancia da praia dentre os mangues e matagaes do litoral erguia-se vicejante colina, que se boleava graciosamente a maneira de uma cupola..

No cimo dessa collina alçava-se singela e alva capellinha, semelhando a pomba da arca da alliança, que depois de ter pairado longo tempo sobre as agoas, veio pousar sobre os montes.

Em torno da capella algumas toscas e modestas vivendas formavão uma pequena aldeia habitada por pescadores.

A tarde corria tepida e tranquillã ; o mar balançava-se frouxamente pelas longas praias, e os pescadores, que voltavão da faina diurna, amarravão seos batéis mesclando coplas de amor e de saudade aos monotonos e compassados bramidos do oceano.

Em taes lugares e a taes horas quem, estando sosinho, não ficaria a cismar engolfando o pensamento nas profundezas do infinito ?

E quem não quizesse cismar, se poria a cantarolar alguma chácara melancolica, como fazião alguns pescadores.

E quem não quizesse cismar, ou não soubesse cantar, folgaria de ouvir algum desses contos phantasticos, com que os velhos as vezes tão credulos como as proprias creanças, sabem embalar-lhes a imaginação.

O rapazete, de que fallamos, achava-se neste ultimo caso ; estava ancioso por ouvir alguma historia bonita, principalmente se fosse a dessa ilha encantada, de que tanto



ouvia fallar, e que a muito tempo lhe preoccupava a imaginação. Portanto apertava com o velho, para que lh'a contasse.

— Meo filho, — respondeo por fim o velho pescador já fatigado das iportunações do filho, — aquella ilha, que tanto me dá que pensar, é o *Castello da sereia*, ou a *Ilha da maldição*. Aquelle pequeno ponto, que la vês nos confins dos mares, e que não é tão pequeno como daqui te parece, foi a fonte de muitas lagrimas e desgraças, e tem sido a causa de muito desaatre para os habitantes deste lugar. Melhor seria, que nunca quizesse saber a historia do que por lá se tem passado.

— Pois que mal faz sabel-a, meo pae ?...

— Que mal !... ah ! meo filho, és ainda muito creança, e a curiosidade propria da tua idade pode despertar em teo coração o desejo de lá ir, e te acontecerá o mesmo, que tem acontecido a outros rapazes imprudentes e curiosos demais.

— E o que é que lhes tem acontecido ?

— Vão e nunca mais voltão.



O rapaz ficou pensativo por alguns instantes.

— Mas, meo pae, — proseguio elle, — eu não desejo por forma alguma por pé nessa ilha ; Deos me livre de tal. O que eu queria era ver de longe essa moça e ouvir a cantiga, como dizem que muitos tem visto e ouvido.

— Que dizes, menino?... Deos te defenda.

E' certo que alguns tem-se avisinhado da ilha a ponto de ver essa moça e ouvir-lhe o canto ; mas são bem poucos. O que é de crer é que nesse lugar malsinado mora uma sereia, fada ou alma penada, que anda a cumprir um fadario de maldição ; e ai d'quelle, de quem ella se agrada ! si cae na imprudencia de approximar-se da ilha, uma onda traiçoeira, que de certo obedece aos conjuros da maldita, arrasta o barco do infeliz, que lá vae esbarrar no rochedo fatal, onde fica para todo sempre.

— Mas eu bem podia ver a moça...

— A moça, tolinho?... sabes tu o que ella é ? si é magica, feiticeira, serpente ou o proprio satanáz ?...

— Pois bem, meo pae ; eu juro, que nunca tentarei lá pôr os pés ; pelo contrario fugirei dessa ilha o mais que puder. Mas si meo pae sabe essa historia, que mal faz me contal-a ? deve ser bem bonita.

— Não sei si é bonita ou feia ; só sei, que é verdadeira. E em fim de contas, — continuou o velho depois de um instante de reflexão, — melhor é mesmo, que t'a conte ; é bom conhecer o perigo para saber fugir d'elle. Mas, já te disse, fica certo que não é nenhuma historia da carochinha, como essas, que em pequenino te contavão; é uma historia verdadeira, uma historia acontecida aqui para desgraça e escarmento deste bom povo. Meo pae, que a ouvio de seo pae, a contou a teo pae, de cuja boca agora vaes ouvil-a. Da-me toda a attenção, meo filho, é ficarás sabendo, que quando fores grande, e soltares teo barco ao mar, deves vogar bem longe, ouviste ? bem longe da ilha maldita.

E ao bramido das ondas, que se quebravão brandamente ao longo das praias, o velho pescador contava a seo filho a histo-

ria, que eu por minha vez vou contar-vos, ó leitores, não com essa linguagem tosca e singela, mas por certo pittoresca e animada, que empregaria o pescador, e que eu de balde procuraria imitar, mas revestidas dos andrajos, que minha pobre musa<sup>9</sup> vae lhe emprestar. Bem sei que todas as galas e louçanias do mais polido estilo, todos os recursos da mais fecunda e brilhante phantasia não poderião supprir o vigor e frescura de colorido, a vivacidade e energia de expressão, que devia ter a linguagem do velho narrador, cujo espirito era impressionado pela quasi actualidade dos acontecimentos, que contava, e pela presença do grandioso panorama dos sitios, que delles forão theatro.

E que mais posso eu fazer?... não me sendo possível fallar uma lingua, que me é desconhecida, usarei daquella, que me é familiar. Portanto os leitores não tenham este escripto como fiel reproducção do que dissera o pescador, mas sim como traducção livre e ampliada da historia, que durante alguns serões contou a seo filho.

## CAPITULO I

### UM CASAMENTO.

— Não estás ouvindo, meo filho? — começou o velho pescador, — como estão alegremente repicando os sinos da capella?... é que amanhã é dia sancto, dia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Amparo, que nos defenda do canto da sereia, e de todos os maleficios diabolicos.

Em éras, que já vão longe, corria uma tarde serena e formosa como esta, e ali mesmo na nossa aldeia aquelles mesmos sinos repicavão, foguetes subião ao ar, e o povo acudia de rondão a capella como para assistir a uma grande festa. Entretanto o que ali se dava não passava de um simples casamento.

Quem visse esse extraordinario alvoroço e affluencia de povo, pensaria que os noivos erão alguns fidalgos ou magnatas, filhos de gente



opulenta, que ião celebrar as bodas com grandes apparatus e vistos os festejos.

Não havia porem nada disso; erão simples e obscuros habitantes da aldeia, que ião receber na capella a benção nupcial com a maior singeleza do mundo. E' verdade, que os dous contrahentes formavão o mais lindo e garboso par, que talvez se tenha visto nesta terra; mas tambem não era a formosura e galhardia delles, que attrahia toda aquella multidão e excitava tanto alvoroço e curiosidade.

O que haveria pois de extraordinario naquelle simples e modesto casamento para tornalo como uma festa popular, que arrancava de sua costumada tranquillidade toda a população em derredór?...

No correr desta historia ficará patente a razão de semelhante phenomeno; desde já porem fica-se comprehendendo, que esse simples casamento era para os habitantes do lugar um acontecimento da mais subida importancia.

Com o favor de Deos ião-se casar Aleixo, gentil marinheiro, vindo das terras de alem-mar, e Regina, formosa donzella, filha das ondas, como costumavão appellar-a. A noiva tinha sido baptisada naquella mesma capella, e creada aqui á beira deste mar entre nossos avós; mas ninguem sabia onde nascera ella,

nem quaes erão seos paes. Ainda muito menina fora atirada a estas praias em uma noite de tempertade; devia ser uma pobre creança escapada milagrosamente de um terrivel naufragio; pelo menos assim pensou a boa mulher, que apanhou-a na praia, e a recolheu e creou em sua choupana. Mas o povo não quiz acreditar um tal naufragio, e tinha boas razões para isso. Não appareceo indicio nem destroço algum de navio perdido em toda a extensão destas costas, e por mais que se indagasse, não houve depois noticia de embarcação alguma, que por aquelle tempo pudesse ter soçobrado nestas paragens.

Assim pois a origem de Regina andou sempre envolvida em duvidas e mysterios. A extraordinaria formosura da menina, a pasmosa vivacidade de espirito, de que desde creança dava mostras, a vóz encantadora, com que sabia entoar as mais bonitas cantigas, e em fim seo genio trefego, audáz e ardiloso, como nunca se vio, a fizerão passar entre o povo como filha de uma fada do mar ou de uma sereia, o que vem a ser o mesmo. Os acontecimentos, que se seguirão, e a vida estranha e singular, que levava a menina, cada vez mais confirmarão o povo nesta sua crença.

O noivo, como já disse, era um forasteiro de



alem-mar, que voltara bastantemente abastado da costa da Africa, por onde andára em trafico de escravatura. O navio, em que vinha, fundeara nestas praias para refrescar e fazer agoada. Desembarcando aqui o moço vio Regina, fallou-lhe, e poucos dias depois estava contractado o casamento. O navio, em que viera, fez-se de véla a seo destino, e elle deixou-se ficar.

O que portanto mais atiçava a curiosidade do povo não era por certo a procedencia nem a riqueza desse mancebo; o que realmente o assombrava era ser elle—um forasteiro apenas ali chegado,—o noivo acceito por essa mulher inconcebivel; era ser elle unico, que até ali e em poucos dias conseguira vencer a izenção da formosa e soberba Regina, dessa fada intractavel, que tinha feito naufragarem desastrosamente as esperanças de tantos e tão guapos mancebos do lugar. De feito muitos moços do lugar se havião arrojado loucos de amor aos pés de Regina; mas sendó por ella altiva e desdenhosamente repellidos tiverão quasi todos o mais triste e lastimoso fim.

Não faltava quem dissesse, que quem conseguira domar o orgulho e ameigar o coração de Regina, era por certo algum principe, e principe encantado.

Apenas receberão a benção matrimonial em

face do altar, os novos desposados rompendo por entre a multidão, que em torno delles se apinhava soffrega e curiosa, sahirão da igreja e descerão a encosta sempre escoltados por grande numero de pessoas, que quizerão acompanhal-os até a casa. Era esta uma pequena cabana, singela e tosca, onde Regina sempre havia morado, situada ahi a beira-mar ao pé de um rochedo. Já era noite feixada, porem noite de luar, clara e bonançosa.

A brisa apenas farfalhava de leve nos mata-gaes do mangue, e nos leques dos coqueiros, e o mar espreguiçando-se pelas praias enchia os desertos de seus solemnes e monotonos bramidos.

Posto que simples a casa de Regina era uma cabanazinha bonita e aceiada, como devia ser o azylo de uma sereia, ou de uma ondina, mas tão pequena, que nella não podia saber mais ninguem senão os donos da casa.

Como não havia banquete, bailado nem folguedo de qualidade alguma, as pessoas que os acompanhavão se despedirão cordialmente á porta da cabana, e se retirárão murmurando : — Deos os guarde e os abençoe.

---

## CAPITULO II

### OS TRES IRMÃOS

Emquanto se celebrava o casamento, o povo, cuja attenção estava toda absorvida na contemplação dos noivos, não havia reparado em tres vultos, que de um canto da egreja assistião tambem ao mesmo espectaculo, não com aquella curiosidade folgazã e descuidosa, de que os outros se achavão animados, mas com certo ar sinistro, com certo olhar torvo e inquieto, que parecia relancear chispas de odio e vingança. O crepusculo, que começava, e a penumbra, em que se achavão envolvidos, fizerão que não se prestasse attenção á esses tres personagens, que vistos á plena luz terião excitado vivos receios e desconfianças. Erão tres manebos da mais gentil presença, de bem delineadas feições, e de altivo e garboso porte; mas

ressumbrava-lhes da fronte torvada e do olhar ardente e tresvairado um não sei que de sombrio e feróz, que faria estremecer a quem os encarasse com attenção. Erão mui semelhantes e quasi iguaes na idade ; via-se logo, que devião ser irmãos. O mais velho teria a rigor vinte e cinco annos ; ao mais moço despontava apenas o buço da juventude.

Emquanto durou a cerimonia permanecerão mudos e immoveis a um canto da nave, procurando izolar-se da multidão, que se acotovelava em roda do interessante e formoso par ; mas se alguém de perto os observasse com alguma attenção, sentiria o offegar ancioso, que lhes empolava os largos peitos, o ranger de dentes, e o lampejo sombrio e feróz das pupillas, que parecião dardejar fogo e sangue. Quando porem os dous esposos pronunciárão com voz clara e firme o sim, que ia enlaçar para sempre seos destinos, um calafrio percorreo-lhes todo o corpo. Com a boca entreaberta, a respiração suspensa, o pescoço estendido, a maneira de serpentes, que com o olhar ardente e fixo querião attrahir e devorar o feliz e descuidoso par, ouvirão sem pestanejar aquella palavra tão simples, e que entretanto parecia queimar-lhes o sangue, e envenenar-lhes a existencia. O mais velho principalmente cuidou morrer



naquelle instante fatal. O coração batia-lhe violenta e desordenadamente; faltava-lhe o ar, e teria baqueado por terra, si não se arri-masse ao braço de-seo irmão immediato. Era-lhe preciso desabafar para não estourar de angustia e desespero.

— Ah! meo irmão!... meo irmão! — murmurou ao ouvido deste com voz surda e convulsa, enquanto uma lagrima ardente despon-tava-lhe na palpebra, e seccava-se immediata-mente queimada pelo fogo da paixão; — não sei que será de mim! si esse forasteiro logra gozar um instante aquelles mimos, por que tanto em vão suspirei, eu morro, e morro desespe-rado como o precito em condemnação eterna. Não, não ha-de ser assim, maldito! — continuou volvendo-se para o noivos de punho cerrado e gesto ameaçador; — esta noite deve ser a der-radeira para ti, ou para mim!..

— Para elle só, Rodrigo, — replicou Roberto, o irmão immediato, com o mesmo tom de voz sinistra e abafada; — pobre irmão!.. quanto soffres!... mas juro-te por minha alma; antes que as mãos daquelle aventureiro possuão locar em um só dos encantos della, hão-de cahir hirtas e frias....

— E antes que aquella boca, — interrompeo Ricardo, o mais moço dos tres, — possa dizer-

lhe uma só palavra de amor, tem de morder a terra, donde nunca mais se levantará senão para cahir mais baixo ainda.

A cerimonia estava terminada. O rumor e remoinhar da multidão interromperão os terribes desabafos e tremendas juras dos tres irmãos, que vendo-se envolvidos no turbilhão do povo sahirão da egreja, e de envolta com os outros forão tambem acompanhando os noivos. Não era porem um sentimento de vã curiosidade, e muito menos de regozijo, que os impellia a fazer parte do sequito. O ciume e o odio, que lhes devorava o coração, os levava com instinctiva e irresistivel attracção a não perderem de vista o par affortunado que tranquillo e descuidoso ia descendo a collina acompanhado de grande numero de velhos, mulheres e meninos, que os felicitavão e bemdizião.

— Este casamento é uma grande felicidade para elles, e socego para nós, que temos filhos, — dizião as velhas.

— E para nós, que temos ou queremos ter maridos, dizião as moças.

— Abençoado seja esse moço, que nos leva a filha do mar para socego desta terra.

Deos os favoreça a ambos, — dizião todos.

Entretanto o numeroso grupo, que os acompanhava, foi-se escasseando pouco e pouco.



Como na pequena cabana dos noivos não os esperava festa nem folguedo algum, muitos forão se ficando em meio caminho. Os tres irmãos porem continuárão a acompanhal-os, e deixando-se ficar um pouco atrás sem serem persentidos, esconderão-se entre os rochedos, que ficavão proximos á casa de Regina.

Já a noite ia avançada, quando os dous felizes esposos despedindo-se agradecidos da boa companhia, abrirão a porta da cabana, e entrárão sosinhos no estreito aposento, onde o mais affortunado dos esposos ia com mão tremula de ventura e de emoção desatar a grinalda virginal da fronte pudibunda da mais seductora e peregrina belleza, que o sol alumiaava. Ficárão pois na mais completa solidão, solidão para elles bem propicia e agradavel, pois tinham naquella estreita alcova e em si mesmos um mundo infinito de amor e de delicias. Como nada tinham a recear, deixarão aberta uma pequena janella, que dava para o mar, e por onde entrava a luz de um esplendido luar, unica lampada, que allumiava sua camara nupcial. Camara não digo bem; essa palavra trás á idéa luxo e fidalguia, etiqueta e frieza. Ei-las em seo berço de amor as duas aves do mar, que por algum tempo tendo esvoaçado a esmo sobre as ondas encontrarão-se porfim em seo adejo sem rumo, e

voando de par a par vierão pousar entre os rochedos da praia para ahi tecerem seo ninho de primavéra.

Deixemol-os ahi, meo filho, entregues ás delicias do presente e aos sonhos do futuro, sem saberem que bem juncto delles véla o ciume feroz estorcendo-se nos estertores da inveja e do desespero, e planejando horrores. Deixemol-os ahi, e vamos saber, quem era essa Regina, e esses tres irmãos, que com tão máos olhos encaravão seo casamento. Estás ouvindo com attenção, menino?...

— Estou sim, senhor, — respondeo o rapazete bocejando.

— Parece, que já estás a cochilar?!.. quando quizeres dormir, falla-me, pois não estou para contar historias ás ondas e aos ventos.

— Aqui o pescador fez uma pausa como para recordar o muito que ainda tinha por contar desta intrincada e maravilhosa historia. O coitado nem sabia por onde devia começar para tornar bem clara a sua narração; mas em fim, depois de ter accendido o cachimbo e puchado algumas fumaças, continuou a contar o que se verá nos capitulos seguintes.

---

## CAPITULO III

### A FILHA DO MAR

Agora vamos saber, quem era essa Regina, essa moça mysteriosa, que não tinha patria, nem paes, nem parentes, donde veio e cómo aqui appareceu.

Felisbina era uma viuva já idosa, que morava em um pobre ranchinho ahi a beira-mar; seu marido, valente pescador, que nunca conhecera outra profissão, morreo de um desastre no mar ainda no vigor dos annos, sem deixar á sua viuva nem mesmo um filho para lhe servir de arrimo e consolação na velhice. Vendo-se tão sosinha no mundo, nem por isso desaminou a boa mulher. Vivia do fiar, tecer redes de pescaria, gorros e outros objectos, que vendia aos marinheiros. Toda esta aldeia tornou-se então sua familia, por que era ella uma sancta mu-

lher, que a ninguem fazia mal; ao contrario era em extremo prestativa, bemfazeja e carinhosa para com todos. Amiga do trabalho não lhe faltava o necessario, e como era mui caritativa, do seo pouco sempre lhe sobrava para soccorrer aos pobres e acudir aos enfermos. Posto que sosinha em sua cabana isolada, vivia tranquilla e satisfeita, pois nada ambicionava e nada tinha que recear no seo pequeno mundo, onde era tão bemquista e respeitada de todos.

Um dia pela manhã Felisbina tendo-se levantado muito cedo, como era seo costume, sahio a percorrer as praias visinhas. O dia amanhecera limpo e sereno, e o mar bonançoso; a noite porem fora de tormenta e mar encapelado. Grossos vagalhões rebentando com furia tinham vindo quebrar-se juncto a soleira da cabana.

Ao abrir a porta o primeiro objecto, em que Felisbina deo com os olhos, foi uma creança estirada na praia, fria exanime e hirta por tal forma, que parecia estar morta sem remissão.

Era uma menina, que poderia ter de tres a quatro annos de idade, alva, linda e mimosa, que mais parecia ser uma figura de jaspe.

— Virgem Maria! — exclamou a viuva lançando-se á creança e levantando-a do chão; — que será isto, meo bom Jesus!?... uma crean-



ça!... uma menina!... assim atirada na praia!... de quem será esta pobresinha?!...

Assim fallando tomava a menina nos braços, procurava aquecel-a aos seios descarnados, affastava os finos e macios cabellos molhados, que se colavão ao rosto como algas marinhas pegadas a um crustaceo engastado de perolas e coraes; e soprando-lhe nas narinas e na boquinha, que entreabria com os dedos procurava insinuar-lhe nos pulmões o alento vital.

— Coitadinha! continuava a boa velha, — tão mimosa, tão galante!... se está morta, que golpe para seos pobres paes!... Louvado seja Deos! — exclamou por fim levantando os olhos ao céu; — está viva!... e pode escapar. Benza-a Deos, como é mimosa e bonitinha!... mas de quem será esta menina, e como veio amanhecer aqui atirada na praia por este modo lastimoso?! não é de ninguem, que eu conheça, e entretanto nesta redondeza conheço todo mundo, velhos e creanças. Será a da commadre Joanninha?.. não; essa tem cabellos pretos, e os desta são cor de castanha. A da commadre Ponciana é mais crescida, e é morena, e esta é alva como as conchinhas da praia. Tambem não pode ser a da visinha Gertrudes, que fez um anno outro dia, e esta já tem todos os dentes.. e que lindos dentinhos, meo Deos!... que perolas!...

Continuando sempre nestas e outras exclamações, a boa velha apertava ao peito com maternal carinho a pobre creança asphixiada, e procurava chamal-a á vida como querendo communicar-lhe o calor de seo peito, o alento de seos pulmões, o sangue de suas veias, ao mesmo tempo que prorompia em gritos de entusiasmo e admiração ao passo que a examinava e descobria nella novas graças e perfeições.

— Está visto, continuou ella; — não é degente daqui. Ha-de ser de algum navio, que deo a costa nesta noite de tanta tormenta. Este mar ! este mar !... tenho vivido sempre perto d'elle, e mesmo assim tenho-lhe medo !... mas Deos, que é de misericordia, não quiz que se perdesse nas ondas este thesouro de innocencia e formosura, e enviou-o para mim. E foi o mar, esse mar, que me roubou meo bom marido, que agora teve dó de mim, e deo-me uma filha. Sim foi Deos, que m'a enviou ; é minha filha.

Dito isto a boa velha, delirante de jubilo, recolheo-se appressadamente á cabana levando nos braços o seo precioso achado, e graças a seos soccorros e sollicitos cuidados, a menina em breve recobrou os sentidos e voltou á vida. Ninguem pode avaliar o intimo e pleno contentamento, que ella sentio, quando vio irem se descerrando languidamente os lindos olhos da



menina, e reflectirem a luz do céo e da vida. Foi uma interminavel explosão de exclamações delirantes de enthusiasmo e alegria. Erão com effeito dous peregrinos e encantadores olhos verde-mar tendo o centro das pupillas de um negro de azeviche.

— Que olhos, meo Deos ! — exclamava ella. — nunca meos olhos virão olhos assim !... parecem duas estrellas a se espelharem no regaço cristalino de um mar de leite !... mas tambem como são vivos !... que esperteza ! que fogo !... agora parece que despedem coriscos !... Santo Deos ! que menina encantadora !... uma creaturinha assim só nasceo para dar gostos.

E' quasi escusado dizer, que Felisbina, apenas a menina se restabeleceo, andou com ella de casa em casa mostrando o inapreciavel thesouro, que o céo lhe tinha dado, mais contente e ufana, do que se tivera pescado a mais graúda e brilhante perola do oceano. Todos em geral homens e mulheres, velhos e meninos, ficarão embasbacados e boqui-abertos ao contemplarem a rara perfeição e formosura da interessante menina.

Si bem que revelasse vigor e vivacidade superior á sua idade, a filha do mar apenas balbuciava algumas palavras, que ninguem comprehendia, pelo que nunca mais se poude sa-

ber, quem era ella, nem por que fatalidade fora arrojada a essas praias. Acreditou-se, como era natural, que seria filha de paes estrangeiros, e por isso nada sabia da lingua portugueza.

Fosse como fosse, Felisbina adoptou-a como filha, e propoz-se a creal-a e educar com todo o amor, carinho e sollicitude de uma verdadeira mãe. Ignorando si era ou não christã fel-a baptizar pelo cura do lugar, servio-lhe de madrinha, e deo-lhe o nome de Regina, sancta do dia, em que a menina apparecera exposta na praia juncto a sua cabana.

Começou logo a desenvolver-se extraordinariamente a pequena Regina quer no tamanho, gentileza e agilidade do corpo, quer na formosura do semblante, e nas graças e prendas do espirito. Era o mimo da velha, e o enlevo e assombro de toda a gente destes arredores. A medida, que ia crescendo cada vez mais formosa e interessante, ia-se tornando esperta, inquieta e trefega que nem uma silphide; era isto proprio da idade; mas Regina tinha caprichos tão singulares, dava-se a travessuras tão livres e audaciosas, que trazião a boa viuva em continuos sustos e inquietações. Aos dez annos nenhum rapáz de sua idade poderia competir com ella em viveza, audacia e agilidade. Galgava os

pincaros dos mais altos rochedos, percorria as praias, rompia os mangues e matagaes do litoral nas maiores distancias. O mar não lhe inspirava o menor terror, parecia o seo elemento natural ; nadava e brincava sobre as ondas as mais agitadas risonha e tranquilla, como se estivesse sobre um berço de flores. A madrinha affligia-se summamente com taes loucuras ; ralhava, esbravejava, pedia, supplicava embalde ; não era possivel vencer a indole indomavel da rapariga.

Quando a maré enchia roncando por esses areaes, e vinha como uma montanha esbarrar na praia em altos escarcéos, era seo divertimento correr como doida pela praia avante ao encontro do vagalhão. Então o mar a tomava em seo dorso, como a mãe carinhora toma o filho no regaço, e a menina lá ia boiando como alva conchinha suspensa na crista marulhosa, e voltava a pousar na praia confundida com as espumas da resaca. E emquanto a boa madrinha toda sustos levando as mãos á cabeça soltava gritos de terror e afflicção, Regina in-perturbavel e risonha brincava e cantava balouçando-se sobre as agoas como a garça do mar.

— Mammae não costuma dizer que eu sou filha do mar ?... — Objectava ella ás queixas e reprehensões da velha ; — pois sou mesmo, e se

o mar é meo pae, delle não pode me vir mal.

— Quem sabe, menina ? !.. nunca é bom facilitar ; o mar é traçoeiro ; não te fies muito nelle. Meo bom marido, que Deos haja, tambem gostava muito delle, e nelle perdeu a vida, e entretanto era um homem possante e valente como poucos, e tu, uma fraca menina queres zombar delle ?...

— Eu não zombo delle, mamãe ; quero-lhe bem, elle tambem me quer. Eu acho, que sou sereia, mamãe ; com minhas cantigas eu sei amansar ou embravecer as ondas do mar, conforme me parece. Quer ouvir como eu canto ? va escutando :

Viver aquí não desejo  
Nem no valle, nem na serra ;  
Eu não sou filha da terra,  
Eu sou sereia do mar.  
Correi, ondas mansamente,  
Correi, vinde me buscar.

Nasci no seio das vagas  
N'uma gruta de cristal ;  
Em columnas de coral  
O meo berço se embalou.  
Ondas, levae me convosco,  
Que eu desta terra não sou.



O mar creou-me entre perolas  
Sobre fúlgidas areias ;  
Mago canto de sereias  
Meos somnos acalentou  
Ondas, levae-me comvosco,  
Que eu tambem sereia sou.

Eu não sou filha da terra,  
Vivo triste nestas plagas ;  
Embalada pelas vagas  
Só no mar quero viver.  
Correi, correi, mansas ondas,  
A meos pés vinde gemer.

No regaço cristalino  
Brandamente me tomae ;  
Aos palacios de meo pae  
Vinde, vinde me levar.  
Correi, ondas pressurosas,  
Levae a filha do mar.

E si alguem na terra ingrata  
Sentindo loucos amores  
Meos ençantos e favores  
Insensato desejar,  
Em torno a mim, bravas ondas,  
Vinde em furia rebentar.

Em solitário rochedo  
Batido, pelas tormentas  
Ide, ó ondas turbulentas,  
Ide longe me occultar.  
Rugindo ali noite e dia  
Guardae a filha do mar.

Enlevada com os accentos daquella vóz a mais suave, fresca e argentina, que jamais ouvirão ouvidos humanos, Felisbina depunha inteiramente suas coleras passageiras, e seo rosto reassumia a risonha serenidade de costume.

— Que quer dizer essa cantiga, menina ? — dizia-lhe entre risonha e enfadada ; — quem te ensinou essas desastradas trovas ?... até já queres passar por sereia !... doidinha !... melhor seria, que cantasses o bendito e a ave-maria, para que N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Amparo te livre das ondas do mar.

— E dos perigos da terra, mamãe, que ainda são peiores, — retrucou a menina.

E os pescadores, que em distancia observam as proezas de Regina, e ouvirão-lhe a voz vibrante e harmoniosa, esconjuravão-se murmurando entre si :

— Cruz !... que menina, sancto Deos !... não ouvirão o que ella estava cantando ?... aquillo

ou não é filha de gente baptisada, ou tem partes com o diabo !... si eu duvido, que ella é mesmo filha de sereia, ou feiticeira do mar !... Queira Deos, tia Felisbina, queira Deos não te arrependas de ter-lhe dado criação e gazalhado !...

---

## CAPITULO IV

### A ILHA ENCANTADA.

Por esse tempo já essa ilha malsinada, que tanto te dá que pensar, era o terror e o duende dos pescadores por toda a extensão destas costas. Corrião desde tempos immemoriaes entre o vulgo lendas sinistras e aterroras a respeito dessa ilhota, que apresentava-se como um rochedo medonho e inaccessivel, erguendo-se cinco ou seis braços acima das ondas, liso e escarpado á maneira de bambacã denegrída e inexpugnavel de um castello roqueiro. As vagas se despedaçavão furiosas em torno delle bramindo é refervendo em perpetua agitação, e ninguem até então tinha podido lobrigar-lhe por qualquer dos lados uma pequena enseada, uma ponta de rochedo, uma aspereza; por onde se pudesse firmar o pé na maldita penedia. Uma



tempestade eterna roucava-lhe em torno cingindo-a de alvos escarcéos de espuma, que incessantemente se arrojavão e recuavão em perpetua escalada contra as titanicas e inabalaveis muralhas, indo lamber-lhe até o alto das ameias. Era avistada ora em um ponto, ora em outro do horisonte, algumas vezes mais proxima á costa, outras em remotissimas distancias, ora formosa e risonha descoberta a todos os raios do sol, ora negrejando em volta em carregados nevoeiros, como sombria e tetrica marmorra. As vezes tambem desapparecia inteiramente destes mares para tornar a apparecer depois de alguns mezes, e havia noticia que se apresentava em frente de outras terras situadas a enorme distancia daqui. Alguns pretendião fazer crer, que era um monstro marinho de espantosas dimensões ; mas o que é certo, e o em que todos acreditavão e acreditão até hoje, é que aquella penedia é uma ilha, que anda solta a boiar sobre os mares, e que é nada menos que o palacio fluctuante de uma sereia, feiticeira ou fada marinha, a qual como o poder de seo condão e de seos conjuros diabolicos a faz mover-se de um ponto a outro, e submergir-se ou surgir a tona da agoa conforme o seo capricho. Contavão mais, que essa sereia ou fada com a magia de seos cantares e artificios satanicos

costumava attrahir para lá alguns pescadores dos mais jovens e formosos, e que lá os guardava para sempre encerrados em suas impene-traveis espeluncas. Alguns tambem, que tinham tido a rara fortuna de avisinhar-se da ilha sem lá ficarem para sempre detidos, referião, que pelas penedias, que a cercão, resoavão harmonias e cantares suavissimos, e assegura-vão mesmo terem visto sobre a crista dos pene-dos uma donzella de estranha formosura dedi-lhando uma harpa de ouro engastada de pero-las, e entoando canções tão tristes e maviosas, que fazião gemer de saudade os proprios rochedos. Sabia-se até o numero e os nomes das desven-turadas victimas, que tinham cahido nas cila-das da malefica e perigosa feiticeira dos mares.

Todos os b̄arcos de pescaria ou cabotagem, que cruzavão por estas costas, evitavão com cuidado approximar-se do rochedo maldito, e os barqueiros ao avistarem-no, por mais dis-tantes que estivessem, o esconjuravão rezando o *credo* e benzendo-se tres vezes.

Havia entretanto uma pessoa, a quem a ilha encantada, longe de inspirar terror, excitava a mais viva curiosidade e o mais ardente desejo de vel-a de perto, de tocal-a com suas mãos, de pizal-a com suas plantas. Era Regina. Essa ilha, que para os outros era um phantasma si-

nistro, um covil de duendes e seres malfazejos, para ella se affigurava um regaço de mãe carinhosa, um berço de amores, um ninho de delicias. Era filha do mar, talvez de alguma sereia, e á vista das maravilhosas historias, que desd'a mais tenra infancia ouvira contar a respeito dessa ilha misteriosa, não hesitava em acreditar, que esta não era de feito mais que o palacio incantado de sua mãe, que ella ali havia nascido, e que um desastre ou outro qualquer incidente roubando-a a seos paes e a sua patria, a tinha arrojado nas praias dessa terra, onde vivia como exilada, e em que não podia achar encanto algum.

Por isso aquella ilha tinha para seos olhos e para sua alma um misterioso e irresistivel attractivo ; por isso a vião muitas vezes solitaria e triste sentada sobre um rochedo da praia contemplando aquelle objecto de seos phantásticos amores e entoando endeixas repassadas de saudade e melancolia. Dir-se-ia, que tinha uma lembrança vaga de um mundo estranho, em que passara dias mais felizes, e lamentava no exilio a perda de uma patria querida.

Nestes cismas passava horas e horas excogitando um meio de avisinhar-se e de apportar mesmo a essa ilha, que inhospita para os outros, estava persuadida que para ella abriria

seo seio accessivel e franco, como se batesse ao limiar do lar paterno.

— Eu sei nadar e bracejar muito bem, — reflectia consigo a menina ; — para romper as ondas com denodo e vigor não tenho inveja a ninguém ; mas não hade ser a nado, que jamais poderei vencer tamanha distancia. Oh ! se eu pudesse ter um barquinho com vela e remo !... um barquinho, que fosse só meo, e em que eu sosinha pudesse me aventurar por esses mares, á hora, que eu quizesse !... E por que não hei-de tel-o ?... vou pedir a mamãe, e hei-de pedir-lhe tanto, tanto hei-de importunal-a, que ella por força ha-de me dar um barquinho. Então sim ; hei-de ver aquella ilha, hei-de pôr o pé nella, custe o que custar.

Contente com a lembrança, que tivera, e firme em sua resolução, Regina correo immediatamente a fazer o seo pedido. Felisbina a principio arripiou-se com tal idéa, e já com as armas da brandura já com tom severo e imperioso, tentou demover a menina de semelhante proposito e impedir a realisação dessa extravagante velleidade.

— Abrenuncio, minha filha ! — exclamou ella ; — nem me falles em tal !... eu dar-te um barco !... e deixar-te sosinha sahir nelle por esse mar a fora !... nem que eu fosse mais



douda do que tu !... si mesmo sem barco com tuas travessuras me trazes em continuos cuidados e afflições, que diremos se te pilhas em um barco por esse mar alem !

Não, minha sereiasinha de meos peccados, varre isso da idéa ; não serei eu, quem te ha-de dar azas para voares a tua perdição.

— Qual perdição, mamãe! replicava a menina — Eu sou do mar ; o mar para mim não tem riscos ; e mamãe pensa, que eu não sou capaz de manejar um remo, içar uma véla, e manobrar um barquinho por esse mar em fora ?... Demais eu preciso desde já ir-me exercitando neste officio.

Si um dia mamãe me faltar, eu que ficarei sosinha no mundo, de que hei-de viver senão de pescaria ?...

Emfim Regina tanto rogou, instou, supplicou, taes promessas e seguranças deo, de que não se desmandaria nem se deixaria perder, que forçoso foi ceder-lhe, e ella teve o seo batelsinho novo, esguio, lindo e ligeiro, digno em fim da mimosa e gentil ondina, que tinha de governal-o. Apesar de seos cuidados e apprehensões, Felisbina não poudo deixar de extasiar-se ao ver com que vigor e destreza Regina logo desd'o primeiro ensaio sabia dirigir seo pequeno e lindo batél.

## CAPITULO V

REGINA.

Já Regina contava mais de doze annos, e á medida que avançava em idade, crescião-lhe tambem cada vez mais esplendidos e luxuriantes os attractivos da figura e os encantos do espirito. Em vez porem de se tornar mais timida e cordata ao approximar-se a puberdade, seos caprichos e travessuras forão tomando proporções mais amplas, vãos mais arrojados e bem pouco tranquillizadores para a pobre Felisbina.

Senhora de um barquinho, não tardou muito em aventurar-se ao largo em perigosas excursões, que duravão as vezes longas horas, deixando a madrinha entregue á mais anciosa inquietação. Quando a branca vélinha perdida entre as ondulações da vaga mal se divisava ao longe como um froco de espuma, e ia até

sumir-se de todo nos remotos horisontes, Felisbina pensava que seo coração cessava de bater, e que a alma tambem se lhe ia fugindo do corpo, e perdendo-se pelos limbos da eternidade. Então prorompia em lastimosas exclamações, praguejava, e maldizia mil e uma vezes suas fataes fraquesas e condescendencias. Mas a vélinha reaparecia no horisonte, e o prazer, que sentia a boa velha ao ver de volta e livre do perigo a sua querida sereia, fazia-lhe esquecer as magoas e sustos passados.

Assim Regina, como o passarinho novo, que ensaia as azas, que apenas lhe despontão, ia pouco e pouco estendendo suas correrias maritimas, e dando longas voltas a fim de desfarçar seo intento aos olhos da sollicita madrinha, não deixava de avisinhar, quanto lhe era possivel, da ilha maldita, que para ella era a ilha affortunada. Queria observar-lhe de mais perto a figura e os contornos para um dia poder a ella dirigir affoutamente a prôa, e nella desembarcar.

Não tiverão porem de durar por muito tempo essas timidias e cautelosas tentativas da donzêla para reconhecer e desembarcar na ilha, por que tanto suspirava. Passados poucos mezes depois que Regina tivera o seo pequeno batel, Felisbina vergada pelo pezo dos annos, moles-

tias e trabalhos, foi repousar dos cuidados da vida á sombra da cruz no cemiterio da aldeia. Apesar de seo genio indocil, trefego e livre como as auras do céo Regina tinha coração sensível e grato, e chorou com lagrimas sincéras o passamento de sua bemfeitora. A velha, vendo avisinhar-se a hora extrema, lhe tinha legado de viva vóz sua cabana com todos os seus pertences.

Ahi nessa singela choupana, tornada desde então mais simples e solitaria ainda, continuou Regina a viver sua vida singular e misteriosa.

— Agora que me acho sosinha no mundo, — pensou ella comsigo, — pertenco toda ao mar; o mar foi o meo berço; elle será tambem o meo abrigo na vida, e minha sepultura na morte.

Algumas mulheres compassivas e amigas da defuncta, vendo a pobre orphã tão só e desamparada no mundo, a convidarão para sua companhia; Regina porem recusou obstinadamente todos os offerecimentos, que lhe forão feitos.

— Depois da boa mulher que a morte me roubou, — dizia ella, — não devo, nem quero prestar obediencia a mais ninguem. Já sou grande, e saberei governar-me a mim mesmo e fazer-me respeitar. Não tive pae, nem mãe na terra; parece que o mar me gerou



de seo seio ; a elle pois confio de hoje em diante o meo destino ; quero viver só com elle, e livre como elle.

Assim o disse e assim o executou.

As veses nas tardes serenas via-se resvalando pela superficie das vagas douradas pelos fulgores do sol poente, uma ligeira e esguia piroga, que se alargava pelo mar avante até quasi perder-se de vista, demandando affoita o rumo da ilha malsinada, que era o terror dos navegantes. Sobre a popa desenhava-se o busto de uma donzela de maravilhoza belleza, vestida de azul, tendo a fronte cingida de uma grinalda de alvos lyrios, e os longos cabellos a fluctuarem a mercê das virações do mar.

Quando a piroga ia ganhando o largo, ouvia-se um harmonioso e suavissimo canto, que pouco e pouco ia morrendo em distancia entre o fremito das vagas a se quebrarem ao longo dos areaes.

Era Regina, era a filha do mar, que lá ia em seo barquinho aventureiro. O que iria ella fazer, essa mimosa e delicada donzella, em uma fragil piroga, o que iria ella fazer naquellas perigozas paragens, para onde nem os mais robustos e destemidos barqueiros ouzavão encaminhar-se ?

Ninguem o sabia ; mas todos a uma vóz dizião

benzendo-se : — E' ella ; é a filha da sereia, que lá se vae para sua ilha maldita !

E o povo cada vez se tornava mais firme na creança de que Regina não era uma creatura pertencente a humanidade, mas apenas uma linda e mimosa figura, animada por um espirito diabolico ; que não podia ser outra senão a sereia ou fada, que morava na ilha fluctuante, ou pelo menos filha della. E todos portanto ao avistarem a donzella a despeito de seos encantos, sentião o mesmo terror que lhes inspirava a sinistra penedia.

Regina entretanto bem poucas vezes se apresentava na aldeia, e quasi nenhuma relação entretinha com os habitantes daquellas costas. Sabia que formavão della o mais desfavoravel conceito, que a temião e execravão como fada malfazeja, que agourantava tudo, em que punha os olhos.

Mas não lhe doia isso muito a alma, pois si bem que não nutrisse ainda sentimento algum de odio ou malevolencia, como sereia que era, e filha do mar, tinha certo desdem e repugnancia instinctiva por tudo quanto era da terra.

Quando porem acontecia andar pela aldeia e entreter-se algumas horas com as familias dos pescadores, era como uma visão deslumbrante.

que em todos excitava o mais vivo interesse, curiosidade e assombro. Si sua belleza enlevava os olhos de todos, se suas cantigas arrebatavão, sua amabilidade lhana e desafectada, os encantos de seo aspirito, a graça de sua conversação ganhavão todos os corações.

— Oh! não; uma menina assim não pode ser uma fada cruel e malfazeja; é mais facil ser um anjo do céo, — dizião as mulheres, emquanto a tinham diante dos olhos. Quando porem se ausentava, não sentindo mais o prestigio daquella belleza fascinadora, daquella voz e maneiras adoraveis, recordando os sinistros misterios e estranhas tradições, que envolvião a existencia de Regina, voltavão-lhes ao espirito todas as antigas cismas e prevenções.

— Forte pena! — exclamavão então; uma tão linda menina, com tantas prendas e tão boas maneiras, e ter no corpo o espirito malefico!...

— Mas ella é baptisada, — ponderava um ou outro; — foi a tia Felesbina, que lhe servio de madrinha, e poz-lhe na mão a vela benta. Talvez algum padre sancto possa com esconjuros e orações tirar-lhe do corpo o espirito máu.

— Não creião nisso, — respondião as velhas experientes; — o baptismo não pode tirar o diabo do corpo de quem já nasceo com elle

herdado de seos paes. As sereias não são creaturas de Deos; nem são geradas e nascidas como nós; nascem no mar por artificios de Lucifer, que lhez dá a figura de formosas donzellas, e manda um demonio habitar no corpo dellas para tentar e affligir a humanidade.

— Cruz!... abrenuncio! — repetião todos; Deos nos defenda de semelhante praga!...

---



## CAPITULO VI

### TERROR E ESCONJUROS

Regina era de facto uma creatura incomprehen-sível; se não fosse um ente extra-natural, seria um enigma. Ou fosse pela auréola sinis-tra, que circumdava-lhe o nome, ou por que fosse ella realmente um mixto estranho de qualidades oppostas, ao mesmo tempo que inspirava sympathia e amor, causava terror e repulsão.

No phisico não havia a notar-se o menor senão; era uma belleza ideal. Somente a natu-reza caprichára em formar della um typo das mais estranhas combinações. Era de esbelto e garboso porte, de ademanes singelos, mas nobres e graciosos por natureza. As vezes com os olhos humidos e fagueiros, com um meigo sorriso na boca entre-aberta, dava ao seo talhe

de fada as languidas e suaves inflexões de uma bayadere ; outras vezes alçando a fronte altiva sobre o collo firme e erecto, cerrado o labio severo, o olhar fixo e scintilante parecia pithonissa inspirada a devassar com a mente os arcanos do porvir. Não poucos vezes tambem as palpebras lhe descahião languidas e melancolicos sobre a pupilla desmaiada, e então era um anjo exilado chorando sobre a terra saudades do paraizo.

Os cabellos escuros erão bastos e macios como a seda, e ella os deixava debruçarem-se a vontade em redór dos alvos hombros em graciosas volutas, que se enleavão como arabescos de ébano em relevo sobre um vaso de alabastro. Quando se erguia em pé sobre a popa do lindo batel a balouçar-se sobre as vagas, hombros e braços nús, e a ligeira roupagem ondulando ao sopro das aragens, jurarieis ter visto Venus surgindo das espumas do mar.

Mas era sobretudo nos olhos, — nesses olhos verde-escuros de pupilla negra, — que se concentrava como em um foco ardente todo o poder e magia da perigosa beldade. Si as vezes banhados em suaves effluvios quebravão-se nos languores de vago devaneio, e astros de meiga luz-fazião cismar de amor a quantos os vião, outras vezes revestindo-se de singular expres-

são de altivez e imperio despedião lampejos magneticos capazes de subjugar e abater as mais orgulhosas fronte. Por isso ao lado do amor, que inspirava, incutia tambem certo terror vago, certa repulsão inexplicavel. A força attractiva porem prevalecia, e os mancebos, que uma vez a vião, fictavão nella os olhos dilumbrados, e não os retiravão, senão quando se ausentava. Ficava-lhes porem aquella imagem seductora para sempre gravada n'alma em traços ardentes, como si fossem burilados, com estilete de fogo.

— Foi um flagello, — dizião os antigos, — essa moça, que aqui appareceo e creou-se entre nós. Foi um monstro, que o mar arrancou dos abyssos do inferno e arrojou nestas praias. Foi como uma epidemia, que lavrou nestas paragem, e nos roubou nossos mais bellos e bem dispostos rapazes. Não sei que grande falta commetemos para merecermos do céu tão duro castigo! —

As mães, que tinhão filhos adultos, dizião-lhes de continuo :

— Foge, meo filho, foge dessa mulher maldita!... foge da filha do mar. A pobre Felisbina não soube que vibora acolheo em sua caas e aqui deixou entre nós para desgraça nossa e de nossos filhos! Antes a tivesse levado comsigo!

Não creias, que aquillo é creatura de Deos; não, meo filho; aquillo é filha do demonio com alguma brucha do mar; não está vendo as proezas e artes diabolicas, que fáz?... quem é que jamais pôz o pé na ilha maldita, naquelles penedos excommungados, que lá não ficasse para sempre?... Entretanto ella vae e volta, quando lhe parece, e o certo é que essa ilha, que d'antes andava a boiar por toda a extensão dos mares, não se arreda mais d'acólá, depois que essa vibora daninha aqui appareceo, e nem se arredará, emquanto ella aqui existir praticando maleficios; é o seo navio, que ali está ancorado. Foge delle e della, meo filho, como quem foge de Satanáz. Ai de ti, se ella te põe os olhos malditos!...

Depois as velhas para gravar bem fundo no espirito de seos filhos e netos o horror, que querião inspirar-lhes por essa mulher e esse lugar de maldicção, começavão a contar-lhes historias interminaveis da ilha nefanda, dos duendes, sereias e outros monstros e espiritos maleficios, que nella habitavão desde tempos immemoriaes. Não era porem de grande efficacia esse expediente; os temerosos contos não produzião senão passageira impressão no animo desses denodados e ardentes mancebos, creados no fragueiro officio de pescadores em uma



costa bravia, e avesados a todos os perigos e horrores do mar. Essa mesma prohibição, que lhes impunhão, era um estímulo de mais para incital-os a ver a fada incomprehensivel, cujas admiraveis prendas e maravilhosa belleza era assumpto de inexgotavel conversação em todos os serões. Ainda que tomados de certo receio e vagas apprehensões, todos anciayão por vella, e por mais que ella se esquivasse procuravão todos os meios de enconral-a, e uma vez postos os olhos naquella prodigiosa formosura, que dislumbrava como um sol, e fascinava como serpente, lá se lhes ia a razão e a liberdade.

Quasi todos os mancebos os mais gentis e bem dispostos, que por aquelle tempo aqui existião, cahirão loucos de amor aos pés da peregrina e funesta beldade. Ella porem os repellia a todos ora com um gesto frio e desdenhoso, ora com motejos e sarcasmos, e sempre com o mais terminante e inexoravel desengano. Da chusma de seos adoradores quasi todos tiverão o mais lastimoso e miserando fim. Uns ficarão doudos varridos; alguns mais pacientes e resignados procurando na ausencia remedio a seos males, fugirão para bem longe, e nunca mais apparecerão; outros succumbindo aos pezares se extinguirão lentamente nas garras

do desalento e da melancolia. Não poucos se despedaçarão nas pontas dos rochedos, ou apagarão para sempre no seio das ondas o fogo, que lhes devorava o coração.

E apesar de tantas catastrophes, que sem interrupção se succedião umas ás outras, a turba dos amantes não cessava de adejar em derredor da fatidica belleza, como um bando de maripozas doudejando em volta do lume fatal, que tem de devoral-as.

Houve todavia um, que mais pertimaz e audacioso que todos os outros, porfiou longo tempo envidando os ultimos esforços para ganhar aquelle coração tão livre e indomavel como o oceano, tão inacessivel como as rochas da ilha maldita.

— Estás ouvindo, meo filho?...— perguntou o velho pescador ao seo joven ouvinte, que dava mostras de não estar ouvindo cousa alguma.

Foi de balde chamal-o; o bom velho teve de sacudil-o fortemente para despertal-o.

O rapáz, já aborrecido e fatigado de escutar uma tão longa e fastidiosa historia, que até ali nenhum episodio, nenhuma peripecia interessante apresentára, dormia profundamente, e fazia muito bem.

E agora vejo, que eu tambem já me ia esquecendo do tal pescador, que contava histo-

ria, e de seo filho, que a não escutava, e creio que o mesmo terá acontecido ao leitor. Por tanto proponho e julgo melhor, que daqui em diante nos esqueçamos inteiramente delles, e dispensemos a sua companhia para não termos o trabalho de estar a todo momento despertando o dorminhoco rapáz.

Ficaremos pois a sós eu e o leitor. Quando este tiver somno, o que não raras vezes lhe terá de acontecer no decurso desta nefasta e prolixa historia feiche o livro, durma a seo gosto, e depois continue a leitura, si quizer, e quando quizer. Isto é mais simples e rasoavel.

## CAPITULO VII

### OS NAUFRAGOS

Poucos annos depois que Regina arrojada á praia em uma noite de tormenta fora recolhida semimorta á cabana de Felisbina, os azares do mar trouxerão tambem ás mesmas praias quatro novos hospedes em condições não menos desfavoraveis.

Um grande navio, vindo da Hespanha, trazia a seo bordo um velho fidalgo, que por crimes politicos fora exautorado de seos fóros e condemnado a desterro perpetuo nas possessões hespanholas. Trazia comsigo tres filhos, tres bellos e vigorosos adolescentes, unicos restos de toda a sua familia. Um tremendo temporal assaltou o navio, o qual depois de ter luctado em vão contra a furia dos elementos, soçobrou e foi a pique não longe da costa, em que se dão



os acontecimentos desta historia. O velho dotado de mais resolução e presença de espirito que o resto da tripolação, que se abandonára inteiramente ao pavor e ao desalento, lançou mão de um machado, e ajudado pelos tres filhos, que animava com as palavras e o exemplo, cortou o mastro grande e mais algumas pranchas, que lhes servissem de remos, e sobre este fragil refugio atirárão-se os quatro á mercê das ondas, em quanto o navio desapparecia para sempre nos sorvedouros do oceano.

Depois de terem boiado longo tempo sem rumo e quasi sem esperança, exhaustos de fome, de sede e de fadiga, os naufragos conseguirão enfim arribar a essas praias, onde forão accollidos pelos habitantes com a caridade e espirito hospitaleiro, que lhes era usual. Convinha ao velho, que tão cedo não se soubesse, que elle e seos filhos, tinhão escapado ao naufragio. Si os julgasse mortos, ficavão livres da vigilancia e suspeitas na metropole, e poderião viver com liberdade e independencia em qualquer parte do mundo. Demais esperava, que para o futuro sinão elle, que já ia mui avançado em annos, ao menos seos filhos poderião voltar á patria e reclamar seos titulos e forós perdidos e seos bens confiscados. Portanto julgou prudente occultar seos nomes e titulos,

assim como o nome e a procedencia do navio, em que viéra, e todas as mais circumstancias, que pudessem revelar, quem elle era, e qual o seo destino.

Instalâdos naquella costa pae e filhos virão-se forçados a entregar-se á rude vida de pescadores, — unica industria compativel com os recursos do lugar, — não só para terem de que subsistir, como para adquirirem algum peculio, com que pudessem se transportar para melhores lugares, quando se lhes offerecesse favoravel ensejo. O pae acabrunhado mais pelos trabalhos e desgostos do que pela idade, falleceo poucos annos depois. Ao sentir proximo o termo de seos dias deo longos conselhos e instrucções a seos filhos indicando-lhes qual devia ser o seo procedimento no futuro para rehavere a herança paterna, e antes de cerrar para sempre os olhos fel-os jurar sobre suas mãos frias e descarnadas, que não descancarião um momento, emquanto não se restabelecessem com todos os seos titulos, honras e haveres no antigo solar de seos maiores.

Os tres filhos, jovens, intelligentes e activos, graças ao seo vigore trabalho incessante, prosperarão rapidamente e grangearão importancia e consideração entre os habitantes do lugar. Decorrerão alguns annos e já os tres mancebos,

cheios de esperança e resolução se preparavão a partirem saudosos da praia hospitaleira, a que devião como uma segunda existência, em demanda de outras plagas onde pudessem dar começo a execução dos projectos, que seo pae moribundo lhes insinuára, quando a fatal bel-dade, o monstro encantador, que infestava estas paragens, veio atravessar-se em seo caminho.

Como inevitavelmente teria de succeder, Rodrigo o mais velho dos tres irmãos, encontrou-se um dia com a formosa filha do mar, essa gentil barqueira, que inflamava todos os corações, esse facha fatal e consumidor, que fazia arder o juizo a todos os mancebos queimando as azas a todas as esperanças. Já bastante prevenido contra as seducções da perigosa fada, Rodrigo confiava demasiadamente em si, e estava intimamente convencido, que não havia mulher alguma, fada nem anjo, que pudesse lhe inspirar um amor capáz de distrahil-o de suas preoccupações e designios no futuro. A cruel experiencia bem cedo mostrou-lhe quanto se enganava. O ardente mancebo não pode resistir ao magico poder dos olhos fascinadores de Regina, e teve de pagar o commum tributo de adoração á cruel e encantadora tyrana dos corações. Desde então o seo viver alterou-se

profunda e completamente. A téla do futuro, onde seo audáz e ambicioso espirito havia delineado com largos e esplendidos traços os mais brilhantes projectos, apagou-se inteiramente ante seos olhos, e até varreo-se-lhe da memoria o sagrado e solemne juramento, que prestára sobre as mãos hirtas e geladas de seo pai agonisante. Desde então no mundo inteiro para elle só existia Regina, só nella pensava, só a ella procurava.

Seo barco balouçava ocioso amarrado a praia, emquanto elle vagava a toa pelos areaes e rochedos da costa seguindo a pista da feiticeira, que o fascinára. Seos irmãos em vão o esperavão, em vão o procuravão para se entregarem ás occupações quotidianas. Escondido entre rochas em algum recesso escuso, Rodrigo passava horas e horas a espiar a piroga de Regina, que vogava pelos mares, ou a seguia em distancia ao longo das praias, reputando-se feliz quando podia contemplal-a mesmo de longe; ou escondido ora nas moutas do matagal, ora no pino de um rochedo procurava occasião de vel-a passar para poder por um instante pascer as vistas inflammadas e sequiosas nos infaveis encantos de tão peregrina formosura.

— Que tens, Rodrigo, que á dias andas assim triste, esquivo e taciturno, — pergun-



tou-lhe Roberto, seo irmão immediato; — ah! meo pobre irmão!... está me parecendo, que a maldita sereia já deitou-te seo máo olhado.

— Não gracejes, meo bom irmão, — retorquiu-lhe Rodrigo em tom grave e melancolico. — Disseste a pura e cruel verdade. Chegou a minha vez de ser sacrificado!... estou louco de amores por essa fatal belleza, o que quer dizer — estou para sempre e irremediavelmente desgraçado!...

— Desgraçado!.. não digas tal!... desgraçado por que? tu deliras, meo pobre irmão; isso não passa de uma fraqueza momentanea, uma hallucinação passageira, que em breve se dissipará..

— Não, meo irmão; prouvéra a Deos, que assim o fosse!.. é uma paixão profunda, ardente, inextinguivel como todas, que essa mulher fatal costuma inspirar. Tu bem sabes, que amar essa mulher é presagio infallivel de desgraça e perdição; não ignoras a miseranda sorte de todos aquelles, que tem tido a desventura de apaixonar-se por ella.

— Nesse caso, si essa paixão é inextinguivel, se não podes banil-a de teo coração, tracta de satisfazel-a. Uma vez satisfeita, ella se extinguirá por si mesma em vez de extinguir-te a ti, que nos és tão necessario para levar-mos avante os planos que nosso pae nos traçou...

— Fallas em satisfazel-a?!... acaso não sabes, quem é Regina?!... esse coração duro e inacessivel como os rochedos da ilha maldita!.. não sabes quantas victimas tem sido immoladas a sua barbara indifferença?...

— Bem o sei; mas quem tem sido essas victimas?... por certo ainda não pensaste nisso.

Uns pobres e toscos pescadores, desasados e grosseiros no tracto, mal amanhados nas feições, no corpo e no trajo, uns amantes aparvalhados e em tudo proprios para fazerem recuar de tedio e de desdem uma linda e mimosa donzella, rica de encantos e prendas naturaes, como dizem ser essa Regina.

— Então tu nunca a viste?...

— Eu nunca.

— Ah! é o que te vale, e pede ao céo, que nunca a vejas. Já não me admiro de que falles della com essa indifferença e sangue frio, como quem falla de uma moça qualquer.

— E o que mais pode ser ella?... uma moça um tanto mais bonita que as outras, e que sabe cantar e remar admiravelmente, e nada mais. Mas como ia te dizendo esses rudes barqueiros estão longe de possuir as tuas prendas, gentileza e galhardia; portanto não admira, que ella do alto de sua formosura nem se dignasse de lançar um olhar de compaixão para a turba

desses estultos adoradores, que não sabião amar e nem erão dignos de serem amados. Mas tu, meo irmão, tu um gentil-homem com todós os encantos propios para seduzir nobres damas da mais alta fidalguia, tu perdes a esperança de conquistar o coração de uma simples barqueira ?!

— Como te enganas, Roberto?... tanto caso faz ella de gentileza como de fidalguia, e esses pobres pescadores, que tanto deprimes, ao menos alguns delles não erão tão indignos, como pensas, do amor dessa mulher. Acredita-me, meo irmão, Regina ou é um anjo, que devemos adorar de longe e de joelhos ou um demonio de quem devemos fugir ás legoas.

— Não creias nisso ; é uma simples mulher de carne e osso como qualquer outra. Só faltava agora tambem, que as ridiculas historietas e crendices dessa gente rude e boçal viessem transtornar-te o entendimento!... Dize-me ca, meo irmão ; já lhe fallaste?... Já lhe declaraste teo amor?...

— Ainda não.

— Então de que té queixas?... Por que esmoreces tão depressa ?

— Tem razão, — respondeo Rodrigo reanimando-se depois de um momento de reflexão ; não tenho motivo ainda para desesperar.

## CAPITULO VIII

### O PRIMEIRO IRMÃO

Roberto bem via que jamais lhe seria possível extirpar do coração de seo irmão a fatal paixão, que lhe inspirára a fada dos mares, e portanto longe de procurar dissipal-a com ponderações e conselhos sempre inuteis e descabidos em taes circumstancias, julgou mais acertado empenhal-o a proseguir com novos esforços a conquista da cobiçada belleza; em seo orgulho e altivêz de fidalgo pensava ser isso não só possível, como até de summa facilidade. Vendo seo irmão em risco de esquecer seos compromissos e faltar a um juramento sagrado, sentia cruéis angustias e inquietações.

— Uma paixão desgraçada e sem esperanças,  
— pensava elle com muita razão, — nos aca-



brunha e anniquila, nos inutilisa para tudo ; mas um amor feliz e retribuido, quando não se extingua, ao meno arrefece, e nos deixa o espirito tranquillo e livre para cuidarmos de outros interesses.

Eis ahi com que intuito Roberto usou para com seo irmão da linguagem, que vimos no precedente capitulo. De feito Rodrigo alentado de novas esperanças e conscio de quanto se avantajava em prendas do espirito e do corpo a quantos até ali tinham requestado a formosa e insensivel donzella, resolveo empregar novos e pertinazes esforços para ganhar-lhe o coração.

Vagando pelas praias arenosas dias inteiros, seguia as pegadas da fugitiva beldade, a qual adivinhando-lhe o intento o evitava cautelosa como a timida veada se esquivava á perseguição do jaguar. Mas era em balde ; o ardente e apaixonado mancebo achava sempre ensejo de atravessar-se em seo caminho, arrojava-se a seos pés, e com a eloquencia animada e quente do fogo do coração declarava-lhe todo o ardor da paixão, que o consumia, e em vão lhe pedia uma palavra, um gesto, uma tenue esperança. A filha do mar parecia possuir um talisman, que a preservava de toda e qualquer paixão ; seo coração resistia ao embate das mais provo-

adoras seducções, como as rochas da ilha encantada resistião ao choque perenne das ondas enfurecidas.

As palavras inflammadas do mancebo respondia ella sempre fria e severa, mas sem enfado, nem desdem:

— Perde seo tempo, moço ; eu não sei e nunca heide saber o que é amor. Meo unico amor ali está e com gesto altivo apontava para o oceano ; — sou filha do mar ; não tenho outro pae, nem outra mãe, e nunca hei de ter outro amor. O mar é livre ; meo coração tambem é e ha-de ser sempre livre como elle.

Ditas estas, palavras, esquivava-se ligeira como um silpho aereo deixando o misero amante com o coração despedaçado de angustias, o orgulho esmagado, mordendo as mãos e arrancando os cabellos em contorsões de desespero.

— Não ! — pensou elle por fim depois de reiteradas tentativas, em que baldou supplicas e lagrimas, juras e protestos. — Não ; não hade ser com palavras, mas sim com acções, que devo mostrar-lhe, que este amor, que me devora, é immenso como esse mar, que ella adora tanto, ardente como esse sol, que nos queima.

Uma tarde, como era seo costume, Regina fez resvalar sua esguia e ligeira piroga sobre as vagas douradas pelos fulgores do sol no occaso

e ganhou o largo. Sentada á popa abriu a branca véla ao sopro do terral, que a impellia com rapidez atravez das campinas ligeiramente encrespadas do oceano.

O vento brincava-lhe com os cabellos soltos, que refulgião aos raios do sol poente, como serpentes de matizes cambiantes. Reclinada á popa arrimava o braço nú e perfeitamente modelado á borda do barquinho, tendo a face encostada a uma das mãos, cujos dedos se embebião como um pente de marfim entre os annéis escuros da opulenta madeixa, emquanto com a outra manejava o leme com admiravel destreza e segurança. Os rozeos reflexos do occidente davão-lhe ao rosto, ao collo e aos braços descobertos uma transparencia e matiz ideal. Si a vissem os gregos de outras eras, jurarião ter visto Amphitrite percorrendo os dominios de Neptuno em sua concha de ouro e nácar arrasada por delphins.

Rodrigo, que escondido em distancia tinha seo barco amarrado em um recesso da praia, e a contemplava, ou antes a devorava com a vista anciosa, não poudo conter-se; soltou tambem o seo barco, e á força de remo e vélas em breve se poz ne esteiro da gentil barqueira, que se attirava doudamente através das vagas encrespadas. A viração fresca, que soprara de ter-

ra, a impellia rapidamente para o largo, e as vagas retouçando marulhosas em volta do pequeno batel o cingião de um vélo de espumas, no meio das quaes apenas se via o busto admiravel de Regina a semelhança de gentil nereida brincando e saltitando á flor das ondas.

O audaz e resoluto mancebo por seo lado tambem impellia com todo o vigor o seo esguio e veleiro batel, que galgava as ondas umas após outras como poldro bravio vencendo aos saltos os rochedos de alpestre serraia.

— Quero fallar-lhe de amor no meio das ondas, — ia elle pensando consigo. — Esse mar, de quem ella se diz filha, talvez seja mais propicio, que a terra, a meos amores. Minhas queixas, meos suspiros amorosos misturados ao ruido destas vagas, que tão grata harmonia tem á seos ouvidos talvez despertem-lhe nos seios d'alma benignos échos, e lhe influão sentimentos de ternura e compaixão. O mar, que ella tanto ama, o mar deve ser o unico confidente dos ardores, que me consomem.

Lançando os olhos pelo oceano, Rodrigo logo comprehendeo, que a temeraria barqueira demandava resolutamente o rumo da ilha maldita; mas nem por isso se acovardou, nem arripiou carreira, antes com mais ardor e denodo



ainda proseguio sua derrota no encalço da fugitiva ondina.

— Que importa, onde ella vae ! — dizia elle comsigo ; — seguil-a-ei por toda parte... A se-reia tem o seo ninho no mar ; só quem ousar acompanhá-la até lá, poderá ser digno della. Seguil-a ei ainda que vá até os confins dos mares.

A piroga de Regina porem resvalando ligei-  
ra como a aza da gaivota, que apenas roça pe-  
la superficie das agoas, conservava-se sempre  
á mesma distancia e não se deixava apanhar.  
Rodrigo redobrou de esforços, e no fim de algum  
tempo conseguiu avisinhar-se do barco de Re-  
gina a ponto de poder ser ouvido.

— Regina !... Regina ! — bradava elle com  
toda a força de seos pulmões, — espera-me !..  
escuta-me !.. — Seos clamores perdião-se sem  
resposta entre o fremito das vagas, como os  
gritos do naufrago por mares ermos imploran-  
do em vão soccorro.

---

## CAPITULO IX

### O CANTO DA SEREIA.

Rodrigo, joven de alma sensivel e romanesca, gostava de musica e sabia mui lindas e maviosas canções e barcarolas, que desd'a infancia apprendera com os barqueiros de Cadix, sua terra natal. Lembrou-se pois de cantar e ver se por esse meio conseguiria attrahir a attenção da esquiva ondina. Ella, que tanto se aprazia em encantar os echos com os accentos de sua vóz incomparavel, não se dedignaria tambem de prestar ouvidos aos cantares dos outros, e talvez que levados nas azas da harmonia as lastimas e queixumes de um amor desventurado conseguissem ameigar-lhe algum tanto o frio e insensivel coração. Portanto com um timbre de voz valente e maviosa a um tempo, dominando o fremito das vagas, começou a cantar as seguintes coplas :

Por que foges, branca fada  
De formosura sem par ?  
Porque me escondes teu brilho  
Formosa estrella do mar ?

Rouca em torno a tempestade,  
Meo barco vae soçobrar.

Só tu podes no meo peito  
Uma esperança plantar ;  
E as tormentas, que me cercão,  
Com tua luz aplacar.

Nestes medonhos abysmos  
Não me deixes soçobrar.

Ferve o mar, o céu em chammas  
Vem abysmos aclarar ;  
Nestas agoas desastrosas  
Vae meo barco soçobrar,  
Vem salvar-me por piedade  
Formosa estrella do mar !...

Calou-se o mancebo, e apóz instantes ouviu os échos de uma vóz de mulher, voz pura, argentina, suavissima, mas ao mesmo tempo de tão sonora vibração, que se fazia ouvir distintamente por entre o marulhar das ondas agitadas, e as brizas do mar levavão aos ouvidos de

Rodrigo moduladas com ineffavel melodia as seguintes endeixas ;

Eu sou perola das vagas,  
Que não sei, nem quero amar ;  
O meo peito é como a rocha,  
Onde em vão esbarra o mar.  
Mancebo, vae n'outra parte  
Teos amores suspirar.

Do que existe sobre a terra,  
Nada me pode encantar ;  
Só amo a Deos nas alturas,  
E a liberdade no mar.  
Mancebo, vae n'outra parte  
Teos amores suspirar.

E a vóz da sereia ondulando em puras e suas modulações enchia o espaço de indefinivel encanto ; as ondas parecião bolear-se mais mansas, e as brisas como que amainavão seo sopro para não dispersarem os accentos de tão maviosa e enlevadora canção.

Rodrigo, deixando escapar o remo das mãos, escutava absorto as accentos desse ineffavel e estranho cantar, do qual cada nota lhe varava o coração como uma lamina envenenada. Ao passo que o encanto dessa vóz tão pura e suave



parecia querel-o arrebatat ao céo, as crueis palavras, que cantava, lhe vertião n'alma todas as torturas do inferno. Nas azas de ouro da mais encantadora melodia a fada implacavel lhe mandava o fel do mais acerbo desengano.

E a piroga de Regina resvalava ligeira pela superficie dos mares, e o canto maviosissimo se perdia ao longe entre o bramido das vagas, como os arrulhos do alcyon, que sobre o ninho fluctuante diz adeos ás praias, que abandona.

Rodrigo só despertou do cruel deliquio, que o esmagava, quando as ondas balouçando-se com violencia começarão a sacudir-lhe o batel em movimentos desencontrados. Procurou com os olhos a piroga de Regina, e a custo pode avistala balouçando-se horrivelmente entre os escarcéos medonhos, que rugem de continuo em torno dos cachopos da ilha maldita. Apenas por momentos divisava a branca véla, que se alçava tremendo sobre a crista de um vagalhão, como a grimpa de uma torre, para immediatamente sumir-se de chofre como engolida por um sorvedouro. Diante de seos olhos a poucas amarras de distancia, erguia-se a prumo a lisa e pavorosa penedia, que circumda a ilha sinistra. Ali as ondas rebentando furiosas de encontro aos rochedos escarpados, que a cingem por todos os lados, se despedação e fervem entre horrissonos

bramidos, como um bando de monstros marinhos, que porfião por devoral-a.

Entretanto a fragil e leviana piroga de Regina lá se ia costeando a pouca distancia a horrenda penedia, e violentamente sacudida pelas vagas revoltas desse mar horrivelmente cavado, parecia a cada momento em risco de submergir-se nos abysmos, ou despedaçar-se de encontro aos rigidos penedos.

Rodrigo estremeceo, e o coração gelou-se lhe de susto ao encarar o eminente e tremendo perigo, que ameaçava a fada de seus amores. Era para elle evidente, que naquelles broncos e inacessiveis cachopos seria impossivel um desembarque, e não podia comprehender por que fatal loucura a temeraria moça se affoutava a arrojarse ao batél por tão temerosas e desastrosas paragens, e persuadia-se que sua morte seria inevitavel, si alguém não corresse a soccorrel-a.

Salval-a, ou morrer! — foi o pensamento unico do mancebo, a irrevogavel resolução que tomou naquelle instante supremo. Largou todo a panno, travou do remo, e com indomavel vigor e resolução, atirou seo barco através dos escaféos. Nunca mais porem ponde avistar nem véla, nem barco, nem Regina; tudo havia desaparecido no eterno e tempestuoso turbi-

lhão, que circumdava a ilha. Desesperado e louco de raiva, Rodrigo tentou ainda esforços supremos para avisinhar-se dos penedos em direcção ao lugar, onde havia perdido das vistas a piroga da fada inflexível. Queria ir também quebrar o seo batel de encontro aos penedos malditos e sepultar-se para sempre nas mesmas agoas, que servião de tumulto á Regina. Mas a despeito de vento favoravel, que lhe enfunava rijamente o panno, a despeito do infatigavel vigor e celeridade, com que manobrava o remo, depois de algum tempo de inútil porfia, percebeo que não tinha avançado nem uma braça. Parecia que ou o seo barco se conservava immovel, ou que a ilha fugia constantemente diante d'elle. Entretanto, cousa estupenda ! não obstante o pavoroso estampido da resaca abalroando nas penedias, cuidou ouvir ainha os échos maviosos de uma vóz de mulher repetindo o mote execravel da odiosa canção :

Mancebo, vae n'outras partes  
Teos amores suspirar.

Por fim exausto de forças, e quasi desfallecido, Rodrigo entregue ao mais profundo e sombrio desalento, deixou-se cahir no fundo do barco, que deixou ir a mercê dos ventos e das

ondas... Assim vogou por longo tempo aturdido e aniquilado pela fadiga e pelo embate de tão dolorosas e pungentes impressões, e só deo accordo de si, quando a proa de seo batel esbarrou encalhada nos aréaes da costa. A maré, que enchia, e os ventos, que sopravão ponteiros de sul-éste, o tinhão trazido, sem que elle o sentisse, quasi ao mesmo ponto, donde algumas horas antes havia partido no encalço da fatal belleza, que o trazia fascinado !

---



## CAPITULO X

### DESENGANO

Já a noite ia avançada; Rodrigou saltou automaticamente fora da barca, e a passos indecisos, cambaleando como um ebrio dirigio-se para a casa. Seos irmãos, affeitos á suas longas e continuadas ausencias ja dormião ; não quiz despertal-os, e passou noite febril entre sonhos sinistros e angustiosas vigalias. Tinha como cesta a morte de Regina ; essa gentil inimiga, a quem tanto adorava, havia succumbido a seos olhos devorada por esse traidor oceano, que ella amava tanto, e elle não pudéra salvá-a, nem offerecer-lhe o mimimo soccorro!... Entretanto era elle o unico responsavel por tamanha desgraça, elle, que com suas loucas e importunas perseguições a tinha forçado a arrojarse desatinadamente por aquelles mares revoltos,

onde em cada vaga a morte rugia ameaçadora. Este horrivel pensamento escaldava o cerebro ao mancebo, e ralava-lhe o coração, até que a fadiga lhe vinha cerrar os olhos em um somno febril e agitado. Então Regina lhe apparecia naufraga luctando sobre as ondas em ancias de desespero, e estendendo-lhe os braços convulsos a pedir soccorro ; mas elle pregado em seo barco immovel fazia em vão desesperados esforços para correr a salva-a ; seos membros inertes e pesados como chumbo não querião mover-se e parecia terem-se petrificado. Depois a ia encontrar morta estendida sobre a praia, hirta e gelada, extincta a luz nos olhos vidrados, lividos e mudos para sempre aquelles labios formosos, donde se desprendião tão doces canções e sorrisos fascinadores. Affrontado então de horrivel pesadelo accordava, saltava do leito hirta e a tremer, os cabellos a pino, a fronte banhada em suor gelido. Ah ! a realidade surgia então em seo espirito, tão medonho como esse sonho, que não fora mais que um reflexo da verdade. Só faltava ter diante dos olhos o cadaver de Regina, o qual estava certo que ao romper do dia iria encontrar estirado na praia tal qual o tinha visto em sonho, e novas e mais pungentes angustias vinhão ralar-lhe o coração.

De novo adormecia em um febril lethargo, e

sonhava, que havia salvado das ondas a moça semimorta, e a recolhera em seu barco, donde elle recobrando os sentidos com um meigo sorriso o apertava nos braços, e entre caricias e beijos lhe protestava eterno amor. Acordava, e cahia precipite do ápice do mais delicioso sonho aos abysmos da mais cruel realidade, como os anjos rebeldes fulminados pela colera de Deos outróra havião cahido de chofre dos esplendores do empyreo no reino da dor e da escuridão eterna.

Apenas os primeiros clarões da nascente aurora penetrarão pelas fendas de sua habitação, Rodrigo sahio para a praia, e começou a percorrel-a. Esperava deparar com o cadaver de Regina arrojado á praia, ou pelo menos os destroços de seu batel boiando sobre os mares. Nem uma, nem outra cousa avistou. A manhã estava esplendida e serena; o mar bonançoso arfava em languidos balanços pelas alvas areias do litoral, e ao longe no horisonte luminoso surdia de entre um anél de brilhantes espumas a massa escura da ilha malsinada, como amethysta encravada entre folhados de prata.

Rodrigo esteve por longo tempo a pairar as vistas inquietas já pelos longos aréaes da praia, já pelas solitarias e infindas planicies do oceano, sem avistar cousa alguma, que puzesse termo á suas incertesas e anciedades. Em fim

divisou uma branca velinha, que mal bruxuleava no horisonte, e que fronteando com a ilha maldita singrava rapidamente com direcção á costa ; o coração pulou-lhe sobresaltado. Daquelle lado e a taes horas qual outro batel poderia partir senão o de Regina ?... Cravou nelle os olhos e esperou longo tempo ; antes porem que pudesse reconhecê-lo, Rodrigo ouviu distinctamente com surpresa e assombro uma argentina e sonora vóz de mulher, que entoava ainda aquelle estribilho fatidico tão odioso á seos ouvidos :

Mancebo, vae n'outra parte  
Teos amores suspirar.

Já não podia haver duvida ; era Regina ; era a inconcebivel fada dos mares, que lá vinha viva e illeza em seo barquinho aventureiro.

Rodrigo, que então formára o proposito inabalavel de disputal-a viva ou morta ao oceano, ou para sempre submergir-se com ella nessas ondas malditas, onde a julgava sepultada, sentio ao avistal-a subita alegria alvoroçar-lhe o coração ; mas foi apenas um lampejo fugaz como o relampago, que alumia as trevas para tornal-as de chofre mais medonhas e profundas. Nas melodiosas notas da canção fatidica chega-



vão-lhe aos ouvidos os échos lugubres de sua condemnação.

— E portanto ella vive ! — murmurou soluçando o desventurado mancebo ; — e com ella revivem os meos tormentos de todos os dias!... Ella vive para continuar a zombar de meo amor, como zomba dos temporaes, e dos cachopos de sua ilha abominavel !... Folga e ri com as tempestades do mar ; folga e ri tambem com as tormentas, que concita no coração dos homens. Ah ! é bem certo o que dizem ; não é uma mulher ; é uma filha das trevas, uma fada malfazeja ; é o genio do mal, que na figura de um anjo véio ao mundo para torturar os corações. Sou uma de suas victimas ; a sentença é irrevogavel ; tenho de morrer por ella !

Poucas horas depois Rodrigo dizia a seo irmão Roberto, confidente unico de seos malaventurados amores :

— Roberto, meo caro irmão, estou irrevogavelmente condenado !... apagou-se minha ultima esperanza, e no futuro só vejo angustias, desespero e morte. Já tenho a morte n'alma ; o corpo em breve tambem succumbirá. Eu devera despedaçal-o aos olhos desse idólo féróz ; seria para ella um prazer indefinivel banhar-lhe os pés no sangue de sua victima !... mas não ; não quero dar-lhe mais esse regosijo... irei para

bem longe matar-me, ou finar-me lentamente entregue á angustia e a desesperação.

— Que lastimosa e fatal fraqueza entrou-te pelo coração, meo pobre irmão! — replicou Roberto. — Por uma simples barqueira, que não tem outros merecimentos mais que a belleza e a mocidade, desprezas um futuro brilhante, esqueces um juramento...

— Basta, Roberto, basta, — interrompeo o moço com voz supplicante; — bem sei o que me vaes exprobrar. Poupa-me esse desgosto. Que hei de eu fazer?... Uma força sobrenatural, um poder inflexivel e tiranico, a que não posso resistir, escravizou minha vontade. Acredita-me, Roberto, essa mulher verte dos olhos malditos um efluvio satanico, que enerva e envenena os corações, e quebranta as mais poderosas energias. Ella tem em seo poder minha alma e minha vida, e é desejo della perder minha alma, e arrancar-me a vida. Foge de mim, Roberto; estou perdido; sou um prescito!... foge della tambem; não creias, que é uma mulher; não!... é o espirito das trevas, que se incarnou naquella figura de maravilhosa belleza para arrojarnos no abysmo da eterna perdição!

O Reginal!... Reginal!... tu que podias ser um anjo para nos abrir as portas do céu, por que te convertes em furia para nos levar ao inferno!

Pronunciando estas phrases com vóz convulsa e rouca, as feições transtornadas, os labios espumantes, desvairado e em fogo o olhar, Rodrigo parecia um possesso atormentado pelo espirito do mal. Roberto olhava consternado para seo irmão, e abalado pela mais profunda commiseração, não sabia o que dizer-lhe.

— Que desgraça, meo irmão !... que fatal cegueira ! — exclamou emfim depois de largo silencio. — Um moço, como tu és, agil, valente, cheio de prendas e galhardia, raça de illustres e esforçados fidalgos, tu te resignar a morrer ignobilmente por amor de uma obscura mulher, só por que é bonita e sabe volver um leme e entoar bem uma cantiga ? !

Valha-te Deos, meo irmão !... pois faltão mulheres bonitas neste mundo ?...

— Certo que não ; mas aquella, Roberto, aquella não é uma mulher ; é uma fada, um anjo, uma sereia, um demonio ; um mixto monstruoso de tudo quanto ha de formoso, celeste e adoravel, e de tudo quanto há de abominavel e infernal. Eu parto, meo irmão, não sei para onde ; o ar destas paragens me abafa e me envenena as entranhas. Si eu não voltar dentro de um anno, fica certo, que nunca mais verás sobre a terra teo desgraçado irmão.

## CAPITULO XI

### MAIS UMA VICTIMA.

— Deixa-te desses sinistros pensamentos, meo caro irmão ; cuidemos antes em nossa vida, nos interesses de nosso futuro. Queres que comnosco se extinga a valente e illustre raça de nossos avoengos ?... tractemos de trabalhar para comprarmos um navio, que nos tire destas aridas e mesquinhas praias, e nos transporte para regiões mais felizes e civilisadas, onde não nos faltarão riquezas, honras, prazeres e mulheres.

— Honras, riquezas, prazeres !... hoje tudo isso para mim são vãs palavras ; nada disso tem valor para minha alma, que sem Regina não pode comprehender o que seja felicidade.

E Regina é a flor, que nasceo no rochedo inacessivel, a estrella, que luz nas profunde-



zas do firmamento, ou a perola do abysmo, a que mãos humanas não podem tocar !... Adeos, meo irmão, levo a morte no coração e quero morrer longe destes lugares e dos olhos della. Tu e Ricardo sois mais fortes que eu, e bem podeis sem mim levar avante os projectos e conselhos de nosso pae ! ah ! possa elle lá do céo, onde se acha, lançar-me um olhar de compaixão e perdoar a este seo indigno filho !...

— Bem ! já que essa é a tua vontade irrevogavel, vae-te, meo irmão ; vae-te em páz, que eu ca fico para vingar-te...

— Vingar-me ? ! como ? pode alguém vingar-se de uma dama, por que não nos quer ?... offender a uma mulhér é indigno de um cavalleiro.

— Não te dê isso cuidado ; eu não tocarei em um só fio de seos cabellos.

— Então qual a vingança, que pretender tomar ?

— Muito simples ; hei-de quebrar o encanto a essa intractavel e maldita fada, hei-de abater-lhe o orgulho fazendo-a soffrer o mesmo, que hoje soffres ; ha-de amar e não ha-de ser amada.

— E a quem amará ella ?

— A quem ?... a mim mesmo ; hei-de vel-a rendida a meos pés, ha-de adorar-me, e eu...

— E tu que farás ?...

— Hei-de fazer com ella o mesmo, que ella fáz contigo ou péor ainda.

Um sorriso de incredulidade, sorriso amargo e triste como um raio do sol de inverno, pairou ligeiro pelos labios de Rodrigo, que abandonando a cabeça murmurou :

— Ah ! Roberto ! Roberto ! pensa bem no que vaes fazer !... é uma loucura, de que tarde terás de te arrepender. Vaes brincar com uma serpente, e queira Deos não saias como eu com o seio mordido e o veneno no coração !...

— Não tenhas o menor receio ; poderei não conseguir domal-a, mas asseguro-te, que hei-de sahir-me do combate tão illeso e são, como agora aqui me acho.

— Por demais confias em ti, Roberto. Tu és bello, e ella formosissima... si ficardes morrendo um pelo outro... considera quão dolorosa seria para mim vel-a em braços de outro, embora fosse um irmão. Ah ! por cousa nenhuma desta vida eu quereria odiar-te !...

— Tal receio nem de leve te deve passar pelo espirito. Ainda mesmo que eu tivesse a desventura de render-me aos encantos dessa mulher, embora ella me adorasse tambem, teo irmão, — eu te juro pelas cinzas de nosso pae, que ali jaz sepultado no adro da capella, — teo irmão jamais se entregaria á aquella, que é objecto do teo amor.

— Pois bem ; si essa é a tua vontade inabalavel, confio em ti, meo irmão ; faze o que entenderes. Adeos ! si dentro de um anno eu não voltar aqui, resa por minha alma.

— Em menos de um anno saberás, que estás vingado.

Desde esse instante Rodrigo, o mais velho dos tres irmãos, desapareceu do lugar, e ninguém, á excepção de seos dous irmãos, soube o que fora feito delle. Alguns entenderão que havia naufragado em alguma dessas perigosas excursões que emprehendia no encalço da fada intractavel, que o tinha fascinado. Tinha encontrado um escaler encalhado na praia, sem remo e com o leme despedaçado ; entenderão, que era o seo barco, e que o seo dono fora devorado pelos abysmos do oceano. Outros mais avisados considerarão que o moço, habil e vigoroso barqueiro como era, elle, que tantas vezes zombára de escarcéos medonhos e dos mais revoltos temporaes dirigindo seo barco como o gaúcho guia o poldro bravio pelas savanas do deserto, não se deixaria perder no meio dessas ondas, que tanto conhecia. Concluirão portanto, que o desventurado mancebo quebrára de proposito seo barco, sua esperança e sua vida de encontro ás penedias, a fim de extinguir para sempre no seio das tempestades do oceano a eterna tempestade de sua alma.

## CAPITULO XII.

### O SEGUNDO IRMÃO

Roberto pois, tão gentil, esbelto e vigoroso como seo irmão, porem de indole talvez ainda mais fogoza, audáz e resoluta, concebeo o singular projecto de quebrar o encanto da orgulhosa e intractavel Regina, e vingar seo irmão e todas as demais victimas, que o tinham precedido, inspirando a essa fatal beldade um amor, que nunca seria correspondido. Insensato e extravagante projecto, que só poderia germinar-se na proterva e louca phantazia de um fidalgo de vinte annos, possuindo em alto gráo todos os predicados, que podem encantar a mulhér, mocidade, belleza, elegancia e audacia. Não tinha riqueza, é verdade ; mas tambem de que valeria a riqueza aos olhos de uma fada, de um ente misterioso inteiramente fora das condições da vida ordinaria ?



Roberto porem não partilhava a crença vulgar a respeito de Regina, nem acreditava em influencias sobre naturaes de fadas, nem se-reias. Tinha elle a fada do mar em conta de uma mulher ordinaria. O que em seo entender dava extraordinario realce aos encantos de Regina, era o facto de existir ella, mimosa, gentil e interessante creatura, no meio de toscas e desairosas pescadoras, grosseiramente trajadas e inteiramente destituidas de todo e qualquer attractivo. Todo esse prestigio pois, que a fazia passar por uma creatura sobre natural, em sua opinião resultava somente da força do contraste.

Julgando-a por essa forma, e vendo os infortunios e catastrophes de que era causa, Roberto sempre extremado em seus juizos não podia deixar de consideral-a como um monstro de orgulho e perversidade, que folgava com as lagrimas e desgraças de seus adoradores. Doia-lhe no fundo da alma a sorte miseranda de tantos mancebos, que havião tido o mais funesto fim por se terem rendido ao encanto dessa inflexivel e fatal belleza. Por isso sem conhecê-la ainda concebera por ella o mais vivo despeito, e votava-lhe intima e profunda aversão, como a uma serpente maldita.

Quando porem o irmão, que tanto amava,

tornou-se a seo turno victima da insensibilidade e orgulho dessa mulher, seo despeito subio de ponto, e jurou desfazer o encanto da execravel fada, que só sabia derramar em torno de si lucto e desastres, desespero e morte. Quebrando-lhe de uma vez a isenção e o orgulho esperava assim redusil-a á suas verdadeiras proporções de fragil creatura humana, e evitaria para o futuro novas e deploraveis catastrophes.

Não tinha Roberto ainda visto senão de relance e em distancia a gentil causadora de tantas desventuras, e nem tão pouco havião trocado uma palavra, um olhar si quer ; do contrario talvez não se tivesse abalançado a tão louca e temeraria empreza. Contando com as vantagens de sua figura, com os recursos de seo espirito, e julgando-se com um coração superior ás paixões, o inexperiente mancebo, certo da victoria, arrojou-se denodado ao desempenho de seo extravagante designio. Como ella a todos evitava, força lhe foi procural-a, e foi bastante vel-a uma só vez por momentos para que immediatamente tivesse a amarga convicção; de quão insensata e desastroza era a tentativa, em que se empenhára !...

Corria uma serena e formosa manhã de julho com seo bafejo de tepidas e perfumadas ara-

gens ; o mar espreguiçava-se soluçando ao longo das praias solitarias, e um d'afano vapor de ouro e rosa mitigava os ardores do sol suspenso sobre o oceano nas orlas do horisonte. Regina estava sosinha a beira-mar, sentada sobre uma lasca de rochedo, com a face encostada a uma das mãos, e olhando ao longe pelos vastos mares. Os cabellos soltos chovião-lhe caracolando pelas alvas espaduas, que os raios do sol illuminavão com reflexos de ambar e roza. A boca entre-aberta conservava uma expressão entre risonha e melancolica, e os labios vermelhos como bagas de romã agitavão-se levemente como que murmurando palavras misteriosas.

Os pés e as pernas encrusadas lhe apparecião até o meio da tibia sob a tunica ligeiramente arregaçada, semelhando nitidas columnas de primoroso lavor cambiando á luz do sol as cores do nácar e do lyrio. Amarrado á praia o barquinho, unico e inseparavel companheiro seo, dormia arfando indolentemente á mercê da resaca, como o cão fiel resonando aos pés de seo dono.

Evidentemente ella cismava ; em que, ninguém saberia dizel-o. Amores ?..., nunca os tivera. Saudades !... de que, si ella não tinha pae nem mãe, patria nem familia ?...

Embebia-se por ventura em sonhos ideaes, em mysticas e celestes aspirações?... ou elaborava no craneo maldito machinações infernaes para perder as almas incautas e juvenis?... Podia ser uma ou outra cousa, pois que essa mulher inconcebivel tinha uma dupla natureza, e parecia reunir em si tudo quanto ha de bello, puro e adoravel nos seres angelicos, e o que ha de mais monstruoso e execrando nos espiritos infernaes, sem estar sujeita a nenhuma das fraquezas da humanidade.

Enlevada naquelle extase ethereo parecia uma creatura incorporea, diafana, impalpavel, um phantasma de luz, absorvendo em si tudo quanto ha de bello, de puro, de harmonico e beatifico na terra, e no céo. Na pureza ideal do perfil e das formas, na singeleza do nobre e gracioso porte, na serenidade e candura, que lhe respirava em toda a physionomia, era um cherubim. Pelo suave languor dos olhos, pela seductora expressão dos labios humidos e nacarados, pelo mimo, frescura e transparencia do colorido, pelos morbidos e voluptuosos contornos do collo, braços e hombros nús, a julgariéis uma houri, uma nayade, uma Venus Aphrodite.

Roberto, que a divisára em distancia, avisi-nhou-se cautelosamente; pareceo-lhe ter dian-



tedos olhos uma visão celeste a respirar luz e perfumes, amor e beatitude. A medida porem, que se ia approximando e que poude observar mais distinctamente aquelle typo de ineffavel formosura, um sentimento indefinivel de assombro e de terror foi-se apoderando de seo espirito. Por mais que se esforçasse para recuperar seo sangue frio e sobranceria habitual, cada vez mais se perturbava. Tentou em vão desviar della os olhos deslumbrados ; seos olhos se conservavão cravados sobre aquella imagem radiante de belleza, como em um foco de irresistivel attracção. Parou emfim a alguns passos de distancia, confuso, enleado, estatico. Quiz fallar-lhe ; porem que lhe diria elle ? onde sua lingua entorpecida pelo pasmo poderia achar sons, que exprimissem o que sentia ?... Amedrontado como por uma visão sobre natural, tentou fugir ; mas os pés recusavão-se ao seo desejo, e como que tinham creado raizes, que se entranhavão no solo. Assim por largo tempo permaneceu como petrificado até que Regina voltando-se casualmente deo com os olhos nelle.

— Que é isto, meo Deos !... — exclamou ella sobresaltada — quem sois ?... que fazeis aqui ?... pensei que estava sosinha !...

— Gentil pescadora, — respondeo Roberto

confuso e balbuciando, — eu... nada mais fazia... do que... admirar-a.

— Ah! era so isso!— replicou a fada com um tom o mais indifferente do mundo;—bem pouco tem que fazer então. Não é bom costume esse de vir surpreender a gente, quando se está só.

Dizendo isto Regina ergueo-se altiva e desdenhosa, e sem ao menos olhar para o mancebo dirigio-se para o seo barco, saltou dentro e fez-se ao largo.

Roberto ali conservou-se por largo tempo na mesma posição, mudo, immovel, aniquilado, com os olhos fitos na barquinha, que lésta e velóz lá ia conduzindo a inflexivel beldade através das ondas ligeiramente encrespadas pelas auras matinaes. Assim pois desd'o primeiro encontro com a inimiga, que em seo louco orgulho esperava ver abatida a seos pés, vio-se vencido sem combate, humilhado e perdido para sempre. Não levou muito tempo a chegar-lhe aos ouvidos o formidavel estribilho da canção de Regina :

Eu sou peróla das vagas,  
Que não sei, nem quero amar  
O meo peito é como a rocha,  
Onde em vão esbarra o mar.

Mancebo, vae n'outra parte  
Teos amores suspirar.

Esse pungente sarcasmo, envolto em ondas da mais suave e angelica melodia, vibrado por uma voz do mais argentino e delicioso timbre, echoou no coração de Roberto como lugubre sentença do mais acerbo desengano.

A despeito porem de tão rude revéz em sua primeira tentativa, o fogoso mancebo não recuou e arrastado por uma attracção irresistivel proseguiu com implacavel pertinacia no louco proposito de render o coração da inflexivel donzellá.

Já não o impellia mais o desejo de libertar os habitantes daquelle lugar da funesta influencia de Regina, nem tão pouco nem insensato plano de vingança ; era agora uma paixão ardente e voráz como um incendio, impetuosa e desvairada como as tormentas do oceano. Desde que puzera os olhos em Regina, todo o despeito e rancor, que lhe votava, se havia convertido de chofre no mais violento e cego amor, na mais fervorosa e fanatica adoração. Longe de quebrar á sereia o seo encanto fatal, foi elle, quem ficou para sempre encantado e prezo na rede inextricavel dos attractivos da filha do mar.

Todavia a despeito desse affecto ardente, cego, immenso, que lhe protestava, a despeito de sua gentil figura e garbozo porte, e tantas outras prendas, que lhe adornavão o corpo e o espirito, o moço jamais pôde conseguir da inexo-

ravel fada uma palavra ao menos de dubia esperança, um olhar menos indiferente, um gesto de complacencia. A' suas palavras de fogo respondia ella, como já respondera a seo irmão glacial e severa, mas sem enfado nem desdem :

— Perde seo tempo, moço ; eu não sei, e nunca hei-de saber o que é amor.

Victima da mais tiranica e indomavel paixão, Roberto achou-se collocado na mais horrivel e angustiosa situação, que se pode imaginar. Mais desgraçado ainda que seo irmão via-se arrastado por um poder fatal e irresistivel pelo rapido declive da ignominia e perdição ; ia ser duas vezes perjuro ; desleal e perjuro para com seo irmão, perjuro e sacrilego para com os manes de seo pae. Si Regina jamais quizesse retribuir-lhe o inextinguivel amor, que o devorava, a dor o levaria aos extremos da desesperação e da loucura, e morreria como um prescito sem salvação possivel neste nem no outro mundo. Si porem um dia a fada se rendesse, oh ! como poderia elle resistir-lhe ?... não teria forças para tanto, e então seria peor que um prescito ; seria um monstro digno de todas as maldições do céo e da terra.

Em momentos de alguma calma e lucidez de espirito fazia fervorosas supplicas ao céo, para que lhe arrancasse do seio sua funesta paixão,



ou pelo menos jamais permittisse, que Regina correspondesse ao seo affecto. So assim poderia ainda salvar-se da medonha voragem, que ameaçava tragar-lhe a vida e a alma. Mas esses votos erão para logo abafados pelos indomaveis impulsos da paixão, que assoberbava-lhe a vontade e obumbrava o entendimento, e o misero mancebo corria como louco em procura da intractavel beldade, e rojava-se aos pés della entre supplicas e lagrimas a lhe pedir amor.

Um dia, como já fizera seo irmão, vendo a moça soltar sua véla aos ventos e fazer-se ao largo, manobrou tambem seo batel em seguimento della. Mas a rapidapiroga da sereia voava sobre as ondas, e zombava dos esforços, que fazia Roberto para alcançal-a. Todavia a foi acompanhando sempre até que o barco da moça empegando-se nas agoas da ilha maldita sumio-se entre os alterosos escarcéos, que a cingem de uma toalha de espumas revoltas e rugidoras.

Roberto ficou transido de terror ao ver o fragil batel sacudido pelas ondas furiosas ora abrolhar tremendo como secca folha no pincaro espumoso de um vagalhão, ora precipitar-se a pino pelas medonhas voragens do oceano.

Convencido de que seria inevitavel a perdição de Regina, empregava esforços supremos

para correr em seu auxilio. — Salva-a, ou morrer com ella! — assim pensou elle; assim tambem havia pensado seu irmão em circumstancias em tudo idênticas. Mas não o consentirão as ondas, que ali fervião em perennal tormenta quebrando-se em revoltos e descontraídos movimentos, e que noite e dia galopavão bramindo em volta da ilha maldita como um bando de dragões furiosos vedando o seu accesso a todo o barco, que não fosse o de Regina.

Exhausto em fim de forças, arquejante de fadiga, angustia e desespero, Roberto para cumulo de tormento sentio cheio de pasmo chegarem a seus ouvidos os accentos de uma voz suave e maviosa, porem de tão valente e sonora vibração, que se fazia ouvir distinctamente entre o rugir das vagas rebentando nos cachópos. Era a voz da filha das ondas, que d'entre os escarcéos, em que seu barco se debatia, soltava ás virações do mar o inexoravel estribilho de sua canção :

Mancebo, vae n'outra parte  
Teos amores suspirar.

Roberto cahio desfallecido no fundo de seu barco. Quando voltou a si, este se achava encailhado na areia da praia, para onde a maré o havia trazido, não longe da cabana, em que morava.

## CAPITULO XIII

### O SONHO

— Meo irmão, — disse elle no dia seguinte á Ricardo, o mais moço dos tres irmãos, — de hoje em diante vaes ficar só nesta cabana...

— Que estás dizendo, Roberto?... — replicou sorprendido o irmão ; — pois tu tambem vaes deixar-me ?...

— Sim, meo irmão, pois que não ha remedio.

— O que te aconteceo?... o que te obriga?...

— O mesmo, que a nosso irmão mais velho; sou victima de uma paixão funesta ; sou mais um desgraçado, a quem essa maldita fada, que a tempos anda malsinando estes lugares, arroja para sempre no abysmo da perdição e do infortunio.

— Oh ! meo Deos ! meo Deos ! — exclamou o adolescente cheio de angustia e consterna-

ção ; — ainda essa mulher ! essa mulher fatal !... até quando permittirá o céo que ella fique nesta terra para flagello e perdição de tanta gente !...

— Foge della, Ricardo ; foge dessa belleza fatal, como quem foge de um espectro sinistro, de um dragão, que nos quer devorar ; como quem foge do espirito das trevas, que nos quer arrastar para o seo reino de eternas dores. Não creias, que é uma mulher ; de baixo daquelle aspecto de anjo se esconde uma serpente, que te morderá o seio, e te infiltrará no coração subtil veneno e devoradora chamma.

Vendo assim fallar Roberto com o peito offegante, o gesto abatido, o olhar sombrio e desvairado, como quem se achava debaixo da impressão de um terror sobrenatural, Ricardo compadeceo-se intima e profundamente de seo irmão, como este outróra se havia compadecido de Rodrigo em identicas circumstancias.

— Bem sei, Roberto, — replicou elle depois de curto silencio, — bem sei, quem é essa funesta beldade, posto que nunca a tenha visto ; nem era preciso, que me avisasses. De ha muito tenho medo dessa mulher fatal, e fujo de seo encontro, como quem evita os escólhos da ilha maldita. Posto que ainda muito joven a experiencia dos outros, e principalmente a tua e a



de nosso irmão mais velho me fazem arripiar de horror.

Mas para onde vaes?... o que pretendes fazer, meo caro irmão?... por que me deixaes aqui tão só... Eu tão moço ainda, fraco e sem experiencia que poderei fazer abandonado a mim mesmo nestas broncas praias?...

— Ah ! meo querido Ricardo !... perdoa-me ! não podes avaliar quanto me custa o deixar-te, que atróz e pungente magoa me aperta o coração ao dizer-te este adeos... talvez eterno !... mas de que te serviria eu ficar juncto de ti?... eu já não vivo, Ricardo ; sou um phantasma errante, que ando a arrastar entre os vivos o manto pezado de meos tormentos, e se tenho ainda uma alma é só para sentir os continuos e desapiedados golpes da dor, que me flagella o coração. Não, não me é possível viver na terra, em que existe Regina. O ar, que ella respira, me envenena ; o chão, em que piza, abraza-me os pés ; e estes mares, que ella sulca rindo e cantando, estão sempre a murmurar a meos ouvidos um cantico de feróz escarneo !... Oh !... não, não posso ficar !... se eu ficasse, Ricardo, terias em breve o desgosto de me ver expirar do modo o mais lastimoso entre as torturas do desespero !... Tu fica, e vive, meo irmão ; és forte, audáz, intelligente, e por ti só poderás fa-

zer muitas e nobres cousas, que uma desastrada estrella impedio teos desgraçados irmãos de levarem ao cabo.

Lembra-te, que agora és o unico representante de uma nobre e desditosa familia, e o ultimo depositario de uma herança sagrada.

Porem cuidado, meo irmão !... tracta de evitar esse terrivel escólho, onde eu, teo irmão e tantos outros, tivemos a desgraça de naufragar. Evita a mulher maldita, e tudo te correrá bem. Si Rodrigo e eu succumbirmos, a ti cumpre viver para perpetuar nossa geração. Adeos, meo querido Ricardo !...

— Adeos, meo irmão !...

E o segundo irmão desapareceo tambem daquelles lugares, sem que ninguem soubesse ao certo, que destino levára. Todos porem acabarão por convencer-se que tivera o mesmo fim de seo irmão mais velho, e pelo mesmo motivo, e as mães tiverão mais um caso sinistro a registar na memoria para contarem a seos filhos e netos, e mais uma occasião de esconjurar a sereia maldita, causa de tantas desgraças e calamidades.

Ricardo vendo-se sósinho, e abandonado por seos irmãos naquellas broncas regiões conservou-se longos dias entregue á mais triste e desanimada inacção. Cismava de continuo nessa

mulher de fatal e estranha formosura, que assim o privava da companhia de seos caros irmãos reduzindo-o a mais precaria e desoladora situação. Si bem que lhe votasse profunda antipathia e entranhado rancor, pensava comsigo que bem extraordinaria devia ser a belleza dessa mulher, que tinha o funesto condão de allucinar quantos mancebos tinham a desgraça de enchergal-a. Todavia, como nunca a tinha visto, não podia conceber como uma mulher, por formosa e seductora que fosse, tivesse o poder de captivar a tal ponto a vontade, e subverter as idéas de um homem. Não desejando encontrar-se com ella, não a evitava, e sentia mesmo pungir-lhe interiormente uma secreta curiosidade de ver de perto tão extraordinaria mulher que devia ser um assombro de formosura. Em sua alma ingenua e virgem, o adolescente julgava-se ao abrigo de qualquer emoção amorosa, e pensava que affrontaria com toda a calma e seguridade os perigos de um encontro com a seductora fada.

Um dia com a alma acabrunhada de tédio e melancolia, — cousa tão impropria de seos verdes annos, — Ricardo depois de ter percorrido longas horas pelas praias ermas, ora lembrando-se com viva saudade de seos infortunados irmãos, ora concentrando toda a força do pen-

samento nessa mulher singular, que evocava no espirito revestida de todos os seus terríveis encantos, reclinou-se junto a um rochedo, que se debruçava sobre a praia formando como um toldo de granito e derramando sobre a fina areia fresca e deliciosa sombra.

O sol do meio-dia reverberando nos arêaes produzia calma intensa e oppressora.

Ricardo adormeceu e sonhou. Divinas accordes de uma voz melodiosissima echoarão a seus ouvidos banhando-lhe o coração em effluvios de ineffaveis delicias. Esse cantar mavioso parecia partir do seio de uma nuvensinha branca, que a semelhança de um tufo de alvinitente arminho vinha boiando sobre as vagas a demandar a praia. Essa nuvem, que gradualmente se adelgaçava, se foi desmanchando em roseo e diafano vapor, no seio do qual se forão pouco a pouco desenhando as formas esbeltas e graciosas de uma virgem de esplendida e deslumbrante formosura; uma aureola de luz meiga e serena circumdava-lhe toda a figura, que se destacava como em um camafêo do mais rico e primoroso lavor. A virgem continuava a cantar, enquanto seus roseos braços manobrando com gentil donaire um remo de marfim fazia resvalar serenamente á flor das ondas um leve e elegante barquinho.



Subito parou de remar e de cantar, fitou no mancebo os grandes olhos cheios de commoção e sobresalto, e encarou-o por alguns momentos. Um leve sorriso de affectuosa expressão roçou-lhe os labios ; mas esse sorriso fugáz como um relampago apagou-se logo em uma sombra de tristesa, que enturvou-lhe toda a physionomia. Moveo de novo o remo, e virando de bordo outra vez demandou o largo. A medida que se afastava, o tenue vapor alvi-roseo, que a circumdava, foi rapidamente se condensando e avolumando, e em breve se converteo em vasto e pavorosa negrume, que se estendeo por toda face do oceano. As ondas até ali tão placidas e bonançasas começarão a empolar-se em desmesurados vagalhões, no meio dos quaes o fragil batel da donzella doudejava ás tontas em boléos desencontrados. Transido de pavor, Ricardo queria gritar, mas o peito comprimido mal podia soltar uns sons cavos e abafados ; tentava arrojarse ao pego e atirarse nadando em seo soccorro ; mas seos braços estavam inertes e paralisados, seos pés não podião arrancar-se do solo, em que se achavão. Um trovão horrendo abalou as esféras, um raio rasgou as nuvens, e dous enormes vagalhões coloridos de fogo e sangue ruindo um contra o outro ião quebrarse sobre o misero barco da donzella...

Ricardo accordou em fim arquejando entre as ancias de affontoso pezadêlo. Abrio os olhos; que vio?... Uma formosissima donzella, derosto e porte em tudo semelhante á de seo sonho, achava-se em pé diante delle, e o contemplava com um meigo e affectuoso sorriso.

---

## CAPITULO XIV

### TERCEIRO IRMÃO

Era Regina.

Sulcando as ondas ao som de uma de suas canções favoritas, por acaso dirigira para ali a proa de sua piroga, e saltando á praia avistou o joven que dormia, ou antes que se agitava e gemia nas ancias de um sonho atribulado. Contemplou-o por instantes : era a primeira vez que pousava olhos complacentes sobre a figura de um homem.

Era Ricardo um joven de formosura e galhardia sem par; na flor da adolescencia, ligeiro buço mal lhe ensombrava o labio superior, e ao ver-lhe o busto tomal-o ieis pela mais formosa filha dos pescadores daquellas paragens, se não fora um que de masculino e resolute, que lhe resombrava de toda a physionomia, e nelle reve-

lava o homem e homem de vigorosa tempera. Os cabellos castanhos, compridos e anelados lhe contorneavão o rosto e o torso soberbo e perfeitamente modelado. A cabeça repousava sobre o braço recurvado, emquanto o corpo esbelto e admiravelmente talhado se estendia pela areia, que lhe servia de leito. Os labios rubros, que farião inveja á mais mimosa donzella, lhe tremião agitados no offego do sonho penivel. Na Grecia antiga o terião tomado por Endymião, ou Adonis, Hypolito ou Antinoüs.

Regina contemplou por um momento o donoso semblante e as formas esbeltas mas vigorosas do mancebo, e um vago sentimento de interesse e ternura assomando-lhe do coração bannhou-lhe os labios em um meigo sorriso. Percebendo, que o moço se debatia nas ancias de um sonho oppressivo, ia despertal-o ; mas antes que o pudesse fazer, Ricardo havia aberto os olhos a tempo de ainda sorprehender nos labios da moça, aquelle meigo sorriso de ternura, que para logo se esvaeceo. Foi Regina, quem primeiro quebrou o silencio.

— Que tendes, moço? — perguntou friamente, — pareceo-me, que tinheis um máo sonho.

— Oh !... sim !... — respondeo Ricardo atonito e perturbado ; — um lindo sonho... um



sonho horrivel... mas agora... será ainda um sonho ?

— Não foi nada ; era o sol, que vos castigava a cabeça, e vos aqueitava os miólos ; por isso tivestes um pezadêlo.

De feito os raios do sol, que ia declinando, começavão a penetrar na meia gruta, em que o moço se abrigará, e batião-lhe em cheio sobre a frente descoberta.

A resposta indifferente, prosaica e glacial da moça, que nem de leve manifestou curiosidade de saber qual fora o sonho de Ricardo, o calçou de chofre no abysmo do mais cruel abatimento.

Ditas aquellas palavras acenou-lhe com a frente um leve adeos, e em poucos instantes desapareceu por entre uns rochedos visinhos.

Fosse prevenção ou realidade Ricardo notou, que ao voltar-lhe as costas a moça empalidecera, e que ao ligeiro sorriso, que lhe ornava os labios, succedera uma sombra de tristeza, que lhe envolveo como um crepe toda a physionomia. Gelido e mortal desalento filtrou-se lhe no âmago do coração. Esse sonho seguido da visão real, que tão fielmente o interpreta, ou antes reproduz, aquelle canto suave, aquella apparição risonha e fagueira, que depois se abysma entre os horrores de pavorosa borrasca, em fim

ao despertar aquella fada, aquelle anjo radiante de belleza, que um momento o affaga com um sorriso, para depois voltar-lhe as costas com indiferença e enfado, tudo isso lançava-lhe no espirito indizivel perturbação. A alma do mancebo estorcia-se sob o peso da poderosa fascinação ; o formidavel olhar da fada dos mares lhe havia traspassado o coração como um farpão hervado, e nelle coára o veneno dessa paixão profunda, infrene, inextinguivel, que soia inspirar a todos, que a contemplavão. Desde então o destino inscreveo tambem o nome de Ricardo no livro negro das numerosas victimas da fatidica beldade.

Ricardo afastou-se, ou antes arrastou-se a passos lentos daquelle sitio fatal. Já não era o mesmo adolescente de semblante calmo e placido, de senhoril e nobre porte ; poucos momentos bastarão para transtornar-lhe inteiramente o gesto e o aspecto. A cabeça curvada para o chão ardia-lhe em mil delirios ; o coração ora lhe pulsava alvoroçado em vagas e insensatas aspirações e sonhos de ineffaveis delicias, ora como que de todo lhe parava abafado entre as garras do mais profundo desalento. E assim foi andando tropego e arquejante como o veado novo, que escapou lacerado e sangrento das garras da panthera, até chegar a cabana agora

solitaria, onde outrora passara dias tão alegres e felizes em companhia de seos irmãos. Parou diante da porta, e cruzando melancolicamente os braços :

— Não ! não !... — exclamou com vóz lugubre e abafada ; — aqui não devo entrar mais senão em companhia de meos irmãos !... Um naufragio nos arrojou nestas praias selvaticas; outro naufragio peor ainda nos dispersa e nos expelle dellas. Não, não podemos, não devemos nos separar. Tinhamos vivido sempre junctos até aqui ; a mesma estrella funesta ou propicia sempre sem discrepar tem dirigido nosso destino pelos mesmos trilhos. Naufragamos sempre no mesmo escolho ; temos de morrer junctos e victimas da mesma desgraça; é esse o nosso fado !... tem de cumprir-se !

E Ricardo, o mais moço dos tres irmãos, tambem desapareceo daquelle lugar, e ninguém mais souhe nóvas delle.

— Não ha duvidar, — dissérão todos, — foi Regina que o matou. E' mais uma victima da maldita sereia, e queira Deos, que seja a ultima!

---

## CAPITULO XV

### O JURAMENTO

O leitor deve estar lembrado, que no começo desta encantada e encantadora historia de encantamentos assistimos ao casamento de nossa heroína, a filha do mar, com um navegante de alem-mar, gentil e guapo mancebo, que appor-tara á aquellas praias em um navio mercante, e que dizião tambem possuir boa fortuna.

Como esse moço della se enamorou, e não hesitou em tomar por esposa uma pobre barqueira sem outros dotes mais que a incomparavel formosura e seductoras graças, de que a ornára a natureza, e como por seo lado a intractavel donzella depóz o seo condão de fada e desceo de seo aereo e mysterioso throno para desposar um simples mortal são contos largos, que por agora não vem ao caso relatar. O certo é



que virão-se, amárão-se e casárão-se, negocio este, que se planejou e effectuou dentro de poucos dias.

O leitor por certo deve ficar maravilhado com muita razão ao ver essa altiva e inflexivel bel-dade, que até ali tinha resistido com orgulhoso desdem e glacial indifferença ás mais pertinazes e provocadoras seducções, render-se assim tão facil e promptamente a um forasteiro desconhecido, e acceitar-lhe a mão com tanto desembaraço e açodamento.

E' esse tambem um dos singularissimos phenomenos desta estupenda historia, de que por emquanto não podemos dar razão, e que o leitor a seo tempo verá explicado, se quizer ter a paciencia de ler os maravilhosos e inauditos successos, que se vão seguir.

Com a nova desse casamento, que se derramou logo por toda a aldeia e seos arredores como um acontecimento sorprendente e da mais subida importancia, as mães, que tinham filhos crescidos, e mesmo as esposas e as irmãs, exultarão de contentamento. A filha do mar ia emfim tomar um destino, e talvez abandonar para sempre aquellas paragens, que com sua fatal presença tornára um luctuoso theatro de lamentaveis calamidades. Eis a razão da immensa concurrencia, que acudio á egreja, dos repiques

de sino, foguetes, e mais signaes de alegria, com que o povo espontaneamente festejou esse propicio acontecimento.

Entretanto a gentil donzella não tinha máo coração ; ao contrario era affavel, bemfazeja e carinhosa para com todos, que não lhe declarassem amor. Si bem que pouca convivencia entretivesse com os demais moradores do lugar, não deveria incorrer no desagrado senão de alguma invejosa rival, a quem sem querer tivesse transviado o amante, ou de algum cego adorador, que ainda não se tivesse matado ou morrida por amor della. Seo unico, seo grande defeito era esse condão da maravilhosa belleza, esse magico e fascinador poder do olhar e do gesto, com que sem ella o querer e mesmo sem o saber, derramava em torno de si a inquietação, a angustia, o lucto.

Mas assim não o pensava o povo, que a tinha em conta não de creatura humana, mas de espirito satânico encarnado em corpo de fada, entidade malfazeja, producto talvez de monstruosa união de algum homem com a sereia, e atirada sobre aquella terra pela colera divina para castigo talvez de algum grande peccado daquelle povo. Portanto não auguravão bem daquelle casamento, e já de ante-mão lastimavão a sorte do malaventurado forasteiro.

Uma vez porem, que por intermedio d'elle ião se ver livres da ominosa presença dessa mulher, não deixavão de folgar e de felicitar-se por tão auspicioso acontecimento.

Como tambem já sabemos, tres vultos embuçados e de sinistra catadura assistirão á cerimonia do casamento murmurando phrases de odio e vingança, e formarão parte do sequito até as proximidades da simples, mas acçada cabana, a que se recolheo sosinho o gentil e afortunado casal.

No meio do tumulto do povo embebido como estava exclusivamente na contemplação do noivado, e como já cahião as sombras do crepusculo, ninguem attentou nelles, e nem se lembrou de indagar quem erão. Si não fora isso, facilmente terião reconhecido nessas nobres e energicas physionomias, e no esbelto e altaneiro porte, quelhes erão tão conhecidos, os tres irmãos, de que tão longamente nos temos occupado nesta historia.

Erão já decorridos cerca de seis mezes, depois que Ricardo, o mais moço dos tres irmãos, ferido no coração pelo mesmo golpe, que infortunáva os outros dous, desapparecera daquelles lugares. Ninguem mais soubera noticia dos tres irmãos; todos os suppunhão mortes, ou pelo menos para sempre exilados das praias,

onde a funesta belleza de Regina, como a tantos outros, lhes havia para sempre amargurado a existencia.

Na mesma noite do casamento, — serião déz horas, — a lua passeava pelo céo sem nuvens, e o mar reflectia-lhe a imagem no regaço bonançoso ; as ondas boleando-se mansamente ao longo das praias vinhão morrer com brandos fremitos juncto á cabana, que occultava em seu seio as misteriosas e inefaveis venturas de uma noite nupcial.

Subito um grito agudo, sinistro, lamentoso troou pela extensão das praias ermas.

O vulto palido de uma formosa mulher assomou a porta da cabana. Estava vestida de branco e trazia na frente uma grinalda de flores de laranjeira. Tremião-lhe os labios descorados, e nos olhos chammejava-lhe luz torva e ameaçadora.

— Assassinos ! — bradou a donzella com voz rouca e sinistra ; levantando a dextra para o céo — matarão meo marido no momento, em que ia desatar-me da frente esta grinalda !... pois bem !... aqui a conservarei para sempre !... malditos !... malditos para sempre ! Juro pelo sangue e pela alma desse infeliz, vós todos tres haveis de ter a mesma sorte !... Juro, juro, tres vezes juro !...



E esse grito de angustia, e essas phrases sinistras ninguem as ouviu senão o céo e o oceano, que guardarão comsigo o segredo da tremenda jura.

Alguns minutos depois um leve barquinho sulcava tranquillamente as ondas do mar sereno e silencioso, banhado pelos esplendores de um magnifico luar. Dentro via-se uma unica pessoa. Era uma esbelta e gentil donzella vestida de branco, e tendo na cabeça uma grinalda de flores de laranjeira ! Dirigia o batel com admiravel destreza e segurança, e demandava o rumo da ilha maldita. Um ou outro, que na aldeia a caso ainda velava contemplando o céo e a lua a resvalar seos placidos fulgores pela immensa superficie dos mares, ao avistar aquella velinha solitaria sulcando os mares a taes deshoras, feixou bruscamente a janella, e recolheo-se benzendo-se e murmurando :

— Cruzes ! credo !... lá vae a brucha dos mares para sua ilha amaldiçoada !... pobre marido, em que mãos cahiste !...

O barquinho, que rapidamente se fazia ao largo, em breve tempo sumio-se ao longe no horisonte entre o marulho dos escarcêos, que fervem de continuo rebentando nas penedias, que circumdão a ilha.

A misteriosa barqueira porem, que parecia

familiarisada com todos os perigos daquellas temerosas paragens, continuava imperturbavel e calma sua derrota através das ondas revoltas, e bordejando á certa distancia os rochedos passou algum tanto além da ilha. Depois virando de bórdo dirigio de novo para ella a proa de seo batél procurando pelo lado oriental a unica e quasi imperceptivel abertura, que dava ingresso á misteriosa mansão da fada dos mares. Ali os rochedos se fendião a prumo como duas pilastras titanicas servindo de vestibulo a aquelle alcacer encantado defendido pelo furor das ondas e pela rigidez de penedos inaccessiveis; e davão entrada por um canal obliquo e estreitissimo ás agoas do oceano, que ião expandir-se no interior da ilha em uma linda, espaçosa e mansa bahia, inteiramente abrigada dos ventos, das resácas e até das vistas do exterior.

Logo que se achou fronteando a face oriental da ilha, as ondas como que tomárão complacentes sobre os hombros o batel da donzella, que suavemente e sem esforço, como se fosse levado por uma torrente, ganhou a penedia e entranhou-se no canal. Si alguém naquelle momento estivesse em distancia observando a pequena piroga, não vendo e nem podendo comprehender por onde e por que modo havia de-

sapparecido, juraria que se havia sumido por encantamento.

Apenas se achou na enseada interior a donzella atracou a uma das margens, largou o remo e debruçando-se sobre o fundo do barco ergueo nos braços um volumoso fardo : era um cadaver. Não sem alguma difficuldade, mas com um vigor e agilidade para admirar em tão delicada creatura, saltou em terra tendo sempre nos braços o sinistro fardo.

Sobre a praia arenosa erguia-se um grupo de rochedos esparsos ; negros e aprumados como restos de uma arcada gigantesca desmoronada pelo tempo. Pelo vão de dous desses penedos, que se inclinavão um sobre outro como pilastras de uma abobada quebrada, entrou-se Regina conduzindo sempre nos braços o cadaver, como uma mãe carregaria o filho adormecido. Chegando a baze solapada de um desses monolythos, que pendia formando ampla cavidade sobre um chão de alva e finissima areia parou, depoz no solo o cadaver, e tirando do seio um punhal com elle começou a cavar a areia.

Cavou pacientemente e por largo tempo sem murmurar uma palavra, sem exhalar um suspiro, até que conseguiu abrir uma cova assas profunda, depóz nella o cadaver, e o cobrio com a areia removida.

— São tres !... bem os conheço ! — murmurou ella em fim, arrancando um suspiro, antes bramido de leoa enfurecida. — Juro pelo sangue desse infeliz, que ali repousa !... Juro porestas ondas amigas, que me servirão de berço !... Juro por este punhal ensanguentado, com que lhe vararão o coração, e que nelle deixarão ficar para ser seo vingador !... Sim, punhal vingador, não sairás de meo seio, em quanto aqui mesmo sobre esta sepultura não te embeberes nos perfidos corações dos tres assassinos ! Como esse misero que ahi jaz, elles tambem um dia serão precipitados do cume do mais delicioso sonho de amor no abysmo dos eternos soffrimentos. Juro, juro, juro tres vezes ! !...

Proferido esse tremendo juramento Regina com mão frenetica e convulsa agitou o punhal sobre a cabeça, e palida e fremente como uma eumenide, entranhou-se a passos precipitados pelas penedias esparsas, e desapareceo no interior da ilha.

No dia seguinte ao do casamento em vão se procurou Regina e seo esposo. A cabana com as portas e janellas abertas estava completamente deserta. O batel da donzella tambem desaparecera da praia. Que foi feito dos dous desposados da vespera ?...

Confirmou-se de uma vez a crença, em que



todos estavam, de que Regina era uma sereia maligna, uma fada bafejada de espirito diabolico, que depois de ter feito todo o mal, que pudéra, se apoderára em fim daquelle ultimo e desventurado amante, e o levára comsigo para os abysmos do mar, ou para os rochedos da ilha sinistra, sua habitação favorita, da qual fazião mil votos ao céo para que nunca mais sahisse.

---

## CAPITULO XVI.

### OS PESCADORES

Alguns annos, não muitos, já são passados depois dos sinistros e extraordinarios acontecimentos, que acabamos de narrar. Os habitantes daquella costa ter-se ião já esquecido de Regina, das desgraças que causara, de seo desaparecimento mysterioso, sua existencia iria já passando para a ordem das lendas populares se não fora a ilha maldita, pavorosa realidade, que lá surgia diante de seos olhos nos confins do oceano. Com effeito essa ilhota maravilhosa, esse anél de rochedos, em torno dos quaes as ondas revolteavão em perennal borrasca, esse cachopo inaccessivel, a que nenhum barco ainda, á excepção do de Regina conseguira appor-tar, ainda lá campeava na orla do horizonte cada vez mais inexplicavel com seos mil encantamentos dando que cismar ao povo e alimen-

tando mil crenças extraordinarias e sobrenaturaes. Elle lá se erguia ainda, torvo e sinistro espectro, ameaça viva enchendo de receios e pavor as pobres e sollicitas mães temerosas pela sorte futura de seos filhos.

As vezes a vião envolta em um nevoeiro diáfano, circumdada de penedias dependuradas sobre o mar, coroadas de viçosos vergéis, magnifico terrasso, jardim pensil construido sobre as vagas. Attrahidos pela esplendida perspectiva um ou outro pescador mais audacioso affoutava-se a dirigir para lá o seo barco a toda força de remo e véla. O nevoeiro se dissipava; as ondas apparecião ermas, e a ilha encantada surdia alem sobre outro ponto do horisonte como um cachopo esteril, bronco, açoitado pelas ondas enfurecidas.

Outras vezes era uma colina azulada, que emergia das vagas com suas risonhas encostas mosqueadas de moitas de verdura, de coqueiros, mangueiras e outras arvores frondentes, e a vista penetrante de alguns pescadores julgava por lá divisar alguma çabana, animaes, e um ou outro vulto humano vagueando pelas praias. Mas se alguém para lá endireitava a proa, via todos aquelles encantos irem-se esvaecendo gradualmente, e a ilha ou fugia perennemente diante d'elle, ou se apresentava como parcél

medonho repelindo as vagas rotas em furiosos escarcéos.

Alguns porem mais felizes gabavão-se de ter visto mais de perto a ilha, e contavão della cousas maravilhosas. Estes confirmavão a antiga tradição assegurando ter visto nella a vagar pelas praias ou galgando os rochedos uma moça de estranha formosura, e que a ouvirão cantando suavissimas cantigas com a mais linda vóz, que é possível imaginar.

Asseveravão mais, que a ilha não era um rochedo esteril e nú, que por entre uma aberta da penedia tinhão divisado pomares, laranjaes carregados de fructos, frescos e deliciosos vergeis e jardim topados de mil brilhantes e viçosas flores.

Assim era essa ilha frequentemente o assumpto das conversas e discussões dos pescadores, quando na praia se encontravão para os misteres quotidianos de sua lida.

— Não estão vendo, — olhem ; lá está ella !  
— exclamou um velho barqueiro apontando para o horisonte.

— Onde, mestre Tinoco ?...

— Acolá, Miguel, para onde aponta meo dedo ; não ves ainda.

— Perfeitamente !... oh ! como é bonita a tal ilha !... e a gente não poder lá ir !...



— Nem pensas nisso. Aquillo é o castello do diabo, que anda a boiar por cima do mar. O que devemos fazer é pedir ao padre cura para esconjural-o com exorcismos a ver se foge para sempre destes mares.

— Mas dizem, que lá mora uma moça, que é um assombro de formosura, e que sabe cantar como uma sereia...

— Como uma sereia ! — interrompeo o velho a rir-se; — forte asno, que tu és, Miguell... pois si ella é mesmo sereia.

E sabes tu o que é uma sereia ?... é o demonio dos mares, a péor tentação, que pode haver neste mundo ; mas ninguem ha, que a tenha visto senão de longe. Qual é o que se pode gabar de a ter encarado de perto, que lhe não tenha cahido nas garras, ou pelo menos não tenha ficado doudo varrido ?...

— Eu que aqui estou, mestre Tinoco; — acudio um lepidio mancebo de physionomia cheia de vivacidade e intelligencia; — eu, que aqui estou, já a vi com estes olhos, e ouvi cantar com estes ouvidos.

— Tu, Maneca? — respondeo o Tinoco abandonando a cabeça com incredulidade ; ora sahe-te dahi ; si tivesses posto os olhos nella um so instante, não estavas ahi assim tão fresco.

— Pois vi, sim senhor; posso jurar, se fór pre-

ciso. Por signal que é uma mulher alta, bem feita, cinturinha delicada, hombros e braços alvos e roliços, com uns cabellos muito compridos, que andão a esvoaçar com o vento, e tráz na cabeça uma grinalda de flores amarellas...

— Mas dize-me ca uma cousa, da cintura para baixo não tinha figura de peixe ?

— Lá isso não; eu a vi andar como as outras mulheres com um vestido branco bem comprido, que as veses arregaçava um pouco para subir aos rochedos, e vi-lhe o pé e a perna tão bem feita como as mais bem feitas.

— Então não era sereia; de certo estavas sonhando, meo rapaz. E como poderias tu lá chegar, si o mar ali esbraveja e ferve como as caldeiras do inferno, e sacode pelos ares os mais possantes navios? !...

— Eu lhe conto, como foi. Outro dia eu vinha abeirando essas praias no meo barquinho. O vento cochilava, e mal fazia bater a vela esbambeada ao comprido do mastro; o sol ardia, e fazia um calor de abafar. Eu fiado na calmaria larguei o leme, deixei o barco ir a toa, e tambem cochilei, e não sei como ferrei no somno alto dia. Emquanto eu dormia, uma rajada de sudoeste, um furioso pampeiro, agarra-me da véla, e atira commigo e o meo barco por esses mares de Deos a fora. Iamos voando por cima

dos vagalhões como uma penna arrebatada pelo tufão. Vi-me em talas ; quando dei accordo de mim e lancei os olhos em derredor, já quasi não avistava as praias, e o barco corcoveava desesperadamente dando saltos e bufando como um poldro espantado. Em taes apuros não sabendo o que fazer não quiz arrear o pano, e deixei o barco correr ás tontas pela superficie das vagas a mercê de Deos e do tufão. Em poucos instantes avistei diante de mim uma pene-dia enorme, de encontro a qual iria esbarrar instantaneamente, si me não dêsse pressa em colher a véla e manobrar com toda a força o leme para evital-a. Mesmo assim o vento ponteiro, que soprava, não deixava de avisinhar-me do maldito parcél. Ouvi então uma voz a cantar ; olhei para a ilha, e vi uma linda mulher, que lá estava em pé a cantar em cima de um rochedo, como uma Sancta Cecilia em cima de seo andor...

— Alto lá, senhor Maneca ; não ande a misturar as cousas da religião com as brucharias de uma sereia...

— Perdão, mestre Tinoco ; mas si ella estava tão linda !... o vento levava-lhe os cabellos de ouro, que batião o ar como as labarédas de uma fogueira ; as roupas palpitavão-lhe no corpo como a vela preza ao mastro. Era linda como

os amores ! e que voz !.. e que bonita cantiga ella entoava ! Larguei o leme, esqueci-me de tudo, do perigo, do mar, do tufão, do rochedo, e só tinha olhos para contemplal-a e ouvidos para escutal-a. O rochedo estaria apenas a tres ou quatro amarras do meo barco ; mas as bordas erão lisas e a prumo, e impossivel era lá chegar. Estive quasi a arremessar-meás ondas, para que ellas me levassem vivo ou morto aos pés daquella formosura sem par. Não sei quanto tempo ali fiquei embasbacado na contemplação daquella moça e na harmonia daquelle canto. Pouco a pouco as ondas rechassadas violentamente pela penedia me forão affastando daquelle lugarde encantos, a procella amainou, e eu pude voltar para a terra, onde passei o dia e a noite meio assombrado com aquella visão, que não queria me sahir da imaginação.

— Eis ahi está, — acudio o Tinoco, — viste apenas de longe a sereia, ouviste-lhe o canto, e foi isso bastante para sentires todo esse abalo e perturbação. Mal de ti, se a encarasses de perto !...

Entretanto varios outros pescadores se vinhão agrupando em torno destes primeiros interlocutores, e cada qual mettia-se na conversação sustentando com enthusiasmo seos sentimentos e convicções a respeito da ilha.



Um sustentava, que ella não era mais que um parcél ou banco de pedra, que por ali havia, e que com a maré vasante surgia acima das agoas, e as vezes coberto de vapores em razão da distancia figurava uma bonita ilha, e nas barbas do Maneca sustentava, que o que elle contava, era ou puro sonho, ou pura mentira.

Outro era de opinião, que o tal penedo não era mais que uma simples ilha fluctuante, como tem existido muitas, e que isso de sereias e encantamentos não erão mais do que abusões e crendices de povo, que nenhum credito merecião.

Erão porem muito poucos os que opinavão por esse theor ; a maior parte com mestre Tinoco estava na firme persuasão de que aquelle rochedo era o castello da sereia, ou diaba dos mares, qui andava a boiar sobre as ondas.

— Seja lá o que for, — exclamou o Tinoco, — eu cá nem de perto nem de longe desejo vel-a, e nunca ha-de ser para aquellas bandas, que meo barco ha-de vogar.

— Nem o meo ! — nem o meo ! — repetirão muitas vozes.

— Pois ha-de ser o meo, — disse em tom resolute um mancebo de gentil presença, e porte esbelto e vigoroso, que acabava de reunir-se ao

grupo em companhia de dous outros mais jovens, que parecião ser seos irmãos.

— E tambem o meo, — repetirão simultaneamente os dous otros.

Todos os olhares volverão-se immediatamente para os tres mancebos.

## CAPITULO XVII

RÓDRIGO

— A muito vossas mercês se atrevem, — ponderou o Tinoco. — Vejão o que fazem; muito barco se tem partido, e muito pescador se tem perdido naquellas rochas e naquellas agoas malditas, sem que nenhum lograsse lá apportar, nem ver a sereia.

— E que me importa isso? — retorquio o mais velho com indiferença, — serei eu o primeiro, que lá põe o pé, ou não serei o primeiro, que lá tenha perecido.

— E nem o ultimo, se lá ficares, — acudio o segundo mancebo; — irei depois de ti.

— E nem tu tão pouco, — affirmou o terceiro, — por ultimo irei eu tambem.

Erão tres validos e galantes mocetões, de formoso semblante, de gesto sobranceiro e olhar

ativo ; mas ressumbrava-lhes no torvo do olhar e na expressão sombria e carregada da physionomia um não sei que de sinistro, que inspirava repulsão ; parecia que trazião gravado sobre as frontes o indelevel estigma de um nefando crime.

Erão os tres jovens fidalgos hespanhoes, que de ha muito conhecemos. Longo tempo ninguém soubera delles, si erão vivos ou mortos, nem em que lugar se havião refugiado. Em fim alguns annos depois do desaparecimento de Regina com o seo desposado, tornárão a apparecer na aldeia continuando como d'antes sua vida de pescadores.

Sua volta era muito explicavel aos olhos daquella boa gente. Havião-se retirado por despeito amoroso ; os tres successivamente tinhão sentido pela filha do mar uma profunda e ardente paixão, e não tendo esperança alguma de serem correspondidos, mais sensatos e resignados que os demais amantes havião-se retirado procurando na ausencia o remedio e esquecimento de seos desventurados amores. Agora que já ali não existia a causa de seos soffrimentos, voltavão a seos trabalhos com animo isento e coração desaffrontado.

Enganavão-se completamente : era uma sina fatal, que para ali os arrastava. Havia um iman



secreto, que os attrahia para aquelle vortice, onde começarão, e onde devião terminar seos infortunios. Retirados na mais profunda solidão a paixão negra e devastadora, que Regina lhes havia inspirado, continuava a devorar-lhes o coração. Posto que nenhuma esperança lhes sorrisse, ardia-lhes no intimo d'alma um secreto e inextinguivel desejo de verem ainda uma vez, de arrojam-se ainda aos pés dessa fatal belleza, que lhes havia para sempre transtornado a razão, pervertido o coração, e entenebrecido o destino. Não ha palavra, que explique a paixão, que lhes inspirára essa mulher; era um mixto indefinivel de ternura e rancor, de saudade e despeito, de esperança e desalento, de odio e de amor. Foi como o sopro abrazador de um vento pestifero, que obcecou-lhes o entendimento e varreo-lhes d'alma quanto nella havia de generosos instinctos e nobres sentimentos. Já não reinava entre elles essa pura affeição e cordial intimidade, que outrora os ligava. Não se odiavão, por que todos tres erão infelizes; reinava porem entre elles certa reserva sombria e desconfiada, por que... emfim erão rivaes.

Emfim desd'o momento fatal, em que impellidos pelo mais feróz e monstruoso ciume, combinárão-se em tenebrosa união para verte-

rem o sangue innocente de um rival feliz, a mão invisível da justiça divina gravou-lhes para sempre na fronte o sello dos réprobos, e seos nomes forão inscriptos no livro da maldicção eterna.

No fundo do retiro, em que se havião homisiado, chegou-lhes a noticia dessa sereia ou fada, que ainda continuava a habitar a ilha encantada. Uma vaga suspeita surgio instantanea e simultaneamente no espirito dos tres, e sem nada se communicarem, perguntarão a si mesmos :

— Será ella ?...

Reflectirão ; lembrarão-se das audaciosas excursões, que Regina costumava fazer por aquellas paragens, onde nenhum outro barco podia aventurar-se impunemente. Essa ilha já lhe era conhecida, e só ella sabia o segredo, ou possuia o condão, por meio do qual se podia nella pôr o pé.

— E' ella ! — concluirão, e sem nada se dizerem uns aos outros jurarão no intimo d'alma fazer os ultimos esforços para devassarem os segredos da ilha maldita, e irem desencantar essa mulher, magica ou sereia em sua temerosa mansão. Querião vel-a ainda, embora um só instante, embora tivessem de morrer a seos pés.

— Bravo ! rapazes ! — exclamarão alguns pescadores vendo a disposição dos tres mancebos ; — isso é que é animo !... e é mesmo preciso haver quem desencante aquella maldita sereia, que nos tráz em continuo desasocego.

— Deixem-se disso, moços, — dizião outros fazendo coro com mestre Tinoco ; — vão procurar a sua perdição. O que poderão fazer contra uma feiticeira, ou magica, que tem partes com o diabo. Melhor é ficarem quietos traciando da vida, do que irem se arriscar, ou antes correrem a uma morte certa. O mar é grande ; não nos falta espaço para velejar e pescar, e deixemos em páz essa malvada bruxa com sua ilha amaldiçoada.

— Ora deixem-se disso, — retorquio Rodrigo com sorriso desdenhoso ; — qual bruxa, nem fada, nem sereia ! o que se sabe é que é uma moça de extraordinaria formosura, e que canta admiravelmente ; e quem não arriscaria a vida para ver e ouvir uma creatura assim, embora se chame fada, sereia, bruxa ou mesmo diabo ?

Vou vel-a e já, enquanto a ilha não se some em algum nevoeiro, ou não desaparece por encantamento.

Dizendo isto o moço desamarrava o seo barco, saltava dentro, e dahi a instantes singrava ao largo com toda a força de remo e véla. O sol

já descambava do zenith, a briza de terra, que soprava-lhe ponteira, enfunava-lhe rijamente a véla; a maré vasante ajudava o esforço do vento, e tudo favorecia a temeraria empreza do joven pescador. O barco esguio e leve cortava as ondas como um golphinho, e dirigia-se certo a ilha encantada, como seta a seo alvo. Já a branca véla mal apparecia ao longe como a aza curva da gaivota, approximando-se dos alvejantes escarcéos, que circumdão a ilha, e no meio dos quaes ella quasi desapparecia como a marreca azul atufada em seo ninho de alva e finissima pennugem.

Os pescadores ficárão longo tempo na praia observando a derrota, que seguia o aventureiro mancebo; mas o sol já se avisinhava do occaso, e era impossivel acompanhar com a vista o barco, que se sumia nas extremas do horisonte; portanto forão-se dispersando pouco a pouco, aguardando para o dia seguinte saber do resultado do arrojado commetimento do joven pescador. So ficárão os dous irmãos, que protestárão dali não arredar pé, em quanto não voltasse o irmão ausente.

---



## CAPITULO XVIII

### A FADA

Entretanto o affouto e vigoroso mancebo proseguindo com ardor sua derrota já havia ganhado as proximidades da ilha maldita, e empregando todo o seo vigor e pericia já luctava contra as ondas revoltas e alterosas, que a rodeião, e que o repelião jogando o seo batel em violentas guinadas e boléos desencontrados. A' custa de inauditos esforços conseguira emfim avisinhar-se na distancia apenas de algumas amarras, e avistar mais de perto a ilha, que não lhe era de todo desconhecida.

Era uma extensa e bronca penedia, lisa, massiça e abrupta sobre as vagas, á semelhança de muralhas de uma fortalera titanica, mas sem portas nem seteiras, ameias nem merlões. Apenas aqui e acolá algumas depressões ou salien-

cias denteavão a sombria plataforma, como goritas desse castello colossal. Apesar com tudo de seo médonho e ameaçador aspecto Rodrigo não desanimava, e porfiava em vão por avisinhar-se cada vez mais da enorme e pavorosa mole de granito. As ondas horrivelmente revoltas e cavadas rebentando em furia umas contra as outras trazião em torturas o seo misero batél, que já pezado e com a vela enxarcada pelo marulhar das vagas parecia entrebuchar como animal ferido em ancias de agonia.

Já Rodrigo exausto de forças sentindo seo braço desfallecer via extinguir-se-lhe dentro d'alma o ultimo vislumbre de esperança, quando erguendo os olhos vio sobre uma das saliencias da penedia um vulto branco.

Era uma mulher, que lá estava ; não podia haver a menor duvida ; trazia vestes alvas como a neve, e sobre a frente uma grinalda da mesma cor, mas bastantemente desbotada e amarellecida pelo tempo.

Dirieis uma estatua de alabastro pousada sobre pedestal de bronze, se não lhe ondulassem ao vento as roupas roçagantes desenhando-lhe o donoso talhe, e os graciosos e elegantes contornos da figura.

A fitar aquelle vulto, que parecia um phantasma aereo, Rodrigo estremeceo.

Era Regina ; reconheceo-a não pudesse distinguir-lhe as feições, na distancia, em que se achavão, mas o coração, que começava a bater-lhe em alvoroço extraordinario, lh'o tinha adivinhado.

— E' ella ! — murmurou com vóz convulsa comprimindo o peito, que parecia querer lhe arrebenatar ; — é ella !... e não poder eu lá ir, vel-a um só instante, arrojarme á suas plantas, morrer a seus pés, e no derradeiro alento da vida, que se exhala, como ultimo olhar embaciado pelas sombras da morte que se avizinha dizer-lhe : — amo-te, Regina !... Oh ! desespero, peor do que mil mortes !... oh penedo inexoravel !... oh ondas !... ondas malditas !!..

E soltando um rouco rugido poz-se em pé de um salto, e arrancando o sombreiro sacudio a cabeça lançando para trás os longos cabellos escuros, como o leão sacode a juba, e acenando violentamente gritou com todo a força, que lhe era possivel :

— Regina !...

Era como o grito desesperado do nauta, que se affoga.

Regina não respondeo-lhe, mas Rodrigo, que della não despregava os olhos, vio que lhe fazia vivos e expressivos acenos. Rodrigo os comprehendeo logo com essa intuição penetrante,

que dá a força de uma vontade inquebrantavel. A moça lhe dava a entender, que o receberia com muito prazer em sua ilha, mas para isso lhe indicava com mimicas appropriadas, que se afastasse algum tanto daquelles rochedos, se fizesse mais ao largo e costeando a ilha encontraria pelo lado do oriente modo facil e suave de nella desembarcar.

Louco de prazer, deesperança e de impacien-  
cia, Rodrigo obedecendo ás indicações da moça deixou que as ondas rejeitassem seo barco para longe das penedias ; achando-se sufficientemente dellas afastado bordejou-as por algum tempo até chegar a sua face oriental. Mas na distancia, em que se achava, não vio mais que a mesma linha continua e massiça de penedias abruptas, que se prolongavão indefinidamente como um anel circulando a ilha.

Cruel foi a sua decepção julgando-se victima de uma illusão, ou de um feróz escarneo da malevola fada. Todavia para lá velejou resolutamente o denodado barqueiro, e nõ fim de algum tempo notou com prazer que as ondas não o repellião mais, antes parecião comprazer-se em leval-o tranquillã e suavemente para os dominios da misteriosa beldade. Não levou muito tempo a chegar á base dos penedos e descortinar a unica e estreita abertura, que dava in-



gresso aos tremendos alcaceres da fada dos mares, e por onde o oceano apertado entre dois rochedos a prumo, — soberbos umbraes daquelle castello titanico, — penetrava na ilha e ia la dentro espraiair-se em serena e espaçosa bahia de forma quasi circular.

Transposto o estreito e pouco extenso canal, Rodrigo ficou atonito ao ver de subito e como por encanto desenrolar-se diante de seos olhos o risonho e delicioso aspecto que apresentava o interior daquella ilha, que por fora não era mais que uma informe e medonha massa de granito, etarnamente açoitada pelas ondas enfurcidas.

---

## CAPITULO XIX

### A ILHA ENCANTADA

Agora que um de nossos heroes acaba de levar a effeito o arrojado commettimento de penetrar nessa ilha maravilhosa, objecto dos anhelos de poucos, e dos pavores e maldições de quasi todos, julgo que não será descabido dar ao leitor uma succinta descripção das maravilhas, que encerrava em seo seio. Já tivemos occasião de visital-a uma vez ; mas foi alta noite á luz do luar, e em tão sinistra e pavorosa occasião, que não tive animo de demorar o leitor por muito tempo entre os horrores de tão horripilante episodio.

Agora vamos vel-a a plena luz do sol fulgurante do tropico em uma tarde esplendida e serena servindo de pittoresco e delicioso asylo á entrevista de dous jovens e formosos aman-

tes, sem punhal, sem sangue, sem cadaver... a menos que não dê na cabeça á maldita fada o satanico capricho de transformar-nos o capitulo.

Como já sabemos, o centro da ilha era um tanque de forma oval, espaçoso e limpido, espelhando no regaço sempre bonançoso o puro azul do céu, doca immensa aberta pela natureza, mas vedada aos homens e cheia de encantos e misterios. As ondas, que entravão aos borbotões com alguma violencia pelo estreito canal obliquo e curvo como a boca de um caramujo, quebrandó inteiramente o seo furor ião expandir-se livremente no seio da espaçosa bahia desenrolando-se em circulos concentricos, que em suaves ondulações ião beijar as alvas praias alcatifadas de fina e luzente areia.

Em volta dessa arenosa e branca zona, na qual como brilhante saphyra em um anél de prata se engastava o lago azul, elevavão-se por todos os lados as mais risonhas e encantadoras perspectivas. Erão vicejantes collinas, ou antes uma só colina circular, cujas encostas de suave declive começando nas margens do sereno golfo ião-se elevando em vasto e gracioso amphitheatro. Estendião-se essas encostas em caprichosas ondulações cortadas aqui e acolá por grotas cobertas de frondentes balsas, por entre

as quaes saltitavão murmurando na sombra regatos de frescas e cristalinas agoas. Ali um laranjal toucado de fructos e flores odoríferas, acolá coqueiros e bananeiras balanceando ao vento as longas palmas, e vergando as pezo de seos cachos dourados, alem mangueiras isoladas carregadas de sazonados fructos e derramando da vasta e frondosa cupula sussurros, perfumes e amenissima sombra sobre um chão de tenra e macia relva. Em fim moitas, latadas, grupos de arvoredos cobertos de fructos e flores, grutas, fontes, cascatas interrompião a cada canto a uniformidade das risonhas colinas, que por fim ião perder-se no azul do céu formando na linha extrema os topes da medonha penedia que constituia o cinto externo da ilha banhado pelas ondas convulsionadas em eterna tempestade.

Dentro a páz, o silencio e a mais aprazivel solidão ; fora o rugir perenne do oceano em medonha e desesperada lucta contra a rijeza e immobilidade dos cachopos inabalaveis ! E' assim a alma do justo ; no meio da grita infernal das paixões desenfreadas, e das mais violentas commoções, que agitação a humanidade, conserva sempre a mesma páz e serenidade, porque tem na consciencia pura o abrigo, que a ampara das tormentas exteriores.



Este simile porem não tem aqui muito cabimento, por que infelizmente nenhum dos heroes, que figurão nesta estupenda historia, estão neste caso ; pelo contrario todos elles tem motivos de sobra para trazerem horriavelmente agitada a consciencia.

Pelo que o leitor tem visto, a ilha si pudesse ser vista a vôo de ave apresentaria precisamente a forma de uma ferradura, sendo formada o vão pelo golfo central, a chapa pelas colinas circumstantes, e a orla pelas penedias pendidas sobre o mar. Não se via nella construcção alguma, que mostrasse ter sido feita pela mão do homem, senão uma pequena e pittoresca choupana pendurada no visio de uma encosta assás alcantilada ; e essa mesma se achava por tal forma escondida debaixo de um lagedo saliente, que se debruçava sobre ella em forma de tecto, e tão enteada entre festões floridos e frondosas ramagens, que mais parecia uma gruta, um mimoso capricho das mãos da natureza. Era ali por certo a morada, ou antes o recatado e misterioso ninho da sereia.

Rodrigo ficou por momentos suspenso e absorto diante do maravilhoso espectáculo, que se desdobrava ante seos olhos. Não duvidou mais da existencia de encantamentos, e convenceo-se de que realmente se achava nos jardins de

uma fada, pois só um poder sobrenatural, um condão de nigromante seria capaz de produzir maravilhas taes no seio daquelle bronco e ignorado recinto perdido no meio do oceano.

— Regina é pois uma verdadeira fada! — exclamou assombrado! — e estes sitios são seos palacios encantados!... que importa!.. simples mulher, fada, sereia, anjo ou o demonio, que seja, adoro-a, quero vel-a, morrer a seos pés, ou com ella aqui ficar para todo o sempre encantado!... mas ella? ella onde está?...

Ainda bem seos olhos fascinados não acabavão de admirar as margens encantadoras do lago, em cujo centro seo batel arfava brandamente embalado pela vaga, quando forão seos ouvidos subita e agradavelmente sorprendidos pelas suaves modulações de uma vóz de mulher, que vinha cantando ao longe as seguintes cóplas :

Eu sou formosa e joven,  
Dos mares sou princeza,  
Em graças e belleza  
Jamais achei igual.  
E vivo aqui sosinha,  
Ai céos ! para meo mal.

E vivo aqui sosinha  
No seio de esplendores ;  
Ninguem quer meos amores,  
Ninguem me vem buscar.

E eu sou a mais formosa  
Das filhas deste mar.

E eu sou a mais formosa,  
E a mais alva assucena,  
Que sobre a onda serena  
Balança o airoso hastil.

Mas nesta solidão  
Que serve serve ser gentil ?

Mas nesta solidão  
Ninguem vem consolar-me ;  
E sempre a lastimar me  
Aqui morrerei só  
Ai triste de mim ! triste !  
Ninguem de mim tem dó.

---

## CAPITULO XX

### ABRAÇO E PUNHALADA

Rodrigo dirigio seos olhares para o lado, donde parecião partir os accentos da vóz maviosa, que modulava tão sentidas e plangentes cóplas, e não tardou em divisar o mesmo vulto de mulher vestida de branco, que a pouco havia avistado no tope da penedia exterior. Ao tempo que cantava vinha elle descendo pelas sendas tortuosas da colina com passos subtis e rapidos, phantastica e aerea silphide, ou ligeira borboleta de azas brancas esvoaçando em caprichosos giros por entre floridás e viçosas balsas.

Quando chegou a base da collina, morrião-lhe nos labios as ultimas notas da canção suspirosa mescladas ao soluçar da vaga pregui-



cosa, a se estirarem pelas alvas praias. Do lado, por onde descera, estendia-se um grupo de rochas negras plantadas no areal, dispersas em desordem, altas, esguias, aprumadas, que ao longe se poderião tomar por um bosque de ciprestes, funebre ornamento de alguma mansão mortuaria. Tambem quem tivesse a imaginação algum tanto exaltada, contemplando á luz duvidosa do crepusculo ou em noite de luar essas escuras massas, immoveis e sombrias em pé á margem do lago, cuidaria ver nellas um bando de monges com a cabeça e braços escondidos debaixo do capúz e das largas mangas, embevecidos em mystica e profunda meditação.

Por entre esse grupo de rochedos a donzella desapareceu por momentos, e depois de os atravessar surdio de novo a beira do lago, e com um gesto expressivo e gracioso convidou o mancebo, a que viesse desembarcar. Rodrigo, que acompanhava com os olhos os menores movimentos da fada, achava-se no centro do lago em completa calmaria, e como ali dentro mal respirava uma frouxa viração, que apenas poderia agitar os macios annéis ou os ligeiros véos da frente de uma virgem, empunhou o remo, e dirigindo á praia o seo batel ia cantando assim ;

Por entre as ondas bravias  
De mil tormentas batido  
Em busca de um bem perdido  
Voga em vão o batél meo  
Voga, voga, até sabermos  
Onde a ingrata se escondeo.

Houve um dia uma sereia...  
Oh ! que linda ella não era !...  
Porem tão ingrata e fera  
Que dê amor me enlouqueceo,  
Dizei, nuas penedias,  
Onde a ingrata se escondeo.

Ella deixou-me, a cruel !  
Entregue a negros pezares,  
Lastimando sobre os mares  
O triste destino meo ;  
Dizei me, ó ondas sonóras,  
Se ella de mim se esqueceo.

Si nas azas do tufão  
Devassando o mar profundo  
Na raia extrema do mundo  
A meos olhos se escondeo,  
Neste barco aventureiro  
Lá tambem voarei eu.

Si entre monstros marinhos  
Lá no mais fundo dos mares  
Em cristalinos algares  
Se occulta o retiro seo,  
    Em meo amor confiado  
    Lá mesmo descerei eu.

Si entre rochas malditas,  
Entre grossos vagalhões  
Defendidas por dragões  
Seos palacios escondo,  
    Mil mortes desafiando  
    Lá mesmo chegarei eu,

Por entre as ondas bravias,  
De mil tormentas batido,  
Em busca de um bem perdido,  
Voga, voga, ó batél meo!  
    Voga; um dia saberemos,  
    Onde a ingrata se escondo.

Quando Rodrigo terminou a ultima endeixa, o barco embebia a proa na alva e fremente areia, e de um salto o mancebo anhelante de prazer e de assombro achava-se aos pés da fada, a qual com um meigo gesto e um fagueiro sorriso nos labios, estendia-lhe a mão para erguel-o, e lhe fallava assim :

— Não; nunca me esqueci, nunca me esquecerei de ti, Rodrigo.

Rodrigo ficou por alguns instantes diante della mudo, immovel, atonito, entregue a mil emoções, impossiveis de descrever.

— Será mesmo Regina, que estou vendo?... não será isto um sonho?... - murmurava no intimo d'alma.

Mais que nunca o deslumbrava o novo e fascinador aspecto, de que se revestira a belleza de Regina, depois que por alguns annos se ermára naquelle ignorado e inaccessible recinto. Os peregrinos encantos, que outrora ja tanto seduzião atravéz dos véos diafanos, em que o recato e timidez envolvem as graças nascentes da primeira juventude, erão apenas vagas promessas, esboços incompletos da prodigiosa e incomparavel belleza, que agora se lhe appresentava. Os olhos, que entrora como que retrahião em si aquelle vivo fulgor e fascinadora magia, que tantas victimas fizera, agora despedião provocadoras chammas, que coavaõ no intimo d'alma o filtro de mil sonhos de innefaveis delicias. Vivo e ardente rubor coloria-lhe os labios humidos e risonhos, que se agitavão como coróllas orvalhadas desafiando o beijo das aragens. Espraiava-se lhe nas faces um mimoso matiz encarnado, que não era por certo assomo



de virginal pudor, mas exuberancia de seiva e viço juvenil, fogo do coração sedento de amor, que lhe aquecia o sangue, e vinha abrolhar-lhe nas faces em pétalas de rosa. Os braços, espaldas e seios mais avolumados torneavão-se em morbidas e voluptuosas curvas, e os contornos do corpo desenhavão-se bem accentuados em todo o seo vigor e amplitude sob a ligeira e singela roupagem, que do donoso cinto pendia-lhe flaccida ao longo dos membros ondulando ao sopro de escassa viração. Já não era a tenra flor, que mal abria timidamente aos fulgores da nascente aurora o calix orvalhado de innocencia e pudor; era agora a rainha do valle, que alçava o collo altivo alardeando aos esplendores do sol o mimo e o matiz das petalas em todo o seo viço e louçania.

— Será mesmo Regina, que estou vendo?... não será isto sonho?... — exclamou Rodrigo externando por fim em vóz alta a perplexidade e assombro, em que sua alma se agitava.

— Quem mais senão ella? — respondeo a fada apertando-lhe docemente as mãos, que tinha presas nas suas, e cravando-lhe n'alma um olhar repassado da mais apaixonada ternura. — Não me conheces mais, Rodrigo? estarei tão mudada assim?

— Mudada não estás; es a mesma Regina,

porem mil vezes mais bella. Meo coração bem adivinhava, que eras tu, que aqui te achavas ; mas podia eu contar com teu amor, eu que fui tão cruelmente maltratado ? . Ainda não posso crer ; ... dize-me ainda uma vez ; devéras tu me tinhas amor ? ... Ainda não te esqueceste de mim ?

— Oh ! juro-te, Rodrigo ; amava-te ! ... amei-te desde primeira vez que te vi, e hoje te amo mais ainda, si é possível.

— Mas entretanto passado pouco tempo amaste outro homem ; ... com elle te casaste, e ...

— Cala-te, meo querido ! — interrompeo Regina levando a rosea mão á boca do mancebo ; — bem sei o que me vaes dizer. Si me tens amor, não me afflijas com essa triste recordação neste unico momento feliz, que até aqui me tem sorvido na vida. Si soubesses o que se passava dentro deste coração ! ? ... Depois que desapareceste fiquei sosinha, entregue a mim só, a meos pesares, e á minha fatal belleza, que máo grado meo não cessava de produzir os costumados infortunios. Devo dizer-te, si é que já não sabes, tambem teos irmãos amarão-me, e sollicitarão o meo amor ; mas ai delles ! ... não conseguirão mais do que tornar com sua presença e semelhança mais vivas as saudades,

que tinha de ti, e gravar-me mais fundo no coração um sentimento, que jamais devia se extinguir. Tambem elles desapparecerão!... a páz; a alegria, a esperança, tudo fugio-me com o unico homem, que soubera captivar-me o coração. Appareceo esse homem, que offertou-me seo amor e sua mão. Eu desejava e devia pôr termo ás desgraças, que sem querer derramava em torno de mim. Todos julgavão-te morto, e eu, que tinha sido a causa involuntaria de tantas catastrophes semelhantes, facilmente o acreditei. Aceitei o seo amor, a sua companhia e protecção, mas não lhe podia dar em troca senão estima e amizade, que muito merecia, mas amor não, que esse tu m'ó havias levado todo para o tumulto, em que te julgava adormecido.

— Mas por que tanto me desdenhavas?...

— Eu nunca te desdenhei.

— Por que me fugias sempre? por que nunca achaste para mim uma unica palavra de esperança?... por que sempre me flagellaras a alma com aquelle estribilho de tua infernal canção:

Mancebo, vae n'outra parte  
Teos amores suspirar?...

— Ah! não me entendias, e tinhas razão. Louca e caprichosa que eu era, queria que por meio de um gesto, de um olhar advinhassem todo o meo pensamento. Sou filha do mar; não tenho outra patria, e não conheci na terra paê, nem mãe, nem parentes. Entretanto eu crescia, e meo coração sentia necessidade de amar, e ameí-te a ti, filho da terra, onde eu fizera voto de não amar a ninguem. Mas meo amante queria eu em meos cegos caprichos, que fugisse para sempre á terra, e me acompanhasse aos mares; era aqui, neste meo retiro inacessivel aos demais filhos da terra, era aqui, que eu queria que me amasse; era aqui que eu queria prendel-o commigo, prendel-o em meos braços, comprehendes?...

— Mas eu cá vim um dia em teo seguimento arrostando todos os perigos, e tu me fugiste e desapareceste a meos olhos cantando sempre a tua abominavel canção...

— A canção era simplesmente para pôr em prova a tua perseverança; mas eu te acenava, para que me acompanhasses dandovolta a ilha, e tu não me comprehendeste!... e ai de mim!... nem podias comprehender, agora o vejo...

— Oh! estulto e cego que eu fui!...

— Não, Rodrigo; a culpa era minha; mas hoje me comprehendeste; tudo está sanado;



esqueçamos nos braços um do outro todo esse triste passado. Graças a ti, meo bello, meo valente amigo, graças ao teu amor e á tua coragem, eis-nos hoje felizes!... si tu não viesses, eu aqui viveria, e aqui morreria ao desamparo na mais triste solidão, pois jamais consentiria, que outro, que tu não fosses, penetrasse nesta minha morada.

Com estas e outras phrases e affagos repassados do mais intimo e extremoso affecto, Regina travando da mão do mancebo o ia conduzindo através das negras rochas, que mediavão entre a praia e o visio das collinas.

Já era sol posto, e reinava por entre aquelles meandros misteriosos mystica e silenciosa sombra quasi igual á da noite. No intervallo de dous desses penedos, que se inclinavão um para o outro quasi feixando-se em abobada, a semelhança de dous espectros negros, que procuração beijar-se, Regina parou.

— E' aqui, — disse ella apontando para um comoro de areia que se abaúlava na base do rochedo, — é aqui, meo querido, que depusitei minha grinalda de nupcias; ei-la!... não vês?...

Regina havia de feito depositado sobre aquelle comoro sinistro sua palida e já tisonada grinalda de bodas.

— Não a vês? — continuou ella; — murcha, amarellada e triste, como tem estado até hoje o meo coração. Tem um salpico de sangue, não vês?... não sei que mão fatal, que punhal surgido do inferno, ou descido de ceo ferio de morte meo marido no momento, em que ia desatar-me da fronte esta grinalda...

Rodrigo estremeceo; atassalhado de remorsos esqueceo-se do amor, não vio mais a encantadora belleza, que lhe fallava, e com os olhos desvairados, a fronte inundada em gelido suor esperava ver surgir a cada momento d'entre aquelles penedos a sombra ensanguentada de sua victima. Mas as meigas palavras de Regina immediatamente vierão acalmal-o.

— E' que meo destino não queria que eu fosse delle; — continuou ella apanhando a grinalda e pondo-a sobre a cabeça.— Meo coração tinha-te escolhido; eu devia ser tua, somente tua; a ti só e a mais ninguem competia desatar-me da fronte a grinalda virginal. Vem, meo querido, vem a meos braços, aperta-me nos teos...

Quem resistiria a tão fagueira e apaixonada provocação partindo de tão seductora creatura?... Rodrigo ebrio de ventura e de amor attirou-se aos braços de Regina, e apertou-a contra o seio; mas em lugar de um suspiro de

amor escapou-lhe do peito um grido agudo e doloroso. A lamina de um punhal lhe havia atravessado o coração!... O misero mancebo rolou na areia, estrebuchou um momento, e expirou.

— Estas contente, meo marido? — bradou a fada horrivel com os olhos chammejando em jubilo infernal. — Eis ahi tem a teu lado um de teos assassinos. Os outros hão-de vir, eu te affianço, e aqui mesmo hão-de morrer da mesma morte. Juro, juro, juro tres vezes!!...

---

## CAPITULO XXI

RICARDO

Durante toda a noite Roberto e Ricardo velarão na praia esperando em vão por seo irmão.

— Achou-a talvez, — pensavão lá entre si dissimulando-se reciprocamente a inquietação e ciume, que lhes mordia o coração. — Conseguiu talvez apportar á ilha, encontrou-se com ella, e a esta hora, quem sabe? esquecido do mundo, de nós, de tudo lá está nos braços della engolfando-se em delicias! —

Mas logo repellião esta idéa para elles a mais amarga e pungente de todas.

— Não! não é possível!... ella nos detestava a todos tres, e deve bem saber, que braços vibrarão o golpe, que lhe roubou o esposo. Se a moça ou fada, que habita essa ilha, é real-



mente Regina, mais facil será ter ella sacrificado nosso irmão a sua féróz vingança, si é que elle não soçobrou nesses malditos pedregalhos. —

Desd'o romper do dia pouco a pouco forão chegando outros pescadores igualmente anciosos por saberem o resultado da audaciosa tentativa de Rodrigo.

— Ainda não voltou! ? — dizia um; — bem o dizia eu; ou a sereia o agarrou em seos laços, e lá tem de ficar para todo sempre; ou despedaçou o barco nos rochedos da ilha, e não tardaremos a ver seo cadaver arrojado á praia.

— Não é isso, — replicava outro, — é que talvez até agora estará vogando atrás da ilha, e ainda não pode alcançal-a. Se duvidão, olhem, que é da ilha!... não o vejo em parte alguma.

— E' o sol, que te empana a vista. Olha acolá, — respondeo outro apontando ao longe no horisonte.

— Ali?... mas aquillo parece mais ser uma névoa.

— E se não é nevoa, então a ilha mudou de lugar.

— Pois quem duvida? essa ilha é o castello encantado da rainha das sereias, que anda a

boiar por cima das ondas, e passeia por todos os mares do mundo. Já tem sido vista até nas Canárias, e chamão-lhe por lá a ilha de S. Borondon; mas como aqui lá também ainda ninguém lhe poz o pé.

— Entretanto o Rodrigo lá se foi tras della, e por lá ficou.

— E lá ficará para todo sempre; é o que lhes digo, e é o que ha-de succeder a todos os que tiverem o arrojo de lá querer chegar.

Entretanto no meio destas e outras conversações, os pescadores olvidados de suas occupações passeavão de continuo olhares curiosos e investigadores por toda a superficie do oceano, que com a vista podião alcançar. Roberto e Ricardo especialmente, pouca attenção prestando ao palrar incessante de seos companheiros, não despregavão os olhos dos rumos da ilha maldita.

A medida que o sol ia se remontando no horisonte, as nevoas matinaes forão se dissipando, e as ceruleas campinas do oceano ligeiramente enrugadas por uma briza de nordeste se appresentarão banhadas de viva luz até os seos mais remotos confins. Começou então a desenhar-se distinctamente aos olhos dos pescadores o sinistro phantasma da ilha misteriosa na extrema do horisonte e no mesmo

ponto, em que fora vista na vespera. Figurava um comoro roxo-escuro circumdado de alvo cinto de espumas, como uma amethista atufada entre frocos de arminho.

— Eila acolá ! estão vendo agora ? bradou o que primeiro a tinha avistado. — Lá está a ilha.

— E' ella ! é ella ! — exclamarão todos. — lá está e no mesmo lugar.

— E' ella ; esta noite felizmente não vogou ; ainda bem ; mas o peor é que por esse rumo não vejo nem sombra de embarcação.

Era ja quasi meio dia, e nem véla, nem signal algum de barco se via no horisonte. Roberto não teve paciencia para esperar mais tempo.

— Vou procurar meo irmão, — disse saltando dentro de seo barco ; — A ilha é aquella mesma ; bem a conheço ; mas seja nuvem, ou sonho, parcél, rochedo ou o palacio do diabo, si ella não soverter-se debaixo das agoas, ou não voar pelos ares, hei-de lá chegar, e vivo ou morto hei-de encontrar meo irmão.

Em vão os pescadores se esforçarão por demovel-o de tão insensata empreza ; a nada attendeo o temerario moço. Desamarrou silenciosamente o seo barco, içou a véla, manobrou a leme, e fez-se ao largo.

— Vae, meo irmão, vae procurar e salvar, se ainda é tempo, o nosso irmão, — disse-lhe Ricardo ; — si dentro em vinte e quatro horas não estiveres de volta, eu lá irei procurar-vos. Adeos ! Roberto.

— Adeos, Ricardo.

— Que doudos são estes moços ! murmuravam os pescadores consternados vendo partir Roberto. — Devem andar bem enfastiados da vida elles, que assim correm a uma morte certa com a maior frescura e desembaraço do mundo ! E' mais um bello e excellente companheiro, que a maldita sereia nos vae roubar.

E' escusado referir por miudo o que aconteceu a Roberto. Teve em tudo a mesma sorte que seo irmão mais velho. Regina, que já adivinhava a sua vinda e o esperava no alto do rochedo, indicou-lhe por gestos, como já o fizera a Rodrigo, a derrota, que devia seguir para poder penetrar na ilha. Apenas se achou nas agoas serenas do golfo, que occupava o centro daquelle pittoresco e ameno recesso, ouviu os enlevadores accents da vóz melodiosa, que parecia adormecer as ondas e os ventos, e divisou o donoso vulto de mulher vestida de branco, que o chamava á praia. Apportou ; fascinado pela deslumbrante formosura, pelas blandicias e affagos de Re-



gina, que logo reconheceo, o misero mancebo nem se lembrou de perguntar por seo irmão !... tal era a força da hallucinação, que desvairou-lhe a mente, e obcecou-lhe o coração ! A moça o conduzio por entre os rochedos, parou no mesmo sitio, a que levara Rodrigo, e na mesmo hora, em que na vespera este fora sacrificado, o mesmo punhal vibrado pela mesma mão traspassava o coração de Roberto, e mais um cadaver estrebuchava agonizando sobre a sepultura do marido de Regina.

— Parabens, marido ! — exclamou Regina com um riso de medonha e feróz alegria ; — parabens ! já o sangue de dous dos teos assassinos tinge a tua sepultura !... falta o terceiro ; elle ha-de vir, disse estou certa. Amanhã elle aqui ficará tambem estendido ao lado de seos bons irmãos. Por este punhal, e por todo o sangue por elle derramado assim o juro, juro, juro tres vezes !...

Os mudos e insensiveis rochedos, unicos testemunhas daquella scena pavorosa, devião estremecer de horror aos échos daquelle brado infernal. Medéa apunhalando os filhos de Jason não seria mais horrivel.

---

## CAPITULO XXII

RICARDO

— Elles não voltão!... ah! meos pobres irmãos! que será feito delles?!... — murmurava tristemente Ricardo embebendo olhar sombrio e esmorecido pela amplidão dos mares no dia seguinte ao em que Roberto se fora em direcção á ilha maldita em procura do irmão, o que equivale a dizer — em procura de sua perdição. —

— Maldita ilha! maldita mulher!... quem vos quebrára o encanto terrivel, que tantas lagrimas, tantos desastres e tanta desesperação tem produzido!.. sina fatal a dessa mulher! sina de horror e maldicção para si e para todos!... E elles não voltão! irei procural-os. Devo salvá-los, si for possivel, ou morrer como elles morrerão. E' esse o nosso fado; cumpra-se!...

Como no dia anterior os pescadores desde pela manhã se agglomeravão na praia anciosos por saberem o resultado da tentativa do segundo irmão. Neste dia porem ainda maior era a affluencia de povo. Quasi toda a aldeia, homens e mulheres, velhos e creanças, vagueavão dispersos pelas praias não consultando os ventos e a maré, ou tractando de lançar ou colher suas redes, não calafetando os barcos ou concertando as velas rotas pelo-tufão, mas em uma extrema e curiosa preocupação de espirito, com os olhos pregados no horisonte e na desastrada ilha, que lá se desenhava ao longe com seo torvo cintos de rochedos circumdados de alvejante espuma.

Era já quasi meio dia o céu estava limpo e diafano; o mar sereno e inundado até as extremas do horisonte da mais intensa e radiante luz, e nem uma véla nem um barco no oceano, que fizesse suspeitar a volta de qualquer dos dous irmãos.

— E' tempo de soltar meo barco, — exclamou Ricardo dirigindo-se ao barco, que arfava ali perto amarrado á praia; -- vou procurar meos irmãos. Adeos, meos amigos!... até amanhã, ou até nunca mais!

Era Ricard tão gentil e bem disposto como qualquer de seos irmãos, mas a natureza tinha-

lhe espargido nas feições e na expressão do semblante uns toques mais suaves e delicados, um não sei que de feminino e gracioso nas formas do corpo e nos sentimentos do coração. Mui jovem ainda o fogo das paixões ainda não lhe havia turvado a serenidade da fronte lisa e expansiva, nem accentuado duramente os traços physionomicos como a seus irmãos. Os cachos de cabellos negros, que lhe sombreavam o collo, luzião-lhe por baixo do sombreiro como laminas de aço polido, e os olhos tambem negros se accendião em uma luz meiga e suave, que penetrava sem offuscar. Mesmo assim porem não deixava de ter a mesma vigorosa organização muscular que seus irmãos, e essa expressão calma e serena da physionomia era modificada por um sulco perpendicular entre os sobrolhos, indicio revelador de animo resolutu e inquebrantavel energia.

Á suave expressão de seo rosto, seo olhar placido, suas ingenuas graças junctas ao garbo senhoril do bem talhado e vigoroso porte davão-lhe ares de um archanjo modelado pelo cinzel do mais bem inspirado e sublime artista.

Sabemos, que Ricardo já sentira os primeiros abalos de uma paixão fatal, quando pela primeira vez se encontrára com Regina; mas era apenas um primeiro germen guardado



n'alma, e que ainda não tivera occasião de desabrochar em toda a sua força; uma visão, que o deslumbrára, e lhe deixára no espirito o enlevo de um amor ideal e puro não despertando nelle senão anhélos indefiniveis, vagas e deliciosas emoções. Esse primeiro affecto porem de uma alma inexperiente e candida só esperava um segundo encontro para irromper nessa paixão infrene e cega, que se apoderava tyranicamente do coração de todos os amantes de Regina. A imagem dessa mulher, que primeiramente lhe apparecera em sonho para logo se encarnar na mais esplendida e maravilhosa realidade, lhe havia ficado gravada na mente em vivos e indeleveis traços. Essa recordação porem, que de continuo lhe pairava no espirito, não fazia mais que aquecer-lhe suavemente o coração sem inflamar-lhe o sangue na febre do sensualismo, e derramava em toda a sua physionomia leve sombra de melancolia, que tornava-lhe ainda mais simpathico o encantador aspecto.

Bem se pode portanto avaliar quanto Ricardo devia ser bemquisto de toda aquella boa gente, não faltando mesmo corações de formosas meninas, que por elle em segredo suspirassem, e que se julgarião as mais venturosas mulheres do mundo, se conseguissem atear-lhe

n'alma uma centelha de amor. Mas a mística adoração, que consagrava á virgem do mar, feichava sua alma a todo e qualquer outro affecto, e ás jovens pescadoras baldavão suspiros e olhares enternecidos, que Ricardo nem comprehendia.

E pois naquelle dia fatal grande era a consternação, immensa a anciedade e afflicção, que preocupava os animos. Em vão a poder de conselhos, supplicas e mesmo lagrimas, porfiavão por dissuadir o mancebo de sua tresloucada empreza.

— Que poderás fazer mais que teos irmãos ?  
— dizião-lhe. — E's mais valente ou mais robusto que elles ? ou terás algum amuleto, algum talisman, que te livre dos encantos da maldita sereia ?... Deixa-te disso, moço ; procurar assim uma morte certa é tentar a Deos.

A todos esses rogos e almoestações Ricardo respondia inabalavel em sua resolução :

— Devo salvar meos irmãos, ou morrer como elles morrerão.

O sol começava a declinar do meio dia. Ricardo não quíz mais ouvir nem pronunciar uma só palavra ; encaminhou-se silenciosamente ao seo batel, desatou a amarra, empunhou o remo, e o impellio para o largo. O vento e a maré o favorecia como a seos irmãos, e o levavão di-

reito ao malsinado escolho, ao vortice tremendo, a que uma fatal e irresistivel força os attra-hia. A brisa fresca enfunava-lhe rijamente a véla e arrastava-lhe o batel por sobre as vagas encrespadas como a folha secca arrebatada pelo tufão através dos areaes do deserto. Em breve já não podia mais ouvir as vozes teimosas dos pescadores, que não cessavão de bradar-lhe: — Volta, moço, volta !... que vaes lá fazer ?... cor-res a uma morte certa !

Em menos de duas horas o barco do mancebo já luctava contra as ondas revoltas e empoladas, que rugem derredor da ilha maldita. A penedia liza, uniforme, pendurada sobre as vagas já se desenhava distinctamente ante os olhos de Ricardo, o unico dos tres irmãos, que ainda não a tinha encarado de perto. Era em verdade horrendo e temeroso, e desta vez ainda estava mais atterrador o aspecto, que apresentava. As ondas, que contra ella se arrojavão furiosas e quasi lhe galgavão o cimo, despedaçavão-se es escarcéos de espuma com bramidos, que semelhavão uma trovoada eterna. Não se via em redór nem uma saliencia de rocha, nem uma lingoa de areia, nem uma pequenina enseada, em que luzisse ao naufrago a mais leve esperanza. Era por toda a extensão visível a onda revolta em sua eterna mobilida-

de em lucta encarniçada contra o granito inalvel em sua eterna immobildade.

Todavia Ricardo não esmorecia e fazia esforços desesperados para chegar á base da inaccessible penedia. Embora seo barco se fizesse em pedaços de encontro aos cachopos, embora se visse arrojado nas ondas daquelle pégo convulsionado, que refervia espumoso como caldeira em ebullição, queria atracar-se ao rochedo, galgar-lhe o cimo, e devassar os segredos daquelle fatal e malsinado recinto. Em breve porem reconheceo com o mais entranhado despeito, que erão baldados seos esforços, e louco o seo intento. No espaço de cerca de uma hora, que luctava favorecido pelo vento, que lhe inchava a vela, e pelo impulso do remo, que manejava com o maior vigor, não conseguira approximar-se nem duas braças, da formidavel penedia que continuava a ficar-lhe como a duzentos ou trezentos passos de distancia.

O braço de Ricardo desfallecia, o remo lhe escapou das mãos esmorecidas. No auge do desalento fez um supremo e desesperado esforço, de um salto poz-se em pé sobre o barco decidido á atirar-se ás ondas a fim de ou alcançar a medonha penedia, ou nellas ficar para sempre sepultado. Ao relancear porem os olhos pelos topes do rochedo para medir a distancia,



que delle o separava, deo com os olhos em um vulto de mulher vestida de branco, que se destacava no azul do céo sobre a crista de uma rocha, como estatua de alabastro sobre os muros denegridos de vetusto e ruinoso castello. O mancebo fitou por algum tempo aquella estranha apparição a fim de certificar-se que não era uma illusão, e ao que podia julgar pela distancia, pareceo-lhe uma gentil donzella no viço dos annos e de incomparavel formosura.

— E' ella ! — reflectio o mancebo. — E' a fada da ilha encantada !... será de facto Regina a misteriosa sereia, que aqui mora ?... será essa mulher fatal, que precipitou a mim e a meos irmãos na carreira do crimee no abymo do mais tenebroso infortunio ?... eh ! si for !... mas... seja embora !... que me importa ? !.. seja quem for, Regina, fada, sereia ou o proprio satanaz!.. quero vel-a, quero fallar-lhe de perto, perguntar-lhe por meos irmãos, pedir-lhe conta delles, de nosso futuro para sempre annueado por suas malditas e execraveis mãos, ou vingal-os, se os sacrificou ao seo furor...

Nisto tirou o sombreiro e agitou-o vivamente nos ares gritando com força :

— Regina !... Regina !...

A donzella, que attentamente o observava, correspondeo a seos gestos, e com expressiva

mimica deo a entender ao moço, que estava anciosa por dar-lhe entrada em sua ilha, e com acenos appropriados indicou-lhe, como já fizera a seos irmãos, a derrota, que devia seguir para achar a entrada da mesma. Ricardo comprehendeo ; amainou a véla, e deixou que as ondas o affastassem das proximidades da penedia. Depois que se achou sufficientemente retirado, manobrando convenientemente rodeou-a pelo sul procurando sua face oriental. Ahi as ondas não sendo mais rechassadas pelos cachopos levárão-lhe suavemente o barco até a entrada do estreito canal, que elle transpóz sem difficuldade, e em breve achou-se nas agoas serenas do golfo central.

---

## CAPITULO XXIII

### CONDÃO QUEBRADO

Ricardo ficou possuido de assombro e mesmo de um certo pavor vendo inopinadamente desenrolar-se ante seos olhos o maravilhoso espectáculo do interior da ilha, que tão vivamente contrastava com o horrendo e branco aspecto exterior.

Mas não era asada a occasião para ficar a cismar estatico diante dos formosos painéis, que o rodeavão. Pensamentos tumultuosos lhe alvo-roçavão o espirito e o que mais anciava ver era a rainha misteriosa daquelles sitios encantados. Procurava-a com as vistas por todos os lados com inquieta curiosidade, mas ao mesmo tempo enfiava e estremecia de pavor e sobresalto a cada momento, que pensava tel-a diante

dos olhos. Por singular disposição de seo espirito e de seo destino, Regina era para elle ao mesmo tempo um objecto de odio e culto, de pavor e de attracção.

Não durou muito tempo esse estado de anciosa inquietação. Uma vóz angelica e suavissima chegou-lhe aos ouvidos e absorvendo-lhe toda a attenção veio arrebatá-lhe a alma ás regiões dos sonhos encantados retraçando-lhe vivamente na phantasia a formosa visão, que nunca se lhe apagára da lembrança. Era uma vóz de mulher, vóz fresca, argentina, arrebatadora, que ondulava pelo espaço em maviosos e apaixonados accents, como ouvidos humanos jamais havião escutado.

Olhando para o lado, donde parecia partir a canção, Ricardo avistou em pé na praia a mesma formosa donzella vestida de branco, que divisára a pouco sobre o tope dos rochedos. Como naquelle tranquillo e recatado recinto mal bafejava frouxa viração, Ricardo lançando mão do remo dirigio-se para a praia, para onde a formosa fada com expressivos gestos o chamava. Em caminho affagava-lhe os ouvidos a mavriosa canção, que dizia assim :

Nestas praias solitarias  
Que procuras, pescador ?..



Vens buscar perolas finas,  
E corações de alto valor ?...  
Se taes thesouros desejas,  
Voga alem, o pescador.

Que estrella por estes mares  
Te conduz, ó pescador ?...  
Queres ser nauta valente,  
E do oceano senhor ?...  
Si tal ambição te ocupa,  
Passa alem, ó pescador.

Os misterios saber queres  
Desta ilha, ó pescador ?...  
E de meo reino os arcanos  
Aos olhos do mundo expor ?  
Si é esse o desejo teo,  
Vae-te embora, ó pescador.

Mas se perigos insanos  
Affrontando sem pavor,  
Nesta ilha solitaria  
Tu vens procurar amor,  
A' meos braços sem detença,  
Corre, voa, ó pescador.

Quando as notas extremas do suavissimo can-  
to expiravão vibrantes de paixão pelas solita-

rias plagas, a proa do barco de Ricardo embebia-se rugindo na arenosa margem, e com rapido movimento o mancebo saltava em terra e corria para juncto da donzella. Regina o esperava immovel ; um sentimento ignoto a perturbava ; o coração lhe pulsava de um modo insolito, e seo espirito se perdia em um cháos de ideas singulares e emoções estranhas. Ella, que nas brancas faces conservava sempre inalteravel um leve matiz de rosa, sentio incender-se lhe o rosto em extraordinario rubor ; os olhos, que sempre tão animados despedião com altivez os mais vivos e penetrantes fulgores, sentirão turvados e abaterão-se involuntariamente sem ousarem fitar o mancebo com a costumada sobrançeria. A lembrança do formoso joven, que outróra tinha encontrado na praia adormecido á sombra de um rochedo, avivou-se-lhe subitamente no espirito, e as mesmas emoções, que então sentira, lhe assaltárão o seio alvoroçado. A imagem desse mancebo máo grado seo lhe ficára para sempre gravada na mente como estrella de meiga e fagueira luz no céu escuro de seo tenebroso destino. Em vão procurava expellil-a ella sempre a acompanhava derramando-lhe n'alma um triste e misterioso clarão que a enchia de angustia e inquietação. Desde que vira Ricardo, quebrára-se o seo condão de

fada, e desfizera-se todo esse encanto, que até ali lhe amparára o seio com o broquel de inexpugnável izeção. O malaventurado affecto, que havia consagrado ao esposo de um dia, não pudera apagar-lhe da mente aquella visão de um instante, que a tinha fascinado.

Por seo lado também Ricardo jamais pudera se esquecer da virgem donosa e radiante de belleza, que lhe apparecendo em sonho um momento depois se convertia em fulgurante visão, cheia de vida e realidade.

E era essa visão, que agora lhe surgia de novo ante os olhos pelas praias silenciosas daquelle retiro encantador. Era ella, era Regina, que agora lhe apparecia ainda mais formosa do que outrora, porem mais meiga e carinhosa. Já não vibrava aquelles olhares sintilantes, cheios de altivèz e imperio, que fulminavão todas as esperanças no coração de seos adoradores. As pupilas humidas nadavão-lhe em suave languor, um tímido sorriso cheio de caricias e promessas adejava-lhe pelos labios incendidos em voluptuoso rubor. Lia-se lhe no vivo encarnado das faces, na timidez dos ademanes, no tremulo e ancioso arfar dos seios empolados, um casto e seductor enleio, que duplicava-lhe os encantos e a revestia de uma formosura irresistível.

Ricardo tódavia tentou a principio resistir a tão poderosa seducção; evocou no espirito a memoria de seos irmãos, que já não duvidava terem sido sacrificados á sanha daquella ominosa e fatal belleza, e esforçou-se debalde por conservar toda a sua sobranceria e izenção de animo em face de tão formidavel e tentadora visão. Parou diante della e depois de contemplal-a por instantes com accento, cuja emoção em vão procurava disfarçar.

— Senhora, — disse-lhe, — venho aqui somente para indagar o que é feito de meos dous irmãos, que a senhora bem conhece, e que vierão um apóz outro nestes dous ultimos dias em direcção a esta ilha, e que até agora não voltárão.

— Seos irmãos!... que me diz, moço? — retorquiu a donzella com simulado accento de surpresa e consternação. — Seos irmãos?!... pois erão elles?... infelizes!

— Infelizes!?... exclamou o mancebo impaciente. — Infelizes por que, senhora?... acaso os vistes?...

— Vi-os, sim, vi-os expostos ao maior perigo, mas ai de mim!... sem poder valer-lhes. Desgraçados!... por que forão tão affoutos e temerarios!

— Mas por piedade, senhora, dizei-me, o que é feito delles?...



— Perguntae a essas ondas, que rugem ahí fora ; perguntae aos abysmos e aos monstros do oceano...

— Oh! meo Deos! meo Déos! será possivel?!...

— Não sei, — respondeo Regina hesitando, arrependida e procurando pôr em duvida a triste nova, que acabava de dar ao mancebo. De momento a momento ia crescendo a affeição e interesse, que tomava por elle, e a consternação e dor, que manifestava pela perda dos irmãos, summamente a inquietava e affligia. Tractou pois de affastar essa idéa tão cruel e pungente para ambos. — Não sei ; mas é difficil escaparem aquelles, que tem a audacia de se avizinharem dos terriveis cachópos, que cercão esta ilha. Eu os vi do alto da penedia luctando temerariamente com as ondas, não sei com que louco intento, mas não sei que soçobrassem e percessem. Gritei-lhes e acenei-lhes, como a pouco voz fiz, ensinando-lhes o caminho, que devião seguir, para se recolherem a esta ilha ; mas parece que não me comprehenderão. Perdi-os de vista e não sei que rumo tomárão. É natural, que se fizessem ao largo, e procurassem a costa, onde de certo se terão salvado.

— Mas, — interrogou Ricardo com certo tom de desconfiança, — a senhora não odiava meos irmãos ?

— Eu odial-os?! e por que, meo Deos!... somente não os amava, por que não devia, nem queria amar a ningnem, nem ser amada. Eu tinha um horror instinctivo, uma repugnancia invencivel a isso, que se chama amor. Era essa repugnancia, que eu sempre senti antes de...

Um suspiro mal disfarçado, e um rubor extraordinario, que incendeo-lhe as faces, servio de remate a esta phrase interrompida.

— Já sei,— acudio Ricardo julgando adivinhar o que o pudor tinha suprimido par uma reticencia. — Já sei; sentiste sempre essa repugnancia antes de conhecer o ente afortunado, a quem deste a mão...

— Oh! por piedade! — interrompeo a moça fitando em Ricardo um olhar repassado de paixão, pejo e angustia; — não fallemos desse desgraçado esposo de algumas horas. Amava-o tanto como amava a teos irmãos.

— Que estaes dizendo, senhora?... porque antão o desposaste?

— Ah! para que affligir-me com perguntas, que me fazem sangrar o coração de dor e de remorso.

— Perdão, senhora,— replicou o mancebo com algum enfado; — estava longe de pensar que a estava affligindo. Visto que nada pode revelar-me, não quero mais importunal-a com mi-

nhas perguntas ; deixo-a em par em seo retiro, e volto pelo mesmo caminho, por onde vim.

— Não, não irás ainda, — retorquio Regina reassumindo a calma e a presença de espirito, que pouco e pouco foi deslisando para um tom de meiga e cordial familiaridade. E's neste mundo a unica pessoa, a quem apraz-me abrir meo coração; has-de ouvir-me. Para que eu responda á tua pergunta, é preciso que te conte a historia de minha vida desde seo começo. Não te enfadarás de ouvir-me?...

— Eu enfadar-me ! ? nunca, Regina. Falla; tuas palavras tem a doçura de um balsamo...

---

## CAPITULO XXIV

### REGINA E SUA HISTORIA

Ricardo, que só uma vez e por instantes tendo visto Regina conservara ainda certa sobrançeria e isenção de animo, não poude mantel-as por muito tempo em face dos irresistiveis attractivos dessa mulher. Ella o amava deveras, e por isso seos encantos para com elle tornavão-se ainda mais poderosos, por que para seduzil-o não lhe era mistér empregar artificios nem simulações ; bastava deixar fallar a voz da natuzera. Dentro em pouco tinha abdicado inteiramente nas mãos della alma e vida, razão e liberdade, e entregava-se submisso ao doce jugo de tão formosa e adoravel soberana.

Regina fez o mancebo assentar-se a seo lado sobre um banco natural de relva, que se formava juncto a baze de um rochedo, e começou a contar-lhe o que se segue :



Não sei onde, nem quando nasci, nem tão pouco quaes forão meos paes. Sabes por certo, que ainda em tenra idade fui achada quasi morta em uma praia e recolhida e salva por uma pobre caridosa mulher, que me creou. Creio entretanto ter conservado uma vaga recordação dos tempos anteriores a essa data, um como sonho confuso, que me representa na idéa cousas singulares e extraordinarias, que eu vi nessa primeira quadra interrompida de minha existencia. Afigura-se me que minha infancia se passou em lugares inteiramente differentes daquelles, a que depois fui transportado. Foi como si eu tivesse morrido, e depois resuscitasse em um novo mundo, que me era totalmente estranho, entre creaturas de uma natureza, que me era desconhecida. Estes sonhos, ou estas vagas reminiscencias se me appresentavão a imaginação como as vagas e indefinidas formas de risonha paizagem, que se debuxa em longinquos horisontes entre as brumas de tarde vaporosa, e me trazião o espirito enlevado em continua preocupação.

Recordava-me que tivera outra mãe mui diversa em tudo da boa velha, que me creou.

Era uma mulher alva como jaspe, alta e garbosa, e de incomparavel formosura; tinha a frente, o collo e os braços ornados de finas

perolas e lusentes pedrarias. Habitava uns palacios esplendidos no meio do mar, decorados de columnas de cristal, porticos soberbos, e immensas galerias alpendradas de jaspe e ornadas de innumerous vasos de prata e ouro carregados de fructos e flores de brilhantes e peregrinas formas. Trajava longas e roçagantes roupas tão ligeiras e diafanas, que mais parecião nuvem de prata que lhe ondulava em derredor do corpo.

No meio dessas magnificencias ella amamentava-me aos alvos seios nús jaspeados de veias azues, e emquanto embalava-me em seo vegaço, gentis sereias quasi tão formosas como ella acalentavão-me ao som de canticos de ineffavel melodia.

Mas, — cousa singular! de tudo o que la me aconteceo o que menos obscuramente conservo em lembrança, é a reminiscencia de certas cousas, que me disse um dia um uma lingua, que meos labios mal começavão a balbuciar, e que depois esqueci completamente. Estavamos nós, ao que me lembra, no alto de um soberbo terrasso de maravilhosa estructura; o mar se desenrolava immenso diante de nossos olhos.

— Não estás vendo, menina? — disse-me ella apontando ao longe para as extremas do oceano; não estás vendo, aquella linha escura,

que lá se estende immensa pelos confins do horisonte ?

— Sim, estou vendo, — balbuciei.

— Pois bem ; fica sabendo, que é lá que acaba o mar e principia a terra. Ouve bem o que agora te digo e sempre hei de repetir-te : maldita sejas tu, si algum dia quizeres ver a terra, e mais maldita ainda, si.....

Aqui murmurou ella mais algumas palavras, que eu ou não comprehendí, ou de todo me esquecerão.

Eis o de que confusamente me recordo dessa breve e obscura quadra de minha vida. No mesma dia em que minha mãe me disse aquellas palavras, si bem me recordo, anoiteceo-me nos palacios encantados de minha mãe, e accordei ou antes nasci de novo na tosca e humilde cabana de Felisbina. Pode ser que estas cousas, que eu tenho como reminiscencias do passado, não sejam mais que puras illusões de minha phantasia ; mas phantasticas ou reaes o certo é que ellas tem influido extraordinariamente sobre minha vida, e derão ao meo destino uma fatal e deploravel direcção.

Posto que estranhasse summamente o novo mundo, a que me via transplantada, creança como eu era não me devia ser difficil conformar-me com o novo genero de vida, a que me

via sujeita. Todavia as minhas recordações nunca me abandonarão, e tomarão talvez ainda maior vulto vistos pelo prisma da imaginação na penumbra do passado, e atormentarão-me as saudades desse mundo, em que me despondára a vida, tão cheio de delicias, esplendores e harmonias, tão superior a essa terra ingrata e bronca, que nenhum encanto podia offerecer a meos olhos.

Fui crescendo em idade, vigor e formosura, e as minhas illuzões longe de se esvaecerem com o andar de tempo e desinvolvimento da razão, se me arraigavão cada vez mais vivas e tenazes na imaginação. Eu me julgava de uma especie superior ás demais creaturas, que me rodeavão, e ouvindo fallar dos anjos do céo eu me acreditava um delles, que por qualquer accidente tinha cahido sobre a terra, e o dizia com toda a franqueza infantil á velha Felisbina, que sorria-se de minha ingenuidade. Contemplava-me ao espelho e no cristal das fontes, e comparando a formosura de meo rosto, a alvura e delicadeza de minha téz, o garbo de meo corpo esbelto com as feições tismadas e grosseiras e ademanes pouco airosos das filhas dos pescadores, confirmava-me cada vez mais na persuasão de que eu era uma creatura acima do commum. A terra me desprazia soberana-



mente, e eu olhava para o mar com olhos complacentes, cheios de amor e de saudade, como si fosse a minha patria, e nelle tivesse o meo berço. Por isso me vião passar essa vida singular, solitaria e misteriosa, que tanto dava que cismar ao povo. As maravilhosas historias, que se contavão a respeito desta ilha, e de uma fada ou sereia, que dizião nella habitar, vierão ainda mais escaldar-me a phantazia nos sonhos de minha infancia.

Então não me julguei mais anjo cahido do céo; essa ilha revelava-me claramente o segredo de minha origem; eu devia ser filha de alguma sereia ou de alguma fada, que por um desastre qualquer me teria desgarrado sendo rejeitada sobre as praias da terra, onde estava condemnada a passar a vida em eterno e misero exilio.

Este pensamento me repassava de magoa e melancolia. Nessa ilha existião por certo os palacios e jardins encantados, em que eu havia nascido; a fada, de que fallavão, era por certo minha mãe, e eu passava horas esquecidas a contemplar de longe em extasis de saudade e adoração estes cachopos, que ao longe campeavão entre um circulo de espuma como que me chamando ao seo seio.

Apoderou-se de mim o mais vivo desejo de

aqui vir um dia, desejo que em breve converteo-se em resolução fatal e inabalavel. Morreria de desgosto si não conseguisse por pé nesta ilha, que de longe e sem conhecel-a amava como o regaço de uma mãe querida. Eu porem a ninguem communicava meos pensamentos e projectos e excogitava em segredo e sem cessar os meios de realizal-os.

Vendo-me emfim já bastante crescida e vigorosa lembrei-me de pedir um barco á tia Felisbina, que a muito custo m'o concedeo ; era este o unico meio de satisfazer a minha phantasia. Bem conhecia a distancia e os perigos, que rodeião estes penedos ; era aventura por demais arriscada ainda para os mais valentes barqueiros. Minha vontade porem era indomavel, e não recuou diante de difficuldade nem perigo algum. Fiz repetidas tentativas bordejando a ilha, e cada vez me approximando mais dos terriveis cachopos, e me familiarizando com seo aspecto ameaçador, até que um dia sem eu saber como levado brandamente e sem esforço pelas ondas meo barco entranhou-se por este canal e achei-me no meio deste tranquillo golfozinho.

Não achei aqui, é verdade, todas as delicias e magnificencias, que eu havia phantasiado ; não encontrei minha mãe, nem seos palacios

encantados, mas deparei nesta ilha uma deliciosa vivenda um retiro socegado, defendido pelo mar, e inaccessible aos homens, abrigo seguro, que me separa dos perigos dessa terra, que me foi vedada por minha mãe, e em que jamais deveria ter apportado. Aqui eu poderia viver tranquilla e feliz, si não fosse o dom fatal da belleza, que o céu me concedeo, e que devia amargurar-me a existencia enchendo-a de angustias e dissabores.

---

## CAPITULO XXV

CONTINUA A HISTORIA DE REGINA

Já te disse, que a idéa do amor me inspirava medo e repugnancia. Talvez fosse isso um effeito dessa tremenda maldicção, com que minha mãe me ameaçara, e essas derradeiras palavras, que eu não comprehendí, ah! quem sabe si fulminavão mais forte maldicção sobre mim, si o amor... ó meo Deos!... desviemos semelhante idéa, que me esmaga e apavora o coração... Mas desgraçadamente parece que nasci com o terrivel fadario de inspirar o mais cego e desatinado amor a quantos mancebos em mim podem os olhos. Dir-se-ia que eu tinha nos olhos as chammas do inferno para atormentar na vida meos desgraçados adoradores até arrojalos no tumulto! Todos elles forão victimas dessa paixão insensata e inextinguivel, que eu sem



querer lhes ateava no coração, e a que não podia corresponder, uns procuravão a morte no punhal ou no veneno; outros atiravão-se aos abyzmos do oceano, ou despedaçavão despeinhando-se dos rochedos; outros menos violentos consumidos de melancolia definhavão, definhavão até morrer; outros enlouquecerão, e talvez ainda por ahi vivão, objecto de escarneo ou commiseração dos homens.

O' Deos de misericordia! será tão hediondo e enorme o crime de amar-me para merecerem meos amantes tão cruel castigo! oh! por que não recaiho elle antes sobre mim esmagando de uma vez esta existencia fatal a mim e a todos que me cercão!...

Regina calou-se; os soluços embargavão-lhe a voz, e escondendo o rosto entre as mãos parecia chorar.

Ricardo, que a escutava commovido, affastou-lhe brandamente as mãos dos olhos. As lagrimas que aos pares lhe rolavão cristalinas ao longo das mimosas faces enrubecidas pela magoa e pelo pejo, duplicavão os encantos e davão realce divino á ideal formosura de Regina. Ricardo sentio-se com o coração oppresso de assombro, de ternura e de emoção.

— Não chores, — disse beijando-lhe as lagrimas, — bem sei que essas lagrimas são pu-

ras e sanctas, e ornão-te admiravelmente o rosto angelico. Mas não quero que chores, por que és innocente. São felizes os que morrerão por teu amor, e si a mesma sorte me aguarda, bendirei a morte, que me vem de teos formosos olhos.

Oh ! não ; quero que vivas por meo amor...

— Amas-me então Regina ?...

— Logo te direi ; deixa-me continuar a minha historia.

Causa innocente de tantas desventuras desejava sumir-me aos olhos de todo o mundo, e por isso evitava a sociedade, e isolava-me nessa vida solitaria e misteriosa, que tanta desconfiança e terror causava a esse bom povo da aldeia, em que fui creada. Tinhão razão, eu pelo fatal condão de minha formosura tinhalhes custado tantas lagrimas e tanto lucto !... tinhão razão em me ter na conta de um genio satanico, de uma sereia ou fada malfazeja, e eu lhes perdôo do fundo do coração.

Em fim as desgraças, á que dava lugar minha funesta belleza, parecião não dever ter mais termo, e com elles meos males e amarguras augmentavão-se de dia a dia. Teos irmãos tambem vierão um apóz outro cahir na rede fatal, que um destino inexoravel servindo-se de meos encantos armava a tantos infelizes ! Erão

por certo bem dignos de serem amados esses bellos e galhardos mancebos ; havia nelles um não sei que de nobre e altivo, que bem denunciava gerar-lhe nas veias um sangue illustre e generoso, e não pertencerem á pobre e rude classe de pescadores, que habitão essas costas. Mais ardentes e temerarios que todos os outros que prodigios de audacia, que provas de dedicação não puzerão em practica para conquistarem o meo affecto ! Mas seo amor me repugnava como o de todos os outros ; admirava-os, estimava-os, mas não podia amal-os, e não queria, nem devia mentir. Perseguirão-me com incrível perseverança, e chegarão a lançar-se através das ondas em meo alcance até as proximidades desta ilha, cuja entrada so eu conhecia. As ondas, que esbravejão em roda destes penedos, não permittirão, que aqui chegassem, e tiverão de voltar sem esperança e para sempre desalentados. Um apoz outro desappareceo do lugar, e eu como todos os mais não tive difficuldade em acreditar que tinha tido o mesmo fim funesto de todos os meos adoradores.

Quasi enlouqueci de angustia e dor. Eu que daria de bom grado a minha vida para salvar a delles, eu era a causa de sua perdição, so por que não lhes podia dar amor. Embrenhei-me mais que nunca no retiro destes rochedos, e

para não ser causa da ruina de mais nem um mortal, condenei-me a ver murchar a flor de meos annos na solidão e na tristeza em um carcere no meio do oceano, onde eu mesma de proposito me encerrei, tendo por sentinellas as rochas inaccessiveis e as vagas tempestuosas, que rugem noite e dia em torno dellas.

Todavia não pude por muito tempo resistir ao desejo de ir ver algumas vezes essa terra, onde fui creada, essas praias, onde brinquei pequenina, e ensaei os meos primeiros vôos para chegar a esta ilha, meo ultimo refugio. Mas nessas occasiões evitava, quanto me era possivel, qualquer encontro; andava como a corsa arisca escondendo-me entre os rochedos, alérta ao menor ruido para escarpar aos rafeiros, que a perseguem.

Apezar porem de meos cuidados e precauções tive um dia um fatal encontro, que operou em todo o meo ser profunda transformação, e abalou-me o coração até nas mais intimas fibras. Eu acabava de desembarcar e tendo amarrado o meo barco fui descuidosamente avançando pela praia deserta e silenciosa! O sol declinava, e reinava calma intensa. Adormecido ao pé de um rochedo, que derramava fresca sombra sobre o areal, avistei, um lindo mancebo na primeira flor dos annos, estendido na areia, e



repousando a cabeça sobre o braço recurvado. Parei immediatamente como tocada por vara magica ; meos pés não souberão dar mais nem uma passada, e meos olhos levados de irresistivel curiosidade se embeberão na contemplação do formoso adolescente. Era com effeito um mancebo gentil, como jamais meos olhos tenham visto !... e que expressão encantadora de bondade e candura apresentava dormindo ! ... Tinhaõ essa figura os seraphins do céu, com que eu as vezes sonhava. Fiquei assombrada crendo ter diante dos olhos alguma visão sobrenatural. Mas por fim notei, que sobre aquella phisionomia tão serena e suave pairava como uma sombra angustiosa. Dei mais dous passos para juncto delle , e observei-o com mais attenção. Pouco a pouco suas feições forão-se alterando, tremores convulsivos lhe percorrião o corpo, e o peito lhe arquejava ancioso ; parecia querer arrancar um grito, que se lhe pegava na garganta.

— Oh ! meo Deos ! — pensei commigo ; — será possivel que até mesmo aos que dormem, seja funesta a minha presença ? ! ia retirar-me, mas vendo que um terrivel pezadêlo o affrontava, compadeci-me, cheguei-me a elle, e despertei-o. Apenas abrio os olhos, e os fitou sobre mim, não sei explicar o que senti. Inso-

lita perturbação apoderou-se de meo espirito, meos olhos se turvarão, e calor estranho afoqueou-me as faces. Trocámos algumas palavras, que ja não me lembro, e retirei-me acceleradamente, confusa e como que aturdida. Parece-me entretanto que elle tambem havia sentido essa mesma singular e profunda impressão, que sobre mim havia produzido. Olhei por vezes para traz, e percebi que o lindo mancebo conservava os olhos fitos sobre mim immovel e de braços crusados.

Regina fez uma pausa, e fitou um olhar cheio de meiguice no rosto de Ricardo, que tambem a contemplava em um enlevo de amor, de assombro e de surpresa. Não podia duvidar que esse mancebo adormecido, esse ente privilegiado, que primeiro havia despertado a chamma do amor no seio de Regina, era elle, elle Ricardo, que ali estava juncto della em sua ilha inaccessible e solitaria, com as mãos della enlaçadas nas suas, bebendo-lhe os olhares fascinadores, aspirando-lhe o halito balsamico, e ouvindo de seos labios rubros incendidos de pejo e amor duas palavras, que lhe abrião um céu de esperanças e delicias ineffaveis.

Misero moco!... nesse momento de fatal ebriedade da alma e dos sentidos nem ao menos se lembrava de seos irmãos, de seus irmãos

cujos corpos ensanguentados jazião ali bem perto traspassados pelo punhal dessa mesma mulhér, que agora com as mais seductoras phrases e olhares apaixonados o convidava ao gozo da suprema felicidade.

Mas não amaldiçoemos tambem a pobre fada. Tinha-se lhe quebrado o encanto, seo destino se mudava, e Deos sabe, que de angustias e remorsos lhe laceravão o coração.

Ricardio sentia o coração banhar-se lhe em effluvios das mais deliciosas emoções; mas a lembrança do casamento de Regina vinha por vezes atravessar-lhe a mente nella suscitando crueis duvidas e apprehensões sobre a sinceridade da donzella. Sem ousar mais interrogal-a esperava com impaciencia que chegando a esse ponto de sua vida desse explicações, que o tranquilizassem. Regina, que bem comprehendia o seo embaraço, continuou :

Desd'o momento, em que vi esse mancebo, cahio-me das mãos o condão, que me mantinha na esphera ideal de minhas orgulhosas illusões, e reconheci que em meo coração existia uma corda, que me prendia a essa terra, que eu tanto detestava, e me confundia com o resto dos mortaes.

Encerrei-me longo tempo na solidão de minha ilha com o espirito em horrivel perplexi-

dade e entregue ao embate de mil pensamentos tumultuosos. Estremecia ao pensar que esse moço provavelmente teria em breve a mesma sorte de tantos outros, que por meo amor tinham terminado seos dias do modo o mais deploravel, e não podia conformar-me com a idéa de ver sacrificada mais essa victima nas aras de minha izenção. Izenção !... que digo !... ai de mim ! nem essa mesmo já existia ; eu amava e amava muito esse mancebo, unico que possuia o condão, que devia quebrar um dia o circulo de gelo, que me envolvia o coração.

— Eu amo em fim ! — reflecti eu em minha solidão. — Amo perdidamente esse mancebo ; não posso duvidar, nem enganar-me a mim mesma, e estou certa, que elle partilha com ardoro meo affecto. Que motivo pois nos obriga a nos evitarmos e forjarmos por nossas proprias mãos nossa desgraça, tendo a chave, que nos pode abrir as portas do mais feliz e risonho futuro ?... Não, não ; agora só de mim depende acabar com meos infortunios e talvez com os de muitos outros, que eu poderia ainda arrastar á perdição. Foi o céo, que me apresentou esse mancebo, e inspirou-me este amor para por um termo á cadeia de catastrophes, que eu sem querer ia desenrolando nos lugubres caminhos de minha existencia.

Sahi em fim de meo retiro solitario decidida



a ir procurar o gentil mancebo, confessar-lhe o meo amor, e unir para sempre aos delle os meos destinos. Mas ai de mim !... a maldicção de minha mãe me persegue, e parece-me que nunca mais poderei encontrar repouso e felicidade sobre essa terra, que ella me vedou ! Percorri toda a aldeia, vagueei pelas praias um dia inteiro, e outro e outro ainda ; mas o joven nunca mais me appareceu !... Fiquei atterrada imaginando que talvez desanimado com o exemplo de tantos outros mui depressa se teria entregado ao desalento e ao desespero, e quem sabe em breve teria o fim commum a todos os que tinham a desdita de amar-me.

Eu, que jamais perguntei por ninguem, e que até ali vivia como indifferente ao resto da humanidade, ousei indagar dos habitantes da aldeia o que era feito do mancebo.

— Tu bem sabes, Regina, qual é a sorte de teos amantes, — respondião-me á pressa, e evitando-me como a uma pessoa eivada de mal contagioso.— Queres saber de Ricardo ?... não penses mais nelle; teve a sorte de seos irmãos.

— Ricardo ! — exclamou o mancebo cahindo delirante de amor e de alegria aos pés da fada encantadora. — Era eu pois esse mancebo adormecido, esse ente affortunado, a quem o céo reservara a dita de despertar em teo seio a chamma do primeiro amor ? !...

— E quem mais poderia ser, Ricardo?...

— Oh! acredito! acredito!... tu me amavas, e amas-me ainda, não é assim, Regina?... repete-me ainda uma vez, mais outra e muitas.. tamanha ventura ainda me parece um sonho...

— Não preciso repetir-te, que te amo. Si eu não te amasse, como poderias te achar junctode mim neste meo retiro inacessivel?...

— Bem sei, mas... enlretanto, pouco tempo depois, que me conheceste...

— Não sejas impaciente, — interrompeo Regina; — escuta-me ainda um momento; eu vou já terminar.

Ninguem pode fazer idéa da sombria tristeza e desesperação, que se apoderou de minha alma julgando-te perdido para sempre.

— Bello dormente! — murmurava eu em minhas dolorosas cismas; — para que te fui eu despertar de teo somno descuidado para lançar-te n'alma o eterno pezadelo de uma paixão devoradora, que te devia precipitar no tumulto!... Tu, o unico, que soubeste despertar em minha alma o mais puro e delicioso dos sentimentos, tu, que somente poderias abrir-me as portas desse jardim de delicias ineffaveis, que sonhei em minha infancia, tu morres sem saber, que tambem por teo amor definho e morro entregue á mais cruel e angustiosa solidão!...

## CAPITULO XXVI

### AINDA A HISTORIA DE REGINA

Oppressa de tristeza e desalento encerrei-me na mais absoluta solidão. Fugia de todos com medo de que meus olhos arrastassem ao tumulto mais algumas victimas, e desejaria sumir-me no amago da terra, ou nas profundezas do oceano. Si minha existencia devia ser funesta até mesmo a aquelles, a quem eu amava, eu devia impor-lhe um termo por minhas proprias mãos, ou sequestrar-me inteiramente do seio da humanidade em voluntario e perpetuo exilio. Entretanto uma cruel inquietação, uma aspiração desconhecida, uma esperança vaga me atribulava o espirito e me tornava insupportavel a solidão, que tão grata me era outrora. Depois que uma vez havia amado, meo coração como que tinha sede de expansão, e o isolamento era

para mim um flagello. Era minha unica distracção soltar meo barco a toa por esses mares a conversar com as ondas do oceano, e a contar as brizas do mar é ás estrellas do ceo minhas acerbhas desventuras.

Um dia um grande navio, talvez acossado da tempestade, lançou ferro a algumas amarras de nossas praias; parece que vinha concertar algumas avarias, e fazer agoada.

— Oh! — pensei eu — si aquella gente me quizesse tomar a seo bordo, e levar-me para bem longe destas plagas, onde por toda parte vejo as sinistras e funebres pegadas de minha fatal existencia!... si eu pudesse percorrer o mundo inteiro sem parar em parte alguma, até que coberta de cans pudesse em fim restituir-me a sociedade!...

Assim pensando dirigi para a costa o meo barco, e saltei em terra. Os marinheiros e passageiros do navio, que tinham desembarcado em um escaler, me rodearão immediatamente. Minha formosura attrahia-lhes a attenção. Como não era gente do lugar, da qual eu tinha certo medo e vergonha, não os evitei. Tractarão-me com affabilidade, fizeram-me mil perguntas, e dirigirão-me algumas finezas e galanteios sobre minha formosura.

Havia entre elles um joven quasi tão bello



como tu, Ricardo ; perdoa-me esta franqueza ; já te patentei a parte mais intima e delicada de meo coração revelando-te o amor inextinguivel, que nelle ateaste : nada mais devo nem quero occultar-te, nem disfarçar ; corpo e alma me appresento tal qual sou diante de ti ; corpo lindo, perfeito e puro, como estás vendo, e que ainda não soffreo o contacto do mais leve beijo de amor, eu te juro : alma leal, ardente e affectuosa, mas dilacerada por uma serie de infortunios, que desd'o berço me acompanha.

Percebi logo, que meos olhos tinham produzido sobre a alma do forasteiro o costumado e fatal effeito ; em poucos instantes eu lhe tinha inspirado essa subita e ardente paixão, que tantas victimas tinha arrastado á perdição e ao tumulto. Os outros forão se retirando e o mancebo deixou-se ficar só commigo. Quiz tambem sahir daquelle lugar, mas elle com a maior attenção e cortezia obrigou-me a escutal-o por algum tempo. Confesso-te, que não fui inteiramente insensivel ás homenagens, que rendo-me; sua figura, suas maneiras, e suas palavras que respiravão um sincero e ardente amor, tocárão-me o coração, e posto que não conseguissem banir-me da memoria a imagem do meo bello joven adormecido, captivarão minha benevolencia para com esse estrangeiro, que

generosamente offertava-me com a mão de esposo se o leal e constante amor. Aceitei sem ser desleal ao meo primeiro, ao meo unico amor, porque te julgava morto, meo Ricardo; aceitei, porque me via sosinha, triste e desamparada, e o que é peor ainda, malvista por esse povo, que em tão ruim conta me tinha. Essa união ia talvez impor um termo a meos infortunios e aos de outros, que por ventura ainda tivessem de ser victimas de meos encantos.

Meo noivo deixou partir o navio, em que viera, e ficou para nos recebermos. Promettia-me, que depois de casados se embarcaria conmigo em outro qualquer navio, e iriamos percorrer o mundo. Não podia haver proposta, que me fosse mais agradável. Sahir desta terra testemunha de tantas desgraças, a que dei causa, e onde minha presença tornára-se a fonte perenne de lagrimas e lucto, era o meo mais ardente desejo. Demais sempre gostei do mar; parece-me que nasci sobre as ondas, e desejava viver sempre vogando embalada sobre o dorso desse monstro querido, que ruge eternamente em torno dos cachopos desta minha solidão.

Julguei pois que esse casamento iria de uma vez pôr termo a cadeia de desgraças, que desde o berço me tem amargurado a existencia. Quanto me enganava! a maldicção materna

perseguiu-me implacavel!.. o repouso e a felicidade me erão vedados sobre essa terra, onde jamais minhas plantas deverião ter pousado !

Quiz que o casamento se fizesse sem ruido e com a menor publicidade possivel. Foi debalde. Esse casamento era um acontecimento extraordinario na aldeia, e alvoroçou a curiosidade de todos os seos habitantes.

Minha belleza tão affamada, os precedentes de minha origem desconhecida, de minha vida singular e misteriosa com o seo sequito sinistro de calamidades, o desejo de ver o mortal feliz, que em fim conseguira quebrar o encanto da sereia, como costumavão dizer, attrahirão á igreja uma multidão de curiosos.

Ah ! não vás pensar, que me encaminhei para o altar contente, tranquilla e descuidosa como todas as noivas ; não. Parecia-me, que acompanhava-me o cortejo funebre de todos esses amantes infelizes, que por meo amor tinham tido funesto fim, arrancando dolorosos gemidos, e vibrando sobre nós ambos olhares inflammados de colera e ciume. Uma figura principalmente me não sahia da imaginação; era um lindo mancebo, que rematava esse melancolico e sinistro prestito ; ia só, palido, sombrio e entregue a mortal abatimento.

Por vezes tive desejo de voltar a cabeça a

ver si não seria realidade aquella visão, que me atormentava. Com tudo ao terminar a cerimonia relanceando um rapido olhar pela multidão julguei ver uma cabeça em tudo semelhante á dessa visão... a tua, Ricardo, porque o não direi?... estarias de facto ali?..

A esta pergunta Ricardo estremeceo, cobrio-se de palidêz mortal, e nada respondeo.

— Perdoa-me, meo amigo, — continuou Regina arrependida de ter vibrado no coração do mancebo a dolorosa corda do remorso ; devia condoer-se delle ella, que tambem sentia sangrar o seo em torturas não menos dolorosas. — Perdoa-me ; talvez ahi estivesses, e faço idéa de quanto deverias soffrer. Mas tudo isso passou-se; o ceo nos tinha destinado um para o outro, e nada poderia destruir os seus designios.

Bem sabes o resto ; a aurora, que seguio-se achou vasilios e solitarios a cabana e o leito, que devião acolher esse par, que o mundo julgava irem encetar uma vida de perpetua e inalteravel felicidade.

Mas talvez não saibas, que catastrophe horrorosa cortou desastrosamente esses laços apenas formados. Foi cruel esse transe, e bem quizera poupar-te a narração de uma scena atroz e sanguinosa, que nos vem turbar estes doces momentos de felicidade e amor.



Ja a turba, que nos havia acompanhado, se tinha dispersado ao longe. O silencio e a paz reinavão em torno de nossa cabana ; a porta estava feixada, e somente conservava-se aberta uma janella, que dava para o mar, e por onde entrava a luz da lua alumando nosso estreito aposento. Meo esposo estava sentado no leito juncto de mim, e contemplava-me em um extase de amor.

Quanto a mim, não sei dizer bem o que sentia. Estava em extremo commovida, mas não saberia explicar, de que natureza erão as violentas e profundas emoções, que me assaltavão. E' certo, que não sentia-me tranquilla. Uma vaga anciedade, uma indefinivel inquietação pungia-me os seios da alma. Parecia-me, que ia ser feliz em companhia de um marido, que me adorava, e meo futuro destino já se me appresentava debaixo de um aspecto placido e sereno. Mas no fundo do coração fermentava-me um cuidado, uma afflicção indefinivel, como no fundo de um manso e cristalino tanque se esconde as vezes tredo e venenoso reptil.

Em fim meo marido tomou-me nos braços, depoz-me sobre seos joelhos, e levava a mão tremula de amor e de emoção á minha fronte para della desatar a grinalda nupcial... De repente um vulto de sinistra catadura surgiu

diante de nós, e travou-lhe do braço bradando com voz rouca e abafada ;

— Detem-te !... não é a ti que compete essa tarefa !...

E em um abrir e fechar de olhos meo marido arrastado pela mão vigorosa daquelle espectro formidavel, tinha desaparecido de minha presença !...

Desvairada de angustia e pavor cambaleando as tontas corri a janella. Tres vultos embuçados levavão de rastos meo marido, ou o seo cadaver para o lado de uns rochedos, que ficavão visinhos á cabana.

Soltei um grito de terror, e rolei no chão sem sentidos.

## CAPITULO XXVII.

### BREVE RETROSPECTO

Não sei quanto tempo durou o meo deliquio. Quando voltei a mim vencendo o extraordinario pavor, que ainda me dominava, fui-me arrastando a custo para os rochedos ; não levei muito tempo a encontrar o cadaver de meo marido nadando em sangue e cosido a punhaladas. Poderás acaso fazer idéa do estado, em que ficou minha alma diante desse horrivel espectaculo ? !.. não, não é possivel ! livre-te Deos de passar por tão angustioso transe !...

Aqui Regina calou-se ; levantou-se palida, hirta, convulsa. Sua formosura até ali tão meiga e insinuante tomára de subito um aspecto sinistro e formidavel ; voltára-lhe aos olhos aquella lampejo altivo e fulminante, que esmagava seos adoradores anniquilando de um gol-

pe todas as suas esperanças, agora porém torvo e feróz como nunca. A lingua rubra e tremula como a da serpente lambia-lhe a miúdo os labios seccos e descorados ; a peçonha do odio vibrava-lhe todos os musculos, e a fada encantadora se transfigurava em um momento em anjo reprobado precipitado pela colera celeste das alturas do empireo na mansão da dor e do eterno desespero.

Ricardo a contemplava transido de terror, e de desconfiança. Acaso saberia ella, que elle e seos irmãos tinham sido os matadores de seo marido ?... As palavras da moça parecião-lhe um feróz sarcasmo, e enterravão-lhe no coração as laminas aceradas do remorso, e as mais graves e crueis suspeitas começavão a assaltar-lhe o espirito. Quem sabe, si essas meigas palavras, esses protestos de amor, com que até ali o embalára, nas erão mais que embaidores laços, cantos de sereia, com que pretendia atrahil-o victima incauta a um hediondo sacrificio ? !... O pavor, o ciume, o despeito, o remorso trazião-lhe o espirito em tempestuosa agitação. Emfim já não podendo guardar um silencio, que o torturava :

— Que tens, Regina ? — exclamou fitando nella um olhar penetrante ; — que tens, que já não me pareces a mesma ! !... ainda a pouco



eras toda meiguice, e ternura, e agora, como serpente irritada, vibras em redór de ti olhares de fogo, com si te agitasse o demonio da vingança !... por que mudaste tão de subito ?... não sei ainda o que pense de ti... dize-me, por Deos !... tem-me odio ou amor ?...

A esta brusca e energica interpeção Regina cahindo em si sahio do estado de extraordinaria exaltação, que a tinhão arrastado terriveis recordações. A infeliz tambem sentia dentro d'alma um cháos, agitado e tormentoso, como as ondas convulsionadas, que se despedaçayão em derredór de sua ilha. Até aquelle ponto de sua narração pouco ou nada lhe fora mister occultar, nem mesmo disfarçar. Havia fallado lisamente a verdade com a franqueza e effusão de uma alma apaixonada, que pela primeira vez em sua vida derrama no seio de outra os seos mais intimos sentimentos. No arrastamento da paixão, no abandono de suas confidencias esquecera seo tremendo juramento, e nem de leve se lembrava que em breve devia derramar sobre o tumulto de seo desventurado esposo o sangue desse lindo e idolatrado mancebo, que agora ouvia de seos labios as mais intimas e ternas revelações. Essa idéa sinistra, que por algum tempo andára arredada do seo espirito, surgindo-lhe de subito á lembrança pela ordem

natural dos factos que narrava, foi essa idéa que fez Regina erguer-se horrída e fremente de colera, bem como o baixel, que singrando a velas soltas por mares bonançosos esbara de subito em occulto recife, vacilla, range, e recua estremeçando.

A imaginação da fada, levada até ali por sentimentos ternos, si bem que quasi sempre dolorosos, esbarrou de chofre no sepulchro ensanguentado, onde jazia seo marido, e sobre o qual no decurso dos dous ultimos dias havia derramado o sangue dos dous irmãos de Ricardo.

Olvidara-se por momentos de que ella ali estava como a sacerdotiza da vingança, e que esse mancebo, que a escutava embalado entre as mais fagueiras esperanças de amor e ventura, era o cordeiro do sacrificio, que ali estava beijando a mão, que em breve tinha de derramar-lhe o sangue.

Eis a horrível extremidade, a que o mais singular dos destinos tinha levado a desditosa filha das ondas. Por natural repugnancia ou pela reminiscencia confusa desses sonhos da primeira infancia e das maldicções, com que a ameaçava sua mãe, vivia na terra como exilada, estranha ao resto da humanidade, esquivando-se ao amor de todos, e a todos inspiran-

do ardente e inextinguível paixão. Mas essa inexorável isenção teve de succumbir um dia, e a intractável fada sentio-se subjugada por um amor tão violento e profundo como o que costumava atear no peito de seus adoradores. Toda a seiva de seu coração, todas as forças de sua alma longo tempo repousadas no seio da indiferença despertárão-se com incrível energia para alimentar e fortalecer esse primeiro affecto, que devia ser o unico e derradeiro de sua vida. Essas almas, que do alto de sua impassibilidade parecem zombar do poder do amor, quando chegão a amar, amão uma só vez e com todas as forças, e nellas o gelo da indiferença é substituido por um fogo devorador. As tempestades açoitão com mais violencia os cabeços altaneiros e inacessiveis. Tambem as neves perennes dos pincaros volcanicos desaparecem submergidas debaixo de torrentes de lavas inflamadas.

Ricardo fora o primeiro amor de Regina, e devia ser o unico. O amor, ou antes a estima que consagrara, a seu esposo de um dia, fora como uma diversão, que o destino concedia a seus infortunios, um refugio contra a magoa e mortal angustia, que lhe opprimia o coração, desde que acreditara para sempre perdido o unico ente, que podia amar no mundo. Todavia esse

affecto era sincero e puro, e sobre elle Regina construia as esperanças de um futuro mais feliz e tranquillo, que fizesse esquecer as magoas de seo tormentoso passado. Portanto quando em um momento fatal vio despedaçadas pelo punhal do assassinio essas tão caras e consoladoras esperanças, foi terrivel o seo furor e desesperação. Na alma de Regina, mixto incomprehensivel de substancia angelica e elementos infernaes, o odio como o amor não conhecião limites, e devião produzir tremendas explosões. Depois da sinistra catastrophe o odio qual furioso vendaval tinha-lhe passado por sobre o coração e d'elle varrera todos os sentimentos benevolos e ternos, deixando-o avido e frio como um marmore sepulchral, sobre o qual pousava um punhal vingativo entre as cinzas das affeições extinctas.

Tinha Regina bem profundamente gravada na memoria a imagem dos tres irmãos, para que apezar do pavor, que a dominava, deixasse de reconhece-los á luz da lua naquelle momento terrivel. Demais tinha-se verificado o desastroso e deploravel fim de todos os amantes de Regina ; só os tres irmãos tinham desapparecido sem se saber ao certo o destino que tiverão. Quem portanto sinão elles poderião ser os assassinos ?...



E pois nem mesmo Ricardo, esse unico ente, que soubera vibrar-lhe n'alma a cordado amor, escapava á sanha da odienta e vingativa fada. Aquelle lindo joven, a quem outrora encontrára adormecido, e a quem sagrara do fundo d'alma o mais extremoso affecto, esse já não existia ; esse Ricardo, que agora resurgia, já não era o mesmo, era um covarde e barbaõ assassino, sobre o qual devia recahir todo o pezo de sua vingança. Assim pelo menos pensava ella ignorando talvez, que esse amor, que ella julgava convertido em odio, já tinha lançado em sua alma profundas raizes, e era como uma planta viváz, a que um sopro ardente apenas tinha emmurhecido as ramas, e que so esperava um raio benigno do sol e um bafejo da primavera para de novo reverdecer com mais viço e vigor ainda.

Regina levada de furor e sede de vingança se havia recolhido a solitaria e inaccessivel ilha, em que sepultára o marido, e em que havia proferido e cumprido pontualmente até a vespera os tremendos juramentos, que sabemos.

A primeira phase de sua vida foi de altiva independencia e glacial isenção. A segunda mui breve foi de ternura e paixão. A terceira devia ser de furor e vingança.

Ninguem pudera saber o fim sinistro, que

tinhão levado ella e seo esposo na fatal noite das nupcias. A maré tinha lavado o sangue da praia, e Regina levando comsigo o cadaver do esposo tinha apagado os unicos vestigios do execravel attentado. Exilada naquella solidão inaccessible, rodeada de ondas tormentosas, ali se conservou longo tempo, como aranha astuta urdindo a teia traiçoeira, espreitando o ensejo de realisar seos nefandos projectos de vingança.

Os pescadores, que ousavão avisinhar-se do rochedo maldito, vião lá as formas cereas dessa virgem vestida de branco, ouvião-lhe o canto suavissimo, e fugião a bom remar e benzendo-se, e ninguem duvidava, que era Regina ou o seo phantasma, que habitava a ilha maldita. Sua origem ignorada e sua vida estranha e misteriosa a fizerão passar por sereia, fada, por um ente em fim fóra da humanidade. Seo desaparecimento ainda mais misterioso veio confirmar ainda mais o povo nesta sua crença. A fada malefica depois de ter causado naquella costa innumeradas desgraças retirara-se em fim para seos palacios malditos levando comsigo uma pobre victima, que com seos artificios diabolicos lograra seduzir.

Tinha-se passado um anno depois que fora assassinado o marido de Regina. Os tres ir-

mãos, que para occultar seo despeito e desesperação tinham-se sumido não se sabe onde, e que só tinham apparecido um momento como raio em noite tormentosa para fulminarem um infeliz, desapparecerão de novo nas trevas de seo retiro ignorado. Lá mesmo porem chegavallehes a noticia do que acontecia na aldeia, e sabendo do modo, por que o povo explicava o desapparecimento dos dous noivos, sem que se manifestasse a menor suspeita a respeito delles voltarão ao povoado, e continuarão seo antigo genero de vida, ou antes incautas maripozas vinhão espanejar-se denovo em torno da chamma, que devia devoral-os.

Certos de que a fada da ilha maldita não podia ser senão a propria Regina sentirão renascer a chamma deseio fatal e inextinguivel amor, e um apoz outros arrojãose á louca empreza da qual já sabemos o sinistro resultado a respeito dos dous primeiros.

---

## CAPITULO XXVIII

### PERJURA

— Tem-me odio ou amor ? — tal foi a pergunta, que Ricardo dirigira resolutamente á Regina, e que até agora deixamos sem resposta em razão das explicações, que para perfeita intelligencia desta historia, nos foi preciso dar no capitulo antecedente.

Houve largo silencio, antes que a moça desse uma resposta. Regina cismou longamente abismada em um pégo de amargas reflexões. Seus olhos, que até ali dardejávão fulgores de luz torva e sombria, forão pouco a pouco se baixando e amortecendo ; o collo altivo e firme foi-se dobrando gradualmente; como a cecem verga a haste flexivel, quando o orvalho da noite lhe peja o calix odoroso, e uma lagrima furtiva humedeceo-lhe as palpebras abrazadas. Terrivel conflicto se travara na alma attribulada da



donzella ; o odio, e a piedade, a vingança e o amor fazião-na oscilar na mais violenta agitação. O amor em fim parecia triumphar.

— Perdoa-me, Ricardo,— disse por fim com vóz affectuosa ; — esta recordação me punge cruelmente ; ... mas é o ultimo lampejo da tempestade, que me agitava o coração ; a cruel catastrophe, que me roubou o esposo, encheo-me a alma de amargura e rancor, mas tua presença vae dissipar para sempre o negrume de minha alma, e hoje só quero viver de amor e para o amor, viver só para ti, meo querido Ricardo. Eu estava condenada a viver neste retiro desolada e esquecida na mais desconsolada solidão ; mas tu me appareceste, e esta ilha, que devia ser meo exilio medonho, vae se converter em tranquillo e risonho abrigo do mais puro e feliz amor. Minha mãe não queria, que eu pizasse a terra, e a mais amarga experiencia me tem mostrado, quanta razão tinha. Lá não encontrei senão dissabores, trabalhos, e amarguras. Mas agora, Ricardo, estamos no mar, inteiramente sequestrados dessa terra odiosa, em que derramei e fiz derramar tantas lagrimas.

Sim, estamos no mar, nos dominios de minha mãe ; estamos livres do mundo, e podemos nos entregar sem receio á toda a effusão de nosso amor.

Em quanto assim fallava Regina tinha entre as suas as mãos de Ricardo, e o envolvia em um olhar tão repassado de ternura e paixão, que o mancebo sentia-se arrebatado em um extase das mais voluptuosas e inefaveis emoções.

— Sim, Regina, — respondeo-lhe com viva exaltação, — sim, quero ás tuas plantas viver uma vida de amor sem termo; e que retiro mais propicio para um amor feliz do que esta ilha solitaria e inacessivel?... Aqui se resumirá o nosso universo; aqui nos dous formaremos um mundo a parte, que nosso amor povoará de mil encantos e delicias sem fim.

— Sim, meo querido, de hoje em diante nada nos importa o resto do mundo. Vamos, quero mostrar-te o ditoso azylo, que ha-de abrigar nosso amor. Acompanha-me.

Regina travou do braço ao mancebo, e o foi guiando para o grupo de rochedos, que já conhecemos. Ao atravessar porem os silenciosos e sombrios espaços, que colleavão entre aquellas massas torvas e esguias, sua imaginação se apavorou e seus pensamentos começarão a tomar nova e sinistra direcção. Que monstruoso perjurio ia commetter?!... O phantasma ensanguentado do esposo parecia surgir-lhe ao encontro com pavoroso e ameaçador aspecto

acompanhando com olhar sombrio e penetrante todos os movimentos de seo corpo, todos os impulsos de seo coração, e com vóz lugubre murmurar-lhe ao ouvido : — Affronta e maldição eterna sobre ti, mulher perjura !... — e ella apertava com mão convulsa o punhal, que tinha sobre o seio, e repetia dentro d'alma : — eu o jurei, e juro ainda !... ei-de vingar-te !...

Por outro lado affagava-lhe os ouvidos a vóz terna e commovida do amante ; que lhe dizia : — Graças a ti, Regina, que me fazes hoje o mais feliz dos homens ! dize-me ainda uma vez, que me amas ; quero ouvir de tua boca adorada continuadamente essa doce palavra para convencer-me que não sou ludibrio de um sonho. E' tamanha a ventura, que me enche o coração, que a custo posso nella acreditar.

Regina sem responder-lhe apertava-lhe meigamente a mão aos seios offegantes, e murmurava consigo : — Infeliz !... morrerás ; morreremos ambos !...

De repente parou ; approximavão do rochedo sinistro, do altar de sangue. A donzella conservou-se muda e immovel por alguns intantes como absorvida em profunda reflexão. O coração lhe fraqueava, e ella não ousava avançar nem mais um passo para o sitio fatal.

— Ricardo, meo amigo, — disse brusca-

mente,— é preciso que te vás embora ; amanhã voltarás.

— E para que, Regina ? — respondeo o moço com surpresa. — Que tenho eu mais que fazer nesse mundo, que odeio ?.. meos irmãos já não existem ; hoje só tu me restas no universo, e para mim tu vales mais que o universo inteiro.

— Vae, meo amigo, vae primeiro dizer adeos á...

— A quem ? interrompeo Ricardo com impaciencia.

— A essa terra, onde viveste...

— Daquí mesmo lhe direi adeos eterno...

— Ricardo, mando-te, que voltes.

— Mandas!..obedeço; mas não voltarei mais.

— Oh ! Ricardo ! Ricardo, — exclamou a moça com vóz supplicante, — vae-te, vae-te por piedade !...

— A pouco me mandavas, agora me supplicas !?... que quer isto dizer, Regina ?... corro algum perigo ?

— Não sei... talvez... — balbuciou a moça, — mas em nome de nosso amor eu te peço, vae-te, por hoje.

— Ah ! Regina ! Regina !... si acaso algum embuste... dize-me, não estás sosinha nesta ilha ?...



A estas imprudentes palavras do mancebo Regina sentio fermentar-lhe de novo no coração o fel da indignação e do odio. Aguilhoada por tão pungente sarcasmo, inspirado por um vago sentimento de desconfiança e ciume, a meiga pomba converteo-se de novo em leoa, e soltou o rugido surdo da vingança.

— Perguntas-me? — respondeo com desdenhoza altivêz; — sim, Ricardo, estou sosinha, eu... e o meo punhal.

Estas ultimas palavras murmuradas com vóz surda não puderão ser ouvidas pelo mancebo.

— Sim, — continuou ella um momento depois mudando inteiramente de tom estou sosinha, eu e o meo amor. Já que assim o queres, fica, e vamos alem.

Recalcando no fundo d'alma todo o sentimento de amor ou piedade, sem proferir mais uma só palavra, Regina foi conduzindo o mancebo para o rochedo da vingança. Chegada ali o animo ia-lhe de novo desfallecendo, mas deo-se pressa em aproveitar-se do ultimo lampejo de resolução, que ainda lhe restava.

— Ricardo, — disse com vóz meiga, — perdoa-me; eu te molestei, contrariei-te ainda a pouco; é isto muito triste um uma primeira entrevista. Mas agora quero compensar-te o

dissabor, que te causei. Vem, meo querido, abraça-me.

Ricardo arrojou-se ao seio de Regina, que lhe abria os braços e ia cravar-lhe o punhal ;... mas a mão desfalleceo-lhe, e os dedos inertos deixarão cahir por terra a lamina fatal, e em lugar de um grito de dor aquellas sombrias abobadas ouvirão um suspiro e o fremito de um beijo.

## CAPITULO XXIX

### CURTA DIGRESSÃO

Assim pois sobre o execrando altar da vingança acabava-se de consummar o mais atroz perjurio !

Atróz, disse eu ; atróz por que ? !... foi um epitheto que me cahio insensivelmente do bico da penna pelo costume, em que estamos de sempre injuriar o perjurio, o assassinio, a vingança e outras quejandas cousas.

Ao contrario foi esse um nobre e piedoso perjurio digno do applauso de todos os corações sensiveis. A quebra do féróz e sanguinario juramento, que Regina proferira sobre o cadaver do esposo, é digna da indulgencia e até da approvação dos mais austeros moralistas.

Prouvera ao céo, que esse perjurio, ou antes esse arrependimento um pouco tardio, que sus-

pendia uma serie de atrocidades já começadas, tivesse vindo a mais tempo, e tivesse sido completo. Mas nem por isso devemos deixar de nos congratular por ter escapado ao punhal da rancorosa fada esse lindo e interessante joven, cujo nobre, terno e generoso coração não merecia por certo ser atravessado pela fria lamina de uma faca vibrada pela mão de um ente idolatrado.

Foi muito vantajoso esse perjurio, até por que se não fosse elle, eu me veria forçado a terminar aqui esta historia do modo o mais deploravel, ou havia de continual-a só com Regina, o que me collocaria em serios embarços e difficuldades.

Eis ahi pois sãos e salvos esses dous amantes tão dignos um do outro ! ambos na flor da juventude e dotados pela natureza de prodigiosa formosura e incomparaveis prendas, ambos naufragos e opprimidos pelo destino, e perjuros ambos !

Ei-los ahi felizes nos braços um do outro collhendo em um longo e delicioso beijo as primicias de um amor sem fim !

E eu tambem me daria por feliz si pudesse aqui por termo á esta estupenda e maravilhosa historia com tão risonho e prospero desfecho, coroando seo puro e ardente amor com as pal-



mas do hymenêo, e encerrando-os no tranquillo e aprasivel recinto de sua misteriosa ilha deixal-os gozar da beatitude do amor por seculos sem fim.

Mas não póde ser assim, primeiramente por que na bronca e inacessivel ilha não podia ir um padre, que sanctificasse a sua união ; em segundo lugar, por que o plano desta verdadeira historia está invariavelmente traçado pela mão da casmurra e vingativa fada ou sereia, que presidia aos destinos de Regina. Esta inexoravel fada dos maritimos dominios parece não estar disposta a perdoar os peccados de Regina, e dezeja punir de modo rigoroso e exêmpelar o generoso perjurio, por meio do qual o amor lhe fizera poupar a vida a um bello mancebo, que tinha a desventura de ser filho da terra. Eis o grande crime, pelo qual devia incorrer na mais sevêra punição, não obstante ter ella adquirido incontestavel direito a mais completa indulgencia tanto pela chusma de amantes, que só com as mortíferas setas de seos lindos olhos tinha enviado para a eternidade, como pela heroica e inexcêdível coragem, com que material e litteralmente havia varado o coração de dous guapos mancebos com a lamina fria e solida de um punhal.

E' verdade, que não foi Regina, essa altiva

e intractavel filha das ondas, quem poupou a vida a Ricardo, mas sim o amor, que a despeito della estendeo sobre o mancebo o seo manto misericordioso. Mas fosse o que fosse, neste caso o amor e Regina se unificarão em uma só personalidade, e em questões desta natureza nunca o juiz deve fazer distincções subtis.

E eis ahi por que, si a nossos olhos Regina torna-se digna de toda a compaixão, e indulgencia, perante o tribunal da implacavel fada, incorre em penas da mais severa condenação.

Possão entretanto a piedade e o amor estenderem suas azas protectoras sobre os dous amantes, e livrando-os da perseguição, que contra elles move a vingativa e feróz fada dos mares, livrar-nos tambem de dar a este romance um fim lugubre e sinistro, que tenha de impressionar desagradavelmente as ternas e compassivas almas de nossos leitores.

---

## CAPITULO XXX

### ULTIMA NOITE

Como tudo, que é ou o supremo gozo, ou a suprema dor, aquelle abraço de ineffavel ventura não durou mais que alguns momentos. Passados elles, Regina soltou-se bruscamente dos braços do mancebo, levou-lhe ambas as mãos ao peito, empurrou-o violentamente, e fugindo velozmente desapareceu por entre o labyrintho de rochedos como duende que se esvâe entre as pilastras de um templo em ruínas.

— Regina ! Regina !... bradou o moço depois de curtos instantes dados á surpresa, procurando em vão com os olhos por entre a aberta dos rochedos a amante, que se sumira como uma sombra.

— Vae-te, Ricardo, vae-te, e nunca mais

voltes! — foi a ultima vóz, que ouvio daquelles labios adorados troar-lhe aos ouvidos vibrante e argentina, mas desconsoladora como um écho das campas. Immoavel, desvairado e sem saber onde estava como quem accorda de um sonho extravagante, o moço ali ficou longo tempo a cismar sem saber para onde dirigir-se. Depois de achar-se por alguns instantes de posse do supremo bem, via-o de chofre e como por encanto escoar-se lhe das mãos e deixal-o na mais absoluta e desconsolada solidão. Julgando-se victima de um cruel escarneo, abatido e furioso de colera e despeito, procurou encaminhar-se para as margens do golfo, e orientando-se a muito custo poudo chegar a praia, no ponto, em que havia desembarcado, e deixára amarrado o seo barco.

Ahi parou a cismar ainda, entregué a mais cruel perplexidade. Mandava a razão e a prudencia, que se partisse dali; mas o coração estava prezo por laços misteriosos a aquellas praias, onde a pouco ouvira em delicioso transporte os mais ardentes protestos de amor, e onde namorada phantasia lhe desenhava no futuro um painel cheio de encantadoras esperanças. Mas o sol já tocava ao occaso, e que ficaria elle fazendo naquella ilha solitaria exposto a ser victima dos embustes e ciladas



dessa misteriosa e perfida mulher, em que nenhuma confiança podia ainda ter?... Demais já conhecia o caminho, por onde se podia entrar na ilha, e poderia voltar no outro dia. Saltou no barco, e partio.

Entretanto Regina irresoluta e desatinada se embrenhára como louca na solidão de sua ilha. Ora parecia surgir-lhe diante dos olhos o espectro ensanguentado de seo marido lembrando-lhe o atróz juramento e cobrindo-a de maldições; ora cuidava ouvir a vóz queixosa do amante, que tão duramente expellira do seo seio, chamando por ella em lastimosos gritos. Corria ora em uma, ora em outra direcção; olhava inquieta para todos os lados, escutava todos os échos.

—Que fiz eu, desgraçada!...exclamava levando ás nitidas madeixas mãos freneticas e convulsas;— Que fiz eu!... por que lhe gritei, que não voltasse!... elle ouvio-me de certo, e não voltará, e eu aqui ficarei miserrima e desamparada por todos!... e aqui morrerei, assassina e perjura, amaldiçoada por elle e por todos! jurei vingar meo marido, e o punhal vibrado por esta mão traspassou o coração de dous seos assassinos; ficou consummada a obra da vingança e do crime!... O mesmo punhal, que eu devia embeber no coração do derra-

deiro, o amor m'ò arrancou das mãos desfallecidas!... está consummada a obra do perjuro!... E assim fica incompleta a vingança e sem fructo o perjuro, por que, — desgraçada e pusilanime que eu sou! — não sei vingar, nem amar!... Mas não ; juro ainda uma vez ; não ha-de ser assim ; ainda aqui está o punhal, que me cahio das mãos... Volta, volta Ricardo, quero craval-o em teu peito ! sim, hei-de matar-te, ou morrer em teos braços.

Assim gritando desgrenhada e arquejante corria para o lado da praia, onde chegou offegando de afflicção e cansaço. Dirias o phantasma de um prescito perseguido pelas furias infernaes corrando e ululando atravéz das brenhas. A noite vinha cahindo, a praia estava erma ; lançando os olhos para entrada do golfo, Regina avistou ainda o barco de Ricardo, que já ia desaparecendo por entre os altos penedos do canal.

— Volta, Ricardo, volta ! — gritou com toda a força, que poude. Nenhuma resposta, nem o mais leve signal mostrou, que fora ouvida. Em poucos instantes o batel de Ricardo transpondo os rochedos tinha desaparecido.

Alquebrada pelo embate de tão violentas emoções, Regina prostrou-se meio desfallecida

sobre a areia da praia, e ali passou as largas horas dessa noite de horror e angustia. Não é possível descrever as horriveis tribulações, que tumultuavão naquelle coração lacerado pela angustia. Na incerteza de ter sido ouvida pelo amante, quando, da praia lhe bradava, que voltasse, seo espirito se estorcia nas ancias de uma duvida cruel, e pousando sobre a mão a fronte abraseada ali esperou que se escoassem as longas horas daquella noite fatal, e desponhasse a aurora, que devia trazer-lhe ou o primeiro dia de felicidade, ou o derradeiro de sua desditosa vida.

Quando rompeo a primeira alva do dia, levantou-se, banhou em uma fonte proxima as faces e os olhos ardentes de lagrimas e insomniã, compóz as vestes e as tranças desalinhas, e dirigio-se para os topes dos rochedos que dominão o mar, e que olhão para o continente, e ali postou-se com os olhos fitos nas costas fronteiras a espreitar todos os barcos, que partião da praia, a ver se algum tomava o rumo da ilha.

— Ah !... si não me ouvio ! — murmurava ella immersa em dolorosa cisma ; — si nunca mais voltar !... enterrarei no meo seio este punhal, que não soube cravar-lhe no coração. Perjura e assassina, ente execravel e hediondo

que ficarei eu fazendo no mundo não tendo por companhia senão minhas angustias, e meos eternos remorsos?!... fraca e desasistada que eu fui! não tive coragem nem para matal-o, nem para conserval-o juncto a mim pelos laços do amor!... mas não é possível que não me ouvisse; ouviu-me e ha-de voltar. Um momentaneo despeito o fez partir; mas estou certa, o amor o ha-de trazer de novo a meos pés terno, submisso e devotado amante para nunca mais deixar-me... E que não me ouvisse, mesmo assim ha-de voltar; meos olhos tem um iman irresistivel, o amor, que ateio no coração dos homens, é um fogo violento é inextinguivel. Ha-de voltar, sim; e eu... eu hei-de cravar-lhe no coração... oh! não! não! e para que?... já sóu assassina, que muito é que seja tambem perjura?!...

Entre estas angustias e hesitações Regina vagueava pelos topes das penedias, que lhe circumdavam a ilha como a plata forma de um vasto castello, sempre com os olhos pregados nas praias fronteiras a ver si dellas se destacava algum batél com direcção a ilha. O mar como nos dias antecedentes conservava-se tranquillo e sereno, azul e brandamente ondulado por uma viração constante de leste. Apenas aqui e acolá pela immensa superficie um li-



geiro choque das vagas fazia borbulhar alvejante um froco de espuma, como sorriso de sereias, que andassem a retouçar brincando á flor das ondas.

Em fim ao descambar do meio dia, Regina julgou diversar um barco, que ganhando o largo parecia fazer-se a vela com direcção a ilha. O coração da moça estremeceo sobresaltado de alegria, e seos olhos lampejantes de esperança e contentamento não se despregarão mais da vélinha solitaria, que apesar de singrar com vento em pôpa e avançar com rapidez procurando o rumo da ilha, parecia-lhe vogar com extrema lentidão.

— Ei-lo! — exclamou Regina depois de ter por algum tempo observado com a maior attenção o barco e a direcção, que tomava. — E' elle ! elle mesmo !... ningem mais se atterveria a metter tão resolutamente a proa á estas medonhas penedias. Ricardo me pertence !... mas é preciso não fraquear... desgraçada de mim, si ainda desta vêz deixar escapar a preza ! O punhal vingador aqui dorme juncto a meo coração ! o fatal juramento hade-ser cumprido a risca até o fim ; devo hoje consumir esta negra sina de sangue e vingança !... falta só uma victima ! e ei-la que vem descuidosa e cheia de risonhas esperanças, cuidando que

vem reclinar-se em um leito de rosas entre sorrisos de amor, entregar-se nas mãos do algôz, que tem de justical-o!... Com este punhal tenho pois de rasgar um peito, sobre o qual deveria reclinar minha cabeça entre caricias e beijos!... eu o jurei; assim é mistér... tem de morrer!... eu o amo... qué importa?!... meo cadaver cahirá sobre o delle;... dormiremos eternamente unidos ao lado um do outro... o tumulto é o unico leito de nupcias, que nos convem.

Entretanto o barco do mancebo se approximava rapidamente do rochedo fatal, e a exaltação e anciedade de Regina crescia de mais em mais.

— Vae-te, infeliz, volta; foge desta ilha maldita! — gritava ella a Ricardo, que ainda não podia ouvil-a. — Vens buscar a morte; foge, foge para bem longe!

De repente porem mudava de accordo, e receando que apezar da distancia o mancebo a tivesse ouvido, olhava assustada para o barco, que já lhe parecia ir de volta, e punha-se de nova a bradar:

— Não, não voltes; vem, meo Ricardo... eu te amo; vem. — Sim, — continuava cismando comsigo, — é bem verdade, que te amo;... amo-te com loucura!... entretanto tambem é

verdade que jurei matar-te, e que tenho de enterrar nesse coração, que é meo, que só por mim palpita, este punhal nefando...

Aqui Regina arrancou com mão convulsa o punhal, que trazia ao seio, e encarando-o com olhos torvos e desvairados :

— Oh! punhal execrando! — exclamou com frenetica exaltação; — punhal tres veses maldito!... não, não; tu não te tingirás no sangue daquelle, a quem adoro!... Vae-te de mim, maldito!... sepulta-te nos infernos!

E com um movimento arrebatado arrojou ás ondas o punhal, que como um golphinho de luzentes escamas bateo sobre as agoas e sumio-se no seio do oceano.

O barco de Ricardo já contorneava a ilha procurando-lhe a entrada pelo lado oriental. Regina desceo a passos precipitados as encostas interiores, e encaminhou-se para a margem do pequeno golfo a fim de ahi esperar o bem amado.

---

## CAPITULO XXXI

### O CASTIGO

Mudava-se no intanto a face dos mares. Um pampeiro furioso desencadeava-se por toda a extensão das costas do sul, e o oceano começava a revolver-se empolando-se em medonhos vagalhões. O monstro, que naquelles derradeiros dias apenas arfava brandamente resfolegando em placido e tranquillo somno agora accordava estorcendo-se em convulsões horrendas desdas profundidades do abysmo querendo arrojarse ao céo em freneticos impulsos.

Regina chegando á praia reconheceo transida de susto pelo jogo extraordinario das ondas dentro do pequeno golfo o tremendo temporal, que rebentava por fóra.

— Que tormento, meo Deos!... vae tudo per-



der-se ! — exclamou no auge da angustia e da inquietação,

O pavoroso estrugido das vagas, que abalroavão em derredor das penedias, e que parecião abalar a ilhota em suas bazes, roncava nos espaços como uma trovoadá denunciando a violencia e horror da tempestade. Regina quasi cahio desfallecida de pavor e desanimo. Com aquelle tremendo temporal jamais o barco de seo amante poderia penetrar no reconcavo da ilha, e teria infallivelmente de quebrar-se de encontro ás penedias, ou de perecer devorado pelos vagalhões.

Entretanto não a abandonavão a coragem, nem a esperança, e ia tentar esforços supremos para salvar o amante. Abeirando a praia foi procurando a entrada do golfo, onde a meia altura da rocha, que servia de pilastra á porta colossal formava-se uma especie de friza ou balcão bastantemente largo, e facilmente accessivel pelo lado interior. Dali dominando as ondas podia-se contemplar o oceano ao largo por toda a extensão dos horisontes ; mas nessa occasião Regina só procurava descortinar o barco de seo amante no meio das vagas alterosas e revoltas. Em pouco o divisou á poucas amarras do rochedo, em que se achava, debattendo-se horriavelmente com o pego furioso,

que o fazia saltar como uma péla em continuos e violentos boleós. Ora sumia-se de todo por tras de um vagalhão, e parecia ter-se abismado para sempre nas entranhas do oceano; ora surdia de novo na crista espumosa de um escarcéo, onde oscilava um instante como ramo secco açoitado pelo tufão para de novo sumir-se nos abysmos.

— Animo, Ricardo! animo!... — Bradou Regina, apenas o avistára. — Vem, que aqui me acho a tua espéra?

E emquanto assim bradava anhelante e desvairada estendia-lhe os braços debruçando-se sobre as ondas, como quem nellas ia precipitar-se. Os cabellos soltos agitados pelos ventos açoitavão-lhe o collo e as faces como serpentes que a mordião enrolando-se em furiosas contorsões; as roupas dilaceradas pelo tufão esvoaçavão-lhe em rapidas ondulações em redor do corpo como um vapor phantastico. Quem a visse naquella attitude estranha mesclando seos gritos desesperados aos uivos da procélla, julgaria ver o anjo das tormentas açulando os ventos e estumando as ondas para invadirem e subverterem os continentes.

Ricardo sacodido violentamente pelas ondas cada vez mais cavadas e enfurecidas mal ouvia e avistava por instantes a consternada amante

que o chamava e alentava com seus gritos, e em desespero de causa, e abandonava o fraco batel a furia da tormenta, contra a qual seriam impotentes todos os seus esforços. Todavia ao ouvir a voz de Regina um pouco de esperanza e coragem confortou-lhe o coração, e empregou novos e desesperados esforços para chegar ao rochedo, onde se achava Regina. Entretanto o proprio jogo das vagas o ia approximando gradualmente ; já se vião á poucas braças de distancia, e podião ouvir-se distinctamente um ao outro. O mar empolado e grosso como jamais se vira, chegava bramindo até a altura, em que se achava Regina, e a onda de instante a instante trazia o amante a sua presença quasi a seus braços para de novo arrebatá-lo de chofre como por escarneo.

Vião-se por um momento, estendião os braços um para o outro, e os nomes de Regina e Ricardo echoavão por entre o estrondo da tormenta como os gritos da procellaria, e a tempestade continuavá a rugir cada vez mais formidavel.

Ricardo depois de ter-se esgotado em inuteis esforços, desesperado de poder chegar com seu barco ao rochedo atirou-se ao mar, e nadando com todo o denodo e pericia, conseguiu por fim chegar no dorso de uma vaga bem ao pé do ro-

chedo, onde se achava Regina. Esta vendo aquelle acto de desespero comprehendeo o seo intento, e atracando-se com uma das mãos a uma raiz, que brotava do rochedo pendurou-se sobre o abismo e estendeo-lhe a outra.

Ricardo agarrou-a e graças a esse auxilio galgou ao friso do rochedo, e achou-se a salvo ao lado de sua amante.

— Regina! — Ricardo! — exclamarão a um tempo ebrios de amor e de alegria estreitando-se nos braços um de outro.

Subito um escarcéo medonho, uma verdadeira montanha de agoa despenhou-se sobre a ilha. Formidavel estrondo, como de um mundo que desaba, se propagou ao longe abalando mares e terras!...

Um vortice immenso abrio-se no lugar da ilha gorgotando espantosamente, como si a terra ardendo em sede sorvesse a longos tragos o oceano!...

Quando veio a outra onda, não encontrou mais a ilha maldita.

No outro dia o mar estava sereno, e a manhã esplendida e formosa. Os pescadores dispersos pela praia procuravão em vão com os olhos a ilha encantada, ou algum barco, que de lá viesse velejando.

O mar se desdobrava azul e sereno ondulan-



do suavemente por sobre aquellas paragens, ainda hontem rodeadas de eternos escarcéos.

A ilha se tinha submergido com todos os seus phantasmas, encantos, e maldiccões.

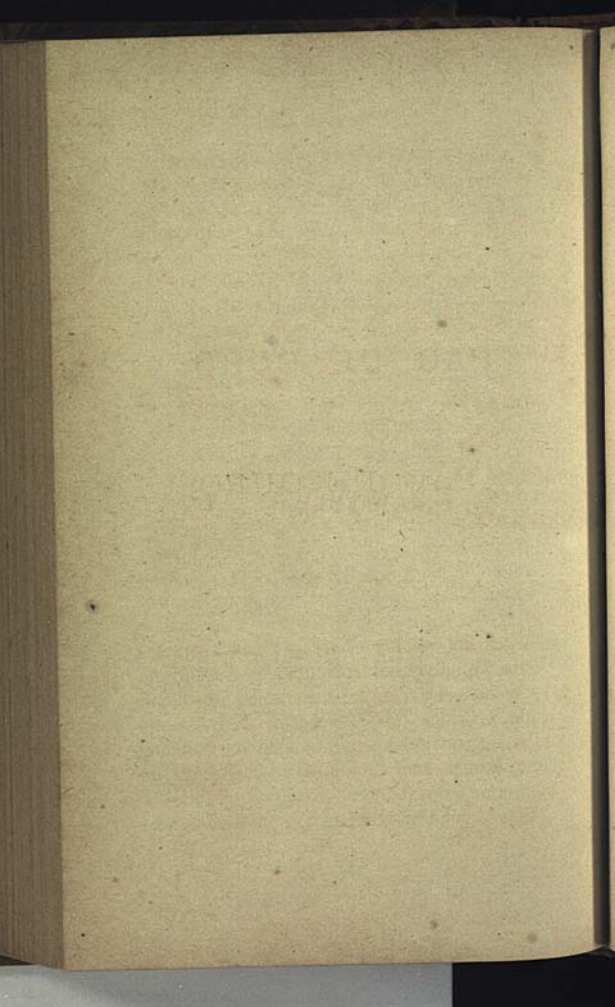
Entretanto contão os pescadores, que essa ilha ainda hoje apparece de vez em quando em noites de luar; rodeada de todos os seus prestigios, terrores e encantamentos.

Mas já não é como antigamente no tempo de Regina, uma cousa viva e real. E' apenas um phantasma, que com o soccorro de algumas orações se esconjura sem correr-se o menor perigo.

FIM

o

PÃO DE OURO



O

# PÃO DE OURO

---

## CAPITULO I

### A MÃE DO OURO

Antes de encetar a narração dos acontecimentos, que constituem o principal assumpto d'esta historia, cumpre-nos rememorar uma lenda, ou antes uma avença mythica dos primitivos e selvaticos habitantes da terra americana, a qual sem duvida é desconhecida da maior parte dos leitores.

Esta lenda, provavelmente ampliada e em-



bellecida pela imaginação dos colonos portugueses, é a historia da Mãe do Ouro, que passo a contar a meus leitores.

Era nos topos alterosos de uma das mais altas montanhas da America meridional.

Esses topos, por cima dos quaes desdobravam-se risonhas planicies de verdor eterno e entrecortadas de corregos cristalinos, eram separados do resto da terra por despenhadeiros vertiginosos, que o pé humano em vão tentaria galgar, e eram sómente accessiveis ao corvo e ao condor altivolante.

E do meio d'essas planicies erguia-se outra montanha coroada de enormes rochedos erguidos á prumo, como um castello guarnecido de terreões denegridos e derrocados pelo tempo, ou como aereo e colossal terrasso, ornado de estatuas disformas, mutiladas e despedaçadas pelos raios.

Era como um jardim encantado superior á habitação dos homens e visinho á dos anjos, todo intermeado de grutas profundas e mysteriosas, de penedias de figuras caprichosas e phantasticas, formando lapas, areadas, terrasos, ruinas, de veigas deliciosas alcatifadas de musgo e flores, de fontes de agua viva a borbulhar, de vergeis harmoniosos a conversarem mysterios com as auras do céo.

Ahi n'essas alturas inaccessiveis em uma gruta mysteriosa morava uma fada formosissima, filha do Sol ou de Tupá, e irmã da Aurora. Era chamada a Mãe do Ouro.

Em quanto sua irmã espargia de seu regaço flores ethereas sobre o berço do sol, e perolas de orvalho, que refrigeram e fertilisam os campos, ella matizava os horizontes de franjas de ouro, e sacudindo pela terra o pó doirado de seus cabellos, fecundava pelas grutas dos montes os veios de immensas jazidas auriferas, e enastrava de rubins e diamantes o leito dos rios.

Ella vivia feliz em seu asylo sagrado, e passava alegremente os dias occupada em enfeitar de aureos matizes os véos da aurora, e esparzir palhetas de seus inexgotaveis thesouros pelos caminhos do sol ; ou percorria as montanhas sacudindo do seio uma chuva de ouro e pedras reluzentes.

Nenhum mortal a conhecia, nem cobiçava os seus thesouros. O ouro, os rubins, as saphyras, os diamantes rolavam pelas torrentes de envolta com o cascalho sem fascinar a vista dos mortaes, e serviam apenas de brinco entre as mãos das creanças, sem ter aos olhos do homem maior valor, do que as pennas da arára ou do tucano, com que costumavam enfeitar o cocar ou o cinto da arasoya.

Mas ah ! em uma hora malfadada a virgem depositaria dos thesouros de Tupá esqueceu sua origem celeste, e deixou-se levar por uma paixão terrestre.

Um dia, que ella passeava pelos valles visinhos á sua gruta encantada, deo com os olhos em um joven e formoso cacique, que dormia á beira de uma fonte á sombra de um pé de manacá, que balanceado pela viração entornava sobre elle uma nuvem de flores.

Levado pelo ardor da caça, e por uma audacia e agilidade incrível, o imprudente moço grimpára os alcantis medonhos, chegára aos jardins da fada, e ali adormecera opprimido de fadiga. O suor do cansaço lhe escorria pela frente, que pousava sobre o braço recurvado ; o cocar, arco e flechas jaziam-lhe ao lado sobre a relva ; o sangue juvenil e vigoroso lhe transparecia por sob a têt de jambo um pouco bronzeada pelo sol nos fragueiros exercicios da caça e da guerra. Era uma linda e encantadora figura em seu aspecto selvatico.

A esta visào, a fada estremeceu e sentio de-susado abalo em seu coração. Julgou que era um manitó celeste, que Tupá lhe enviava para servir de companhia em sua solidão. Deo-lhe na frente um beijo fervente de amor, despertou-o, e o conduzio para os intimos recessos de seus

palacios cristalinos. Ali mostrou-lhe as deslumbrantes riquezas, que Tupá lhe prodigalisára ; as abobadas de cristal sustentadas por columnas de porphydo e ágatha, enleadas de arabescos de ouro de mirifico lavor, a saphira, a esmeralda, o tapazio, a ametista encrustados no pavimento em maravilhosos mosaicos, os vasos rutilantes de ouro e pedraria cheios das mimosas e fragrantas flores, que o sol faz desabrochar, e a cheirosa rocia de seus aljofares.

Fascinado por aquelles esplendores sobrenaturaes e engolfado nos gozos do amor, o moço indiano esqueceu-se de todo de sua terra e de seus irmãos, e viveu longos annos junto á fada da montanha. Esta entregue ás delicias de seu novo viver esqueceu-se tambem completamente dos misteres, de que fora encarregada pelo pae das luzes. A Aurora, quando arrojava seu carro fulgurante pelos campos do oriente, já não os achava, como d'antes, enastrados de rubins e de ouro ; em vez da transparente poeira doirada, que lhe iriava os caminhos, tinha de guial-o á custo por entre cégas neblinas e temerosos nevoeiros, e as rosas, que espargia pelos céos, fanavam-se e despedaçavam ao sopro iroso dos tufões entre nuvens tempestuosas ao estampido dos trovões. O sol via seus raios empalidecerem e embaçar-se a sua luz rutilante.



Então Tupá indignado fallou á filha descuidosa com a voz do trovão. Os raios de céu cahiram em chuva sobre a montanha, que encerrava os palacios e os thesouros, que sua infeliz filha guardava para o amante em vez de com elles embellecer as obras da creação, como lhe incumbia.

Derretidas pelos raios ardentes, todas essas riquezas se embeberam pelas entranhas da terra, espargiram-se pelos veios graniticos das montanhas, pelos alveos profundos dos rios caudalosos, mescláram-se ás areias dos regatos e á argila dos morros aridos, esconderam-se em abysmos insondaveis, e pelos lobregos socavões de inacessiveis serranias. Os esplendidos paços subterraneos da fada calcinados pelo fogo do céu converteram-se em medonhas e escuras furnas, seus jardins em um montão de negros e disformes rochedos.

O misero cacique arrojado nas baixas regiões donde sahira, vagou longo tempo pela terra, lastimando e procurando em vão a amante perdida para sempre e seus magnificos thesouros. Como um louco vivia a escarvar o seio das montanhas em procura dos encantados palacios do ouro, e n'esta insana lida ia-se definhando e enervando de dia a dia, até que Tupá compadecido de seu longo penar, o transfigurou em

uma formosa arvore, que balancêa no céo a copa emgrinaldada de flores de ouro. É o truculento Ipé, que como um cacique todos os annos se enfeita de um diadema de flores amarellas, diadema ephemero e irrisorio, que no outro dia o vento lhe arranca da fronte e roja pelo chão.

A fada descahida das graças de Tupá foi condemnada a vagar incessantemente pelas cumiadas das álgidas serranias, e em vêz de derramar como outr'ora pela face da creação seus deslumbrantes thesouros, foi forçada a escondel-os com avara sollicitude aos olhos cubiçosos dos mortaes.

Erradia pelo recosto das montanhas alterosas, palido e macilento phantasma, sem gruta, sem palacios, sem jardins, a nympha vagueia de paiz em paiz, de montanha em montanha, procurando todos os meios de sonegar á cubiça dos homens o luzente metal e as preciosidades que Tupá confiava á sua guarda. Mas em vão ! por toda a parte a persegue a avidez insociavel dos mortaes ; por toda a parte quebra e viola os secretos e profundos cofres, em que procura aferrolhar esses thesouros, que os homens antepunham aos fructos da terra, e ás benções do céo, e a que rendiam cultos maiores do que ao proprio Tupá ; porque tudo com elles se

comprava, — os prazeres, a abundancia, o amor ; — tudo a elles se sacrificava, — a virtude, e a lealdade, a honra, e o pudor.

Em vão os esconde nos pincares volcanicos das mais altas serras, ou os enterra em abysmos visinhos ao Averno ; em vão os envolve em camadas e camadas do mais rijo granito, ou os sepulta no leito dos rios profundissimos. Em vão ! a sede insaciavel dos humanos, armada de industria e audacia, lacera o flanco das montanhas, perfura o amago da terra, desloca o alveo dos rios, despedaça e pulverisa o duro granito, e por toda a parte procura apoderar-se dos thesouros da desditosa fada.

E cada golpe de alavanca, ou de almocafre, que retine pelos algares da montanha, echoa doloroso em seu coração, e lhe arranca gemidos profundos, e pezarosos lamentos.

Assim n'esse viver inquieto e atribulado ella expia sua fatal fraqueza, esperando a época, em que segundo as promessas de Tupá lhe será restituída a posse pacifica de seus maravilhosos palacios e de seus inexgotaveis thesouros.

— Espera, disse-lhe Tupá, a época em que os homens occupados sómente em lavrar a terra para della tirar os fructos necessarios á vida não ponham mais olhos cobiçosos em teus thesouros, e em que a virtude, a paz e a inno-

cencia voltem a habitar entre os mortaes. Enquanto não chegam esses tempos, expiarás, o filha rebelde e ingrata, os enormes crimes, que por tua leviandade os filhos do homem devorados pela sede do ouro, que imprudentemente ateaste em seu coração, vão perpetrar sobre a terra, ensopando-a de lagrimas e sangue.

---



## CAPITULO II

### OS JARDINS DE TUPÁ

Do valle de S. Paulo de Pyratininga, habitado outr'ora pela famosa tribu dos Tibiriças, partiram a maior e mais notavel parte das bandeiras ou expedições exploradoras, que nos fins do seculo xvii<sup>o</sup> e até o meado do xviii<sup>o</sup> se internáram pelos sertões de Minas, Goyaz e Matto-Grosso com o fim de explorar essas regiões desconhecidas, submeter e escravizar as tribus indigenas, e principalmente para descobrir as minas de ouro e pedras preciosas, sobre as quaes se contavam cousas estupendas e fabulosas.

Os Paulista sforão pois os mais encarniçados inimigos da Fada do Ouro, os mais incansaveis e porfiados em descobrir os cofres occultos, em que ella procurava esconder seus maravi-

lhosos thesouros. A descoberta do Eldorado era o sonho ardentes d'esses audazes aventureiros, que por sertões inhospitos cruzavam toda a extensão da America portugueza em demanda do ouro, expondo-se a toda sorte de azares, e affrontando fadigas e perigos incriveis.

Entre os nomes d'esses denodados sertanejos avultam em primeira plana os de Bartholomeo Bueno e seus filhos, cujas viagens e assombrosos trabalhos sem duvida são bem conhecidos dos leitores. Um dos filhos de Bartholomeo Bueno foi encarregado pelo Governador da Capitania de S. Vicente, Rodrigo Cezar de Menezes de explorar e formar estabelecimentos no territorio de Goyaz, onde o pae de Bueno já tinha achado indicios e provas de immensas riquezas mineraes. Á testa de um destacamento de cerca de duzentas pessoas, Bueno penetrou por aquelles sertões, cuja fama de riqueza aurifera trazia enlevadas todas as imaginações. Dizia-se que pelas regiões banhadas pelo rio Cayapo era tão espantosa a abundancia de ouro, que para colhel-o não seria preciso mais lavar as areias dos rios, nem quebrar o granito das montanhas; via-se distinctamente o ouro em grossas barras scintilando ao sol no veio dos rios cristalinos; não seria mais

com batêas e almocafres que seria extrahido ; mas com alavancas e talhadeiras seria arrancado ou cortado aos pedaços, como pedras, que se tiram das pedreiras. A proporção d'estas assoalhavam-se outras taes e quejandas maravilhas, que excitavam de mais em mais a imaginação e a cobiça d'aquelles infatigaveis exploradores.

Tres annos o denodado Paulista andou entranhado pelas mattas e chapadões sem termo d'aquellas regiões só povoadas de fêras e gentios. Emfim vendo baldados todos os seus trabalhos e pesquisas, e tendo perdido quasi toda a sua gente por enfermidades e desastres inseparaveis de uma tel empreza, resolveu-se a retroceder, e foi sómente alguns annos depois que voltou e estabeleceu a primeira colonia em Goyaz, para onde foi nomeado capitão-mór.

Quando Bueno cansado de viajar resolveu-se a voltar, um de seus companheiros, por nome Gaspar Nunes, disposto a perecer n'aquelles sertões, e a não voltar a seu paiz sem levar ao menos a noticia das minas, que procuravam, decidio-se a continuar as explorações encetadas. Associáram-se-lhe uns oito ou dez companheiros, dos mais resolutos e aventureiros. Separáram-se de Bueno, que em vão tentou

dissuadil-os de tão louca empreza, e seguiram rumo do norte.

Levavam por armas sómente uma faca de mato, uma azagaia, e um arco e flechas, que lhes servia paramatar a caça para seu sustento, e substituiu-lhes as escopetas, que tinham abandonado como carga inutil, pois não podiam achar n'aquelles desertos munição para ellas.

Assim se foram desprovidos quasi de tudo, munido sómente de audacia e resolução. Atravessáram sertões immensos, transpozerao cordilheiras, passáram rios caudalosos sem nada encontrar, que pudesse compensar um dia só dos rudes trabalhos e privações, por que ião passando.

Já quasi esmorecidos e arrependidos de sua louca tentativa, quando um dia avistáram uma india, que á beira de um çapão embalava á sombra um menino doente em uma maca de palha de buvity. A india trazia braceletes e outros ornatos de ouro. Foi um achado, que encheu de alegria os nossos aventureiros.

Chegáram-se a ella ; assustou-se, tomou o menino nos braços, e quiz correr ; mas elles, que em suas longas excursões pelos sertões tinham apprendido alguma cousa da lingua dos Tupis, tranquillisaram-a, e a resolveram a não fugir. Gaspar, que era algum tanto curan-



deiro, preparou e applicou alguns remedios do matto, com os quaes a creança começou a ter melhoras.

A india agradecida tornou-se summamente docil, e contou-lhes que os de sua tribu perseguidos por outra tribu inimiga viram-se obrigados a fugir, e a tinham abandonado ali sosinha por não poderem salvar-a com o filho doente. Tinham querido matar a creança, mas ella oppozera-se a isso desesperadamente, e por isso a tinham abandonado.

Os Paulistas perguntavam-lhe onde achava aquelle ouro, que trazia nos braços e no pescoço. Quiz ella dar-lhe aquelles adornos, mas elles recusáram, e insistiram, para que lhes indicasse o lugar, em que os havia. A india declarou, que não longe d'aquellas paragens existia um lugar, em que era pasmosa a abundancia de ouro, e de pedras preciosas.

— Ahi, — dizia ella, o cascalho dos rios é de diamantes, e os rochedos das montanhas são de ouro, e o que ha de mais extraordinario ainda, é um grande penedo todo inteiro do mais puro ouro, que existe encima de uma serra, e que alumia tanto, quando o sol lhe bate defronte, como se fosse um outro sol. Mas ai de vós, accrescentava ella com certo ar de terror, — ai de vós, se lá entrardes ! lá são os

jardins de Tupá, e nenhum mortal ainda lá entrou, que voltasse nem vivo, nem morto.

— Se é assim, — perguntaram-lhe — como se sabe que lá existem todas essas riquezas ?

— Avista-se de longe, respondeu a india ; e alguns já tem entrado lá e apanhado muito ouro e diamantes ; mas sahem logo ; os que ficam lá de noite é que não escapam.

E não se sabe então, quem é que assim acaba com os que lá vão ter ? perguntou Gaspar, cuja curiosidade, bem como a de todos os seus companheiros, subia de ponto com as revelações da india.

— Oh ! sim ! sabe-se ; sabe-se muito. São os tatús brancos.

— Tatús brancos !... que diabo de qualidade de bicho é essa ?

— Não é bicho, não ; é uma casta de gente terrível, que vive debaixo da terra como o tatú durante o dia, e só de noite sahe do buraco. São brancos, brancos como o leite d'estes meus peitos, e numerosos como as formigas, e ai de quem lhes cahe nas garras ; não deixam ficar nem os ossos. Tupá não quer que ninguém pise nos seus jardins, e pôz lá essa raça maldita para vigial-os.

— E podes nos guiar a esses lugares ? pro-

testo, que havemos de dar cabo d'essa corja de tatús brancos, que vos faz tanto medo.

— Eu pôr lá meus pés?! Tupá me defenda; tenho muito medo...

— Não será preciso, nem queremos, que chegues até lá comnosco; basta, que vás até certa altura, em que possas mostrar de longe esses sitios; depois irás para onde quizeres.

— Lá isso pode ser, mas vós,— pensai bem, vós ides correr á uma morte certa...

— Não te dé isso cuidado; estamos acostumados a affrontar a morte todos os dias; é nos preciso absolutamente ir lá.

A india em vão tentou demover os audaciosos Paulistas de seu temerario proposito; movida emfim pelos rogos e instancias dos mesmos á muito custo resolveu-se a ir guial-os até ás proximidades d'esse sitio tão cheio de maravilhas e perigos.

Os Paulistas com a phantasia exaltada pela pintura, que a india lhes fizera das assombrosas riquezas d'essa região, não cabiam em si de contentes, e davam ao desprezo a historia dos Tatús brancos, de que riam-se a bandeiras despregadas, divertindo-se á custa da credulidade dos pobres indios.

— Bruxarias de bugres!— diziam elles entre si. — Que perigos poderemos nos ahi encontrar,

que já não tenhamos affrontado por uns medonhos desertos, que temos atravessado! anímães bravios, serpentes venenosas, gentios ferozes?... com esses de ha muito estamos avezados a nos haver, e não nos faltará astucia e valor para lhes escapar. — Se esta pobre gentia não está zombando de nós, vamos emfim colher o fructo de nossa audacia e de nossos trabalhos; havemos de entrar nos jardins de Tupá, e tocar com a mão no grande sol de ouro, bem que peze aos Tatús brancos e ao mesmo Tupá.

Portanto puzeram - se a caminho guiados pela india. Depois de tres dias de bom caminhar chegaram á uma eminencia, d'onde descortináram um vasto e formosissimo valle, formando um quadrado quasi regular, e encaixado por todos os lados entre serros de pouca elevação.

— É ali! — disse a india apontando para o valle, mas quasi sem olhar para lá. — Ali embaixo as arêas dos regatos são de ouro, e o cascalho de diamantes. Amanhã, quando o sol levantar-se d'aquelle lado, olhai para acolá (e apontava para o poente) e vereis emcima d'aquella serra brilhar uma cousa como um sol defronte de outro sol. Porem cuidado! lembrai-vos bem do que vos disse da gente, que ahi



mora ; ai de vós, se vos presentem. De noite escondi-vos, e resguardai-vos bem. Agora, adeos ! Tupá vos preserve das garras dos Tatús brancos. D'aqui ao paiz de meus irmãos não é longe, em breve estarei com elles.

Ditas estas palavras a india deitou-se a correr para traz. Em vão quizeram detel-a chamando-a em altos gritos ; a india tornava-se surda, e corria a bom correr, até que de todo desapareceu a seus olhos.

Era já sol posto ; a perspectiva, que tinham diante dos olhos era das mais bellas e magnificas ; mas a noite, que começava a descer, não permittia que devidamente a apreciassem.

Os aventureiros assentáram de pernoitar ali mesmo para no dia seguinte descerem a explorar o extenso e formoso valle, que tinham diante de si.

---

## CAPITULO III

### OS JARDINS DE TUPÁ

Apenas alvoreceram os primeiros clarões do dia, já os nossos intrepidlos aventureiros estavam em pé, e impacientes já como que devoravam com os olhos os immensos thesouros, em cuja posse esperavam entrar d'ahi a pouco sem a menor contestação. Collocados em um cómodo eminente, d'onde podiam descortinar o valle em toda a sua extensão, presenciáram o mais esplendido e assombro espectáculo, que é dado a olhos humanos contemplar.

O sol começava a surgir no oriente a direita dos Paulistas, que anhelantes de curiosidade e impaciencia aguardavam o seu apparecimento. Apenas o seu disco resplandeceu no horisonte, os olhos de todos elles volveram-se como por encanto para o lado do occidente, e um grito de surpresa e admiração rompeu a um tempo dos la-

bios de todos elles. Ali um rochedo enorme aprumado sobre a grimpa mais elevada da montanha brilhava como uma lamina de ouro polido, e parecia mesmo, como disséra a india, um sol, que assomava defronte de outro sol a competir com elle em belleza e resplendor. Este estranho e maravilhoso espectaculo os teve longo tempo em muda contemplação suspensos e absortos de admiração.

Voltados apenas d'aquelle primeiro assombro, estenderam suas vistas pela encantadora paizagem, que se desdobrava á seus pés. Ao norte o valle se prolongava muito ao longe encrespando-se em collinas levemente accidentadas, que se ião perder nas brumas cinzentas dos remotos horisontes. O terreno comprehendido entre as serras, que formavam como um cinto de muralhas em torno d'elle, era dividido em vastas leiras abauladas cobertas da mais esplendida verdura e separadas entre si por uma multidão de ribeiros, que descendo da serra de oeste, se encaminhavam por um leve pendor para o lado opposto a se confundiram em um rio, que lambia as faldas da serra do oriente. D'esta tambem se despenhavam em crystallinas espadanas cascatas, que aqui e acolá pelo roto das aguas deixavam ver laminas de ouro scintilando ao sol.

Capões tufudos cheios de viço e fresquidão se estendiam pelas orlas dos correjos, como cercas de verdura dividindo em vastos canteiros de relva áquelles deliciosos sitios.

Fartos já de dar pasto aos olhos por esse magnifico panorama, Gaspar e seus companheiros desceram a serra, e como a encosta não era extensa, em breve se acharam enredados pelos viçosos vargedos d'aquella deliciosa vallada, toda entremeada de vergeis, de veigas matizadas de flores, de lezirias extensas, formando um labyrintho, em que com difficuldade se orientariam nossos bravos sertanejos, se não fosse a rocha de ouro, que lhes servia de pharol, e que pela elevação, em que se achava sempre lhes ficava á vista. A cada vertente, que passavam, a cada correjo, que transpunham, escapava-lhes um grito de sorpresa e admiração. Aqui deparavam com um montão de areia de puro ouro accumulado pelas torrentes pluvias; acolá ao passar de um regato seus pés pisavam uma barra de ouro massiço; além era um arroio, cujo alveo estava marchetado de palhetas scintilantes; mais adiante no seio azul de um limpido remanso, os diamantes, os rubins, as saphiras rutilavam como as estrellas no fundo do firmamento.



Além d'essas maravilhas do reino mineral, tambem a vegetação era a mais esplendida e opulenta, que se pode imaginar. A mangabeira, o araticum, o cajueiro espalhavam por todas aquellas veigas o suavissimo cheiro de seus fructos. O maracujá enlaçando pelos arvoredos suas ramas flexiveis formava berços e grutas de verdura da mais amena fresquidão, embalsamadas do aroma de sua flor symbolica e de seus fructos deliciosos. Renques de altos buri-tys se estendiam ao longo das verdentes como filas de selvaticos guerreiros balanceando na frente seus vistosos cocares.

Aves de mil variadas especies povoavam essas encantadas solidões, e as enchiam de mil alegres rumores. Manadas de veados pastavam tranquillamente pelos campos sem temer as matilhas do caçador. A loutra e ariranha de pello auri-luzente saltava a emborcar-sen'agua dando caça aos peixes, que em cardumes vagueavam pelo veio cristalino dos corregos alardeando a belleza de suas escamas de ouro e prata, de purpura e azul. Pacas aos bandos retouçavam á beira dos arroios, e mergulhando n'agua recolhiam-se ás tócas conhecidas. O saguim, a irára, o quati e outros animaesinhos inoffensivos saltavam e brincavam pelas ramas das arvores. Por toda a parte a natureza

ostentava vida, magnificencia, esplendor e belleza.

E tudo n'aquella aprazivel solidão se achava intacto e virgem. Nenhum signal indicava, que jamais ali houvesse penetrado pé humano; nem um ramo quebrado, nenhuma relva trilhada, nem uma pedra aluida de seu lugar nativo. Era como um Eden, que acabava de sahir das mãos do Creador, e que só esperava o Adão e a Eva, que deviam povoal-o. Mas todas essas louçanias da natureza pouco attrahiam as vistas de nossos aventureiros, que deslumbrados pela prodigiosa abundancia de ouro e pedrarias quasi, que eram cegos e surdos para tudo o mais.

— Meus camaradas, — disse um d'elles, — acho bom que voltemos sobre nossos passos. Já conhecemos, quanto é bastante este sítio, e suas immensas riquezas; já as vimos com os nossos olhos e as tocamos com as nossas mãos. Somos poucos, e tentar avançar mais seria grande temeridade da nossa parte. Em outra occasião poderemos voltar em maior numero e mais bem apercebidos contra qualquer eventualidade. Quem sabe se a india, que nos não ha enganado a respeito da riqueza d'estes lugares, tambem nos não disse verdade a respeito d'essa nação alva como leite...

— Quem pode acreditar nas buxarias d'essa pobre gentia ! — atalhou um outro. — Como entre nós outros ha quem acredite em almas do outro mundo, tambem essa pobre gente tem suas abusões, de que não devemos fazer caso algum.

— E demos graças a Deos, — accrescentou outro, por haver entre elle d'essas abusões ; á ellas devemos nós a ventura de achar intactos estes immensos thesouros. Aliás já tudo isto estaria revolvido e estragado.

— Mas, — objectou o primeiro dos interlocutores, — é esta mesma extraordinaria abundancia de riquezas, que temos diante dos olhos, entre as mãos e debaixo dos pés, que me faz ficar assim temeroso e pensativo. A fé de Paulista, que me parece, que estamos em uma terra de feitiçarias e encantamentos. Quer me parecer, que tamanha riqueza não pode existir senão por milagre de algum magico ou de alguma fada, e que não pode deixar de ser guardada ou por essa nação alva, de que nos fallou a bugre, ou por alguma enorme serpente ou dragão de fogo...

— Mal hajão tuas historias de encantamentos e bruxarias ! replicou Gaspar com enfado. Pensas acaso, que com essas bugigangas has de metter medo a nos os companheiros de Bar-

tholomeo Bueno, que temos corrido quantos azares e affrontado quantos perigos ha n'este mundo ?

—A fé de Paulista, que me não comprehendes Gaspar, e te zangas de balde, — retrucou o outro. Apareça esse, que já me vio recuar diante de perigo algum, e muito menos procurar desanimar outros ! Isto que eu digo, são abusões cá de minha cabeça ; mas não estorva, que marchemos avante, ainda que nos leve o diabo. Hajão embora tatús brancos ou pretos ; serpentes ou dragões de fogo, haja o diabo a quatorze, por minha alma vos juro, não serei eu, quem recue um só passo.

— Sem duvida, meu bravo companheiro, nem eu digo o contrario ; nós, que ainda não tivemos pavor diante de perigo algum visivel e palpavel, nem diante de inimigos de carne e osso, havemos de recuar diante de phantasma da meia noite ! Recuar agora seria dar um couce na fortuna, que nos abre seus braços. Até agora ainda não encontramos vestigio algum, que denote haver por aqui creatura humana nem branca nem preta, nem cousa alguma, que nos possa inspirar receio. Temos já visto muita cousa ; mas ainda não vimos tudo. Seriamos uns poltrões dignos do desprezo e do escarneo de nossos patricios, se tendo chegado



até aqui sem o menor contratempo, por um vão terror deixassemos de ir ver de perto e tocar com as nossas mãos aquella grande maravilha, que lá resplende do lado do occidente. Avante pois, companheiros ! nada de vãos re- ceios ! avante !

Estas palavras de Gaspar foram applaudidas com calor e electrizáram a companhia. Continuáram pois seu caminho em direcção á montanha do Pão de Ouro como elles a apellidavam, e que sempre lhes ficava em vista por causa de sua elevação, pisando sempre um chão crivado de prodigiosas riquezas mineraes, e coberto da mais esplendida e luxuriante vegetação. Ao cabo do dia chegaram á base da mantanha, que não era de grande elevação, mas cujas abas eram bastantemente ingremes e alcantiladas, formando a modo que uma muralha, que, como a dos outros lados, servia de cerco e limite á aquelle recinto de delicias.

---

## CAPITULO IV

### OS TATÚS BRANCOS

Chegados ao pé da montanha ao descahir do dia, nossos bravos aventureiros tratáram logo de explorar qual seria o ponto mais favoravel, por onde deveriam procurar galgar ao cimo, em que existia o Pão de Ouro.

Contentissimos por terem avançado até ali sem o menor contratempo, já não se lembravam dos Tatús brancos, nem dos sinistros avisos da india, senão para rirem-se com a melhor vontade de tudo isso. Percorrendo as abas da serra topáram uma especie de furna ou mina á maneira da boca de uma fornalha, que se prolongava horizontalmente pelo amago da montanha até perder-se nas trevas. Esta furna não tinha talvez nem meia altura de um homem, e para n'ella entrar seria preciso an-

dar de joelhos e mãos no chão. Não lhes causou isto grande impressão ; pensaram, que seria alguma lapa natural, provavelmente guarida de animaes bravios, e continuáram em suas explorações. Mais uma centena de passos adiante deparáram outra furna da mesma forma e do mesmo aspecto ; mais adiante ainda outra. Começáram a scismar, e analisáram com attenção a boca da furna, não encontráram rasto algum nem de alimaria, nem de homem ; penetráram por ella a dentro até onde o podiam fazer sem perigo ; nada viram, e nem ouviram. Não sabiam o que pensar.

Proseguiram seu caminho, e mais adiante encontram outra furna de forma identica, e assim por diante outras e outras muitas. O caso tornava-se digno de attenção e proprio para inculcar serios medos. Os indios da noite, alvos como leite e ferozes como o tigre, vieram á lembrança de todos, e a despeito da incontestavel intrepidez e valentia d'aquelles rudes viajores affeitos a romper por todos os obstaculos e perigos, um sentimento de pavor lhes assaltou o espirito, e fez-lhes tremer o coração. É que tudo que tinham visto n'aquelle dia e n'aquella região era estranho e extraordinario, e assim já não duvidavam muito, que d'aquellas gargantas subterraneas surgissem mons-

tros a devoral-os. A noite, que já vinha descendo, contribuia ainda mais para tornar pavorosa a sua situação.

— Isto não pode ser tóca de animaes bravios, — disse Gaspar, — Consta a algum de vós, que hajão féras, que tenham seus covis assim dispostos de modo tão regular e uniforme?

— Não; nunca vimos, nem ouvimos fallar em tal, — foi a resposta de todos.

— Portanto, meus amigos, — continuou Gaspar, — se existem esses Tatús brancos, de que nos fallou a india, aqui n'estas furnas deve ser a guarida dessa gente alva, que aborrece o dia, e só de noite sahe de suas tócas. Mas não vejo motivo nenhum n'isto para nos acobardar, meus bravos amigos. Nós, que temos feito frente a homens, que amam a luz, e não tem receio das trevas, e temos sabido escapar-lhes das garras, nenhum receio podemos ter d'esses immundos filhos das trevas. Elles só de noite apparecem, portanto tractemos de nos pôr a salvo em algum lugar, onde nos não possam ver, mas de onde os possamos espreitar e observar a nosso gosto. Amanhã, depois que se recolherem veremos o que se pode fazer para dar cabo d'elles.

— Como de dia não sahem, e nada podem



fazer, — dizia um d'elles, — o melhor, que se pode fazer, é tapar as bocas das furnas entulhando-as com as maiores pedras, que poderemos carregar, assim emparedados, veremos por onde podem escapar-nos.

— Isso não tem proposito, — respondia outro, — e seria muito difficil tapar-se tantas bocas de furna em um só dia. Demais lembrem-nos, que são tatús, e podem furar uma sahida por onde bem lhes parecer. O melhor é ajuntar bastante lenha na boca de cada furna, e deitar fogo; assim os suffocaremos e os mataremos todos, como se matam as formigas cabeçadas lá em nossa terra.

A pouca distancia das furnas havia um monticulo, cuja cima era guarnecida de um grupo d'essas arvoresinhas, que costumam formar bosquetes em meio dos campos. D'ali podiam avistar as bocas de quasi todas as furnas, e era a posição mais favoravel, que podiam encontrar para se esconderem e ficarem de espreita.

Para ali pois se dirigiram, occultáram-se do melhor modo que puderam, e ficaram apercebidos para o que desse e viesse.

A noite cahia escura, sem estrellas e sem luar; o céu estava tolhado, e apenas se podia encherger a mui curta distancia. Apenas as

trevas tinham acabado de cerrar-se de todo, os nossos heroes começaram a ouvir um rumor confuso e indefinivel, que partio do lado da serra. Eram como uns échos cavernosos e loginquos, era como o toque de uma matilha de cães, e gritos de caçadores, que perseguem ao longe um veado ou uma anta no seio de uma gruta profunda; ora murmurava confuso a maneira do grunhir de uma vara de porcos. De subito aquelle alarido se tornou mais intenso e distincto; eram gritos, guinchos, ganidos, assobios, bramidos, uivos, uma mistura emfim de sons de toda a especie, que restrugia pela boca das furnas e se expandia pela vallada de-um modo medonho e atroador. Por mais de uma hora os desgraçados aventureiros estiveram escutando na mais terrivel anciedade aquella estranha vozeria, que de momento a momento mais se avisinava e augmentava de intensidade. Nada podiam ver, porque era grande a obscuridade da noite; mas pela natureza dos sons logo comprehenderam, que eram soltados por gargantas e labios humanos, e por uma multidão incalculavel de pessoas.

Então, — ai d'elles! já bem tarde! fugi-lhes do espirito toda e qualquer duvida, que ainda podessem conceber acerca da existencia dos Tatús brancos; o que julgavam parto ex-

travagante da imaginação supersticiosa dos selvagens, tornava-se medonha realidade. Eram sem duvida os Tatús brancos, que sahiam de tropél de suas tócas, e se derramavam em chusma pela campanha, fazendo toda aquella tremenda algazarra, como um bando de meninos ao sahir da escola, porém mil vezes mais atoadora e pavorosa. Começavam a comprehender, quão desesperada era a sua situação, e arreponderam-se mil vezes de sua louca temeridade ; mas era tarde.

Por um momento comtudo julgáram-se salvos. Os bandos dos selvagens até então apinhados ao sahir das furnas, parecia que se ião espalhando pela campanha ; as vozerias diminuiam pouco e pouco, e como que se ião derramando e dissipando ao longe. Alguns grupos apenas pareciam rondar pelas visinhanças do monticulo, em que se achavam nossos aventureiros. Estes, para melhor se esconderem, trepáram nas arvores e se occultáram entre as ramas ; mas ai d'elles !

A lua, que estava em seu primeiro quarto depois de cheia, começou a despontar ; o céu se desnublou ; e o theatro d'aquella assombrosa scena foi-se clareando.

Uma multidão innumeravel de entes humanos perfeitamente nús e alvos como a neve,

espalhados por todos aquelles contornos vaguavam em todos os sentidos, e se derramavam pelas campinas. Uns se embrenhavam pelos matos, outros corriam atravez dos campos com a rapidez da corça, outros trepavam nas arvores com a agilidade do macaco, outros esfuracavam a terra com as unhas, como verdadeiros tatús, assim dispersos em desordem se ião affastando da entrada das furnas, com excepção de alguns pequenos ranchos provavelmente velhos e creanças, que se conservaram ao pé d'ellas. Quem tem observado, quando se revolve a terra de um formigueiro, aquella immensa quantidade de ovas brancas carregadas nas costas das formigas, que desaparecem debaixo d'ellas, sahindo das células correrem ás tontas cruzando-se em todos os sentidos, redemoinharem e se espalharem aos poucos, terá uma justa imagem, se bem que em miniatura, do que eram os tatús brancos ao precipitarem-se de tropel fora das tócas e se derramaram pelas campinas.

Atonitos e transidos de pavor, os aventureiros Paulistas, aos quaes em taes conjuncturas de nada podia valer toda a sua intrepidez e valentia, observavam aquelle estranho espectáculo. Já alguns grupos vagueavam á mui pequena distancia do lugar, em que se achavam nossos heroes.



Estes de medo de serem descobertos quasi que nem respiravam, e murmuravam tremendo quantas orações e rezas tinham aprendido. Mas estavam bem escondidos, e restava-lhes ainda a esperança, de que os tatús poderiam passar além sem d'elles darem fé.

Os malditos selvagens pórem, alem de terem melhor vista de noite do que os lynces de dia, parece que tinham um faro tão apurado como os melhores cães de caça.

Uma chusma d'elles investio de repente em altos gritos contra o monticulo, em que se achavam refugiados os Paulistas. Estes comprehenderam logo, que estavam descobertos, e que para elles não havia mais salvação possível. Desceram pois das arvores, rezáram e encomendáram suas almas a Deos, e indignados de morrer ás garras d'aquelles entes abjectos e immundos, fizeram proposito de ceifar antes de succumbir o maior numero d'elles, que podessem. Os tatús brancos eram de mui pequena estatura, quasi anãos, mas ageis e robustos. Suas armas eram seus proprios dentes e unhas que as tinham curvas e agudas como os carnívoros, ou páos brutos, que quebravam pelo mato, e as pedras, que encontravam pelo chão.

Um montão d'elles ficáram logo espichados por terra aos golpes desesperados dos Paulistas, que as vezes de um só gilvaz de suas cata-

nas faziam morder o chão a dois e três. Mas não puderam resistir por muito tempo ao numero infinitamente superior de seus aggressores.

A maior parte succumbiram na lucta; alguns porem foram garroteados e amarrados pela turba cada vez mais apinhada dos Tatús-brancos, e entre esses Gaspar.

Gaspar apertado por uma chusma d'elles, trepou emcima de um cocurato ou cupim, que a fortuna lhe deparou, vibrando golpes de espada por todos os lados, os ia matando aos montes com a mesma facilidade, com que os nossos caçadores trepados em um touco de arvore costumam matar uma vara inteira de caitetés, que espumantes e furiosos o atacam por todos os lados. Mas o seu numero era demasiado grande; atracaram-se-lhe ás pernas, e o fizeram tombar de bruços sobre a pilha de cadaveres, que tinha amontoado em torno de si. Uma bordada na nuca o atordoou; foi amarrado de pés e mãos, como seus companheiros.

Houve grande altercação e horrivel algazarra acompanhada de sanguinolentas vias de facto, por occasião da distribuição das presas, isto é, dos corpos dos prisioneiros vivos e mortos. A carne humana parece que era para elles finissima iguaria por isso mesmo que raras vezes podiam obtel-a.

Pelo que era grande a ganancia e grande tambem a alegria e o enthusiasmo pela bella caçada, que acabavam de fazer, posto que tivessem perdido na lucta não menos de cinquenta a sessenta companheiros.

No fim de contas, não podendo chegar á accordo algum amigavel, os mais atrevidos foram agarrando nos cadaveres e prisioneiros vivos, e sempre em briga uns com os outros ás dentadas, unhas e pontapés, os foram carregando em charola para a boca de suas furnas.

Tocou um Paulista a cada uma das furnas, as quaes, ao que parece, eram habitadas cada uma por uma familia ou tribu, ficando outras muitas queixosas e descontentes. A furna porrem, a que foi recolhido Gaspar, teve dois corpos, elle e mais um companheiro tambem vivo, talvez porque pertencia ao chefe ou primaz d'aquella gente, que de humano apenas tinha a figura.

---

## CAPITULO V

### NO INTERIOR DA FURNA

Quem tiver reparado no modo por que as formigas costumam carregar para a cova o misero insectosinho, que teve a desgraça de cahir-lhes nas garras, fará uma idéa justa da maneira por que Gaspar e seus companheiros, amarrados com cipós de pés e mãos, carregados cada um por sete, oito e mais selvagens, uns puchando para aqui, outros para acolá, uns pegando, outros largando, uns arrastando, outros empurrando, foram introduzidos aos trambulhões pelas furnas a dentro no meio de uma selvatica e immensa grita de triumpho.

Gaspar durante o trajecto com os abalos e empuchões dos conductores, foi voltando a si do atordoamento, que lhe causára a bordoada, que recebera na nuca. Lá dentro a escuridão



era completa, impenetravel, e a despeito d'isso aquelles selvagens, affeitos ás trevas, pareciam encherar, pois moviam-se com toda a presteza sem se abalroarem, e faziam tudo com todo o desembaraço, como se estivessem á luz do meio dia. Inimigos da luz não faziam fogo, e o clima tepido d'aquellas regiões os dispensava de se aquecerem.

Gaspar pensava ter cahido vivo no inferno, e sua pavorosa situação ainda mais cruel se tornava pela lembrança do rico e delicioso valle, que tinha ali tão perto de si, e que ainda a pouco acabava de atravessar com o coração a transbordar de esperanças e o espirito cheio dos mais brilhantes projectos. Atravessar o paraíso para cahir de chofré n'aquelle inferno de eterna escuridão ! Oh ! que era um transe de pungir, de ralar o coração !

Gaspar foi atirado no chão, amarrado como estava como um porco, que se vae sangrar. Pelo tropél e vozeria dos selvagens comprehendeu, que a furna se dilatava interiormente em um vasto subterraneo, cuja atmospherá pezada e quente estava carregada de miasmas infectos e nauseabundos. Posto que transido de horror sua curiosidade era grande, e ao menos para disfarçar sua angustia desejava conhecer aquelle inferno, onde a sorte o precipitava por modo

tão estranho e desapiedado. Esperava, que ascendessem algum lume; mas em vão; aquella gente, inimiga da luz do sol, ignorava até o uso do fogo.

Estava pois condemnado a perpetuas trevas; estava como no tumulto em vida. O unico pensamento, que ainda o consolava, era a esperanza de que aquelles selvagens não deixariam em breve de dar-lhe cabo da vida. Uma scena horrorosa, que lhe ferio os ouvidos, ainda mais o veio confirmar n'aquella idéa.

Por entre o alarido sinistro dos selvagens, Gaspar ouviu um ruido como de pauladas sobre um corpo humano, de ossos que se quebravam a repetidos golpes, e os gemidos de uma victima nas agonias da morte. « Ai! meu Deos! meu Deos! piedade! » foram as ultimas palavras, que sahiram dos labios do padecente, e echoáram lugubrememente pela escuridão infernal d'aquellas abobadas. Gaspar conheceu a voz de um de seus mais queridos camaradas; deo um arranco e um rugido de desespero; ai delle! o que poderia fazer senão esperar tambem com resignação a sua vez!...

D'ahi a pouco um novo rumor ainda mais estranho chegou-lhe aos ouvidos. Era o de um corpo, que se rasgava, que se esquartejava brutalmente entre as mãos d'aquelles ferozes

selvagens, que se lançavam á preza e a disputavam entre si como um bando de cães esfaimados. Seguiu-se depois o ruído da mastigação das carnes, que se rasgavam dos ossos, que estalavam entre os dentes caninos d'aquellas feras humanas, que devoravam quentes e ainda palpitantes os membros da victima. Quem não os tivesse visto, julgaria estar n'um antro de lobos ou pantheras. Gaspar sentio o cheiro das entranhas palpitantes e do sangue ainda quente de seu companheiro. Os cabellos se lhe eriçaram, bagas de suor frio roláram-lhe pela testa, cerrou os olhos em uma vertigem, e teria cahido em terra, se já não estivesse amarrado e estendido no chão.

Passados aquelles momentos de turvação, os olhos de Gaspar, já um pouco familiarizados com a espessa escuridão que reinava na furna, começaram a divisar mui confusamente os vultos branquicentos dos selvagens, que se moviam mais perto d'elle. Um d'estes se avisinhou, póz-se de joelhos, debruçou-se sobre elle, tocou-o com as mãos, e esteve como que o contemplando por algum tempo. Gaspar estremeceu.

« É chegada a minha vez ! » disse consigo ; rezou o acto de contricção, e encommendou sua alma a Deos.

Immediatamente um grupo numeroso se acercou d'elle dando gritos de feróz alegria, Gaspar esperava a cada instante os golpes, que deviam matal-o, e avançava a cabeça para n'ella receber-os a fim de morrer mais depressa. Já os cacetes estavam alçados sobre elle; subito o indio ou india, que estava debruçado sobre elle, levanta-se bruscamente, estende os braços sobre o prisioneiro, e suspende os golpes dos selvagens ; dirige-lhes depois algumas palavras, antes gritos em tom imperioso, e com um gesto fal-os se retirarem como um bando de urubús, que o cão só com um rosar enxota da carniça, sentou-se depois outra vez juncto de Gaspar, tocou-lhe o corpo com as mãos, encostou as faces em suas faces, os labios em seus labios, e pousou seu peito sobre o d'elle. Gaspar reconheceu, que era uma mulher, e sentio um horror e um asco irresistivel. Essa mulher, que assim o affagava, tinha as mãos e a boca besuntadas do sangue de seu camarada a pouco devorado, e seu halito tresandava um cheiro infecto e nauseabundo de sangueira. Gaspar sentio as entranhas se lhe revolverem em ancias cruéis. Se elle se visse com o pescoço enleado entre as roscas de uma serpente, que com a farpada lingua lhe lambesse as faces e os labios, não sentiria tanto horror e repugnancia,



como ao ver-se enlaçado nos braços de tão repulsiva creatura.

A india retirou-se, e um momento depois voltou trazendo uma pelle, que estendeu no chão juncto a Gaspar ; desatou-lhe os cipós das mãos sómente, e por gestos o convidou a repousar, e tornou a retirar-se. D'ahi a momentos tornou a apparecer trazendo-lhe para alimento o que ! Sancto Deos ! o braço de seu camarada esquartejado, ainda quente e fumegante ! A tal vista Gaspar soltou um grito de horror, voltou bruscamente o rosto, e o escondeu entre as mãos. A mulher parece que comprehendeu sua repugnancia, e foi lhe buscar fructos ; estes eram sãos e saborosos, colhidos a pouco nos valles proximos aquella espelunca infernal. Gaspar não tinha fome, mas sentia necessidade de alimentar-se ; comeu-os, e ao comel-os não poudede deixar de exclamar : « Ah ! fructas do paraizo, quanto sois deliciosas ! mas ai de mim, que sou condemnado a comer-vos no inferno ! » A india retirou-se, e não voltou mais essa noite.

Gaspar deitou-se na pelle e reflectio amargamente sobre seu cruel destino. Já não havia para elle duvida, que aquella mulher, que pelo ascendente, que exercia sobre os outros parecia ser filha, irmã ou talvez mulher do cacique ou chefe d'aquella gente, se tomára de amores por

elle, e a esse facto devia elle o ter-se-lhe poupado a vida. Mas que vida, meu Deos ! e por que preço !

— Descer vivo a escuridão dos tumulos, — pensava Gaspar, — para viver em perpetuas trevas e completa solidão no meio d'esta corja de monstros repulsivos, que mais parecem um bando de tatús a esfuracarem as sepulturas de um cemiterio infecto ! e para cumulo de misérias ter de ser ainda o alvo, em que se devem cevar os desejos amorosos de uma harpia repugnante e asquerosa ! que sorte mesquinha e amargurada ! quanto é preferivel o destino d'esse meu companheiro, que ainda a pouco devoráram ! antes minhas carnes, como as d'elle, já estivessem sendo digeridas por esses estomagos esfaimados ! Oh ! meu Deos ! antes a morte, mil vezes a morte !

E o misero Paulista pedia a morte de todeo seu coração.

Mas reflectindo depois melhor e com mais calma, lembrou-se que talvez lhe não seria impossivel evadir-se d'aquelle inferno, e que o amor da india longe de ser um estorvo, poderia proporcionar-lhe os mais favoraveis ensejos a sua fuga, contanto que elle soubesse haver-se com astucia e habilidade. Pensou muito n'isso, e por fim resolveu-se a viver e a espe-

rar, e o que era mais penoso ainda, a corresponder aos repulsivos affagos de sua abominavel amante.

A noite, que para elles era o dia, estava ainda longe de seu termo : portanto os tatús brancos tinham sahido todos de novo a correr os campos, ficando apenas alguns rondando a caverna e guardando o prisioneiro. Extenuado pelas fadigas do dia, cansado de emoções violentas e de amargas reflexões, Gaspar adormeceu pensando nos meios que empregaria para obter a sua evasão.

---

## CAPITULO VI

Quando Gaspar acordou, as trevas, que reinavam na caverna, já não eram tão espessas, um fraco crepusculo, que parecia entrar por uma abertura no alto da abobada, permittia avistar-se mais claramente e á alguma distancia, como em uma noite não muito escura, mas sem estrellas nem luar. Era o dia, que surgira, não para aquelle inferno de perpetuas trevas, mas para o mundo exterior. Todavia a alma de Gaspar expandio-se algum tanto com aquelle escasso clarão, que sempre lhe permittia lóbregar alguma cousa entorno de si : rezou a Nossa Senhora dos Afflictos, e esperou.

Os Tatús brancos afugentados pela luz do sol, que não podiam supportar, começaram a recolher-se de tropel a seu covil. Depois de terem roído esfaimadamente os restos dos ossos do defuncto esquartejado essa noite, e de terem



devorado mais algumas alimarias e fructos trazidos do campo, estenderam-se no chão pelos cantos da caverna empilhados uns sobre os outros e começaram a roncar como porcos em céva. Com o surgir do sol começava para elles a noite ; tinham ceado ; era bom, que agora dormissem. Só dois vultos ficaram em pé de vigia a Gaspar, e para se não deixarem furtar do somno, roiam ossos, brincavam e tagarelavam. Meia hora depois appareceu a salvatica amante de Gaspar ; a um aceno d'ella os dois vigias se retiráram e sumiram-se nas trevas da espelunca.

Os amores de Kora a heroina, da gentil Paraguassú, de Atalá e da meiga Celuta, e de todas essas formosas filhas das florestas nada tem de comparavel com a paixão, que o joven Paulista mesmo do meio da mais espessa escuridão e sem se fallarem, soube inspirar á aquella misteriosa princeza das trevas. Sómente não se podia dizer se era bella ou não; porém em compensação, podia-se dizer com litteral exactidão e não por hyperbole como é manha de todos os poetas e romancistas, que ella era alva como jaspe, como neve, ou como casca de ovo.

Romêo ao avistar Julieta no topo da escada furtiva do palacio dos Montecchi não sentio tão violento abalo, seu coração não palpitou com

tanta ancia, como o de Gaspar ao ver encaminhar-se para elle no meio das sombras da caverna, anhelante e com os braços abertos aquelle anjo das trevas alvo como ossada sem sepultura. Oh ! que sim ; mas o sentimento de um, era de prazer e de amor ; e o do outro, era de asco e de horror.

Todavia Gaspar resolvido a aproveitar-se do amor da selvagem para procurar um meio de escapar d'aquelle sepulchro infecto, em que estava condemnado a viver, tratou de apresentar-lhe a melhor cara possivel, e entregou-se com toda a complacencia a seus estranhos carinhos, e os retribuiu com a amabilidade, que poude. A liberdade e a luz do céo, de que se achava privado, valiam bem aquelle penoso sacrificio.

A nympha mostrou-se contentissima, trouxe-lhe fructos, dansou em roda d'elle, dando gritinhos de prazer e retirou-se. Durante o dia appareceu ainda duas ou tres vezes. Quando veio a noite, sahio com seus companheiros, mas ficaram de vigia ao prisioneiro seis ou oito guardas.

Oito dias passou Gaspar n'aquelle estranho e tristissimo modo de vida, ganhando tempo e contando com impaciencia os dias e as horas. Durante esse tempo esmerou-se em tornar-se o

mais agradavel possivel á sua amante, e procurou ganhar-lhe a confiança, mostrando-se satisfeitissimo com a sua nova sorte, e cada vez mais submisso e amoroso. No fim d'esse prazo abalançou-se a expressar á sua amante por meio de gestos e signaes o desejo, que tinha de tambem sahir á noite com ella, sómente para vel-a sempre ao pé de si, e não ficar por tanto tempo privado de sua companhia ; pintou-lhe com mimicas expressivas o seu extremoso amor, e do melhor modo que poude, deo-lhe a entender, que nunca por motivo nenhum a abandonaria, e que o seu maior gosto seria viver e morrer junto d'ella. A india a principio pareceu hesitar, e ficou pensativa por alguns instantes; mas por fim deo-lhe a entender, que sua supplica seria attendida, e que na seguinte noite lhe seria permittido sahir com ella.

De feito assim aconteceu ; na seguinte noite Gaspar experimentou o indizivel prazer de ver a luz limpida de um céo estrellado, e de respirar a longos tragos o ambiente puro, e perfumado d'aquellas deliciosas solidões, depois de ter jazido por mais de oito dias na escuridão profunda de uma espelunca infecta e asquerosa. Aquella noite limpida e estrellada, posto que sem luar, pareceu-lhe um dia esplendido, e quasi que seus olhos estranháram aquella luz

serena, tão affeitos estavam já com as trevas. Em face d'aquelle espectáculo, seus pulmões se encheram de ar vivificante, seu coração se dilatou, e alentou-se de novas esperanças.

Entretanto Gaspar era vigiado de perto por sua amante, que o não deixava um só momento, e por um grupo, que de certo por ordem d'ella os acompanhava sempre em certa distancia. Tambem Gaspar era matreiro, e não seria tão desasado, que arriscasse logo uma fuga sem probabilidade alguma de successo. Elle bem sabia que aquella gente tinha á noite uma espantosa penetração de vista, e o faro e a velocidade dos melhores cães de caça. Portanto foi elle o primeiro, que pressuroso convidou sua companheira a recolher-se á caverna, logo que presentio a approximação do dia.

Assim volveram-se mais alguns dias a Gaspar, o qual para entreter-se e encurtar o tempo, passava-o a observar os estranhos costumes d'aquelle gente, que quasi se não distinguia dos brutos, e os trabalhos, em que empregavam suas noites. Apenas saham das furnas, derramavam-se em grupos pela campanha. Uns internavam-se pelos matos farejando a caça, que perseguiam com incrível celeridade atravez das mais emmaranhadas brenhas, dando uivos e ganidos como uma verdadeira matilha de



cães. Outros com a agilidade do quati andavam trepando pelas arvores para colher fructos, ou para sorprehender os passaros e roubar-lhes os ninhos.

Outros percorrendo os campos davam caça ás perdizes e codornizes, que colhiam de sorpresa em seus escondrijos, ou esfuracavam o chão com as unhas já para arrancar os tatús de seus buracos, já para roubarem o mel ás abelhas do chão. Outros esgravatando as fendas dos rochedos andavam a cata de lagartos, cobras, sapos, lagartichas e outros reptis e insectos, que tudo lhes servia de alimento. Assim passavam as noites a caçar o alimento só para aquelle dia, pois toda caça, que apanhavam quasi sempre a escorchavam e devoravam no mesmo instante e no mesmo lugar a maneira dos lobos e panthéras.

Durante esse tempo Gaspar em suas sortidas nocturnas procurou portar-se por tal modo, que desvanecesse toda e qualquer desconfiança, que a india podesse nutrir ainda a seu respeito. Assim já ella ousava affastar-se a sós com elle para longe dos outros grupos, e deixava-se ir sem susto para aonde Gaspar a queria conduzir sem serem espionados por ninguem. N'essas occasiões, se Gaspar o quizesse, poderia tel-a agarrado e suffocado com as mãos, e esca-

par para sempre á sua triste escravidão. Mas repugnava á sua consciencia e doia ao seu coração nobre e generoso matar tão cruelmente aquella, que, fosse porque fosse, tinha sido a salvaguarda de sua existencia, e embora sem o querer e sem o saber, lhe proporcionava meios de escapar d'aquelle horrivel e abominavel captiveiro. Demais a empreza não era isenta de perigo ; um grito só, que ella soltasse, podia ser ouvido dos seus, e tudo estava perdido ; mesmo poderiam dar falta d'ella, a tempo que aquelles insignes galgos podessem ir-lhe no encalço e apanhal-o. Um meio sómente lhe occorria de libertar-se com segurança e sem fazer grande mal á sua libertadora ; para leval-o a effeito só esperava um ensejo favoravel. Este emfim se apresentou.

A noite já ia bastantemente avançada ; os tatus brancos fatigados de suas correrias por campos e brenhas, avisinhavam-se pouco e pouco para seus covis. A india e Gaspar algum tanto affastados dos outros, marchavam pela orla, de um çapão ao longo de um delicioso vargado. Subito um lindo e veloz animalsinho saltou diante d'elles, e desapareceu pelo mato. A india salta apóz elle pela brenha a dentro ; Gaspar a acompanha. Veloz como o gamo ella corre através das balsas emmaranhadas ; Gas-

par a custo a pode seguir de longe ; mas ella o chama e espera. Tendo faro de cão como todos de sua raça vae descobrir de novo o bichinho na moita, a que se acolhera. Ei-lo que salta outra vez, e a india que de novo o persegue pressurosa através das brenhas. Assim se foram pouco e pouco alongando e se entranhando pelo bosque, e a pobre e descuidosa filha da noite nem se lembrava quão longe andava já dos seus. Voltaram sobre seus passos até chegarem ao campo, donde tinham partido. A india trazia nas mãos o animalejo ; mas a coitada quasi não podia suster-se de fadiga ; Gaspar tambem a custo podia andar. Ambos sentáram-se opprimidos de cansaço. Gaspar fez que ella reclinasse a cabeça sobre seus joelhos. Ella a principio reluctou, e apontou para o oriente dando a entender o receio, que tinha do que o dia os sorprendesse ali. Gaspar expressoulhe, que elle não dormiria, e que ainda mesmo que o dia os apanhasse, elle a carregaria nos hombros para o seio de sua caverna. Tranquilizou-se a india, e d'ahi a instantes adormeceu profundamente sobre os joelhos de Gaspar.

Mais uma hora, e o dia ia luzir. Uma hora só de somno para a pobre indiana, e o sol da vida e da liberdade ia surgir para Gaspar ! Imagine-se com que sofreguidão e impaciencia

elle contava os minutos e os instantes, com que anciedade voltava de continuo os olhos para o oriente, com que tremor de coração applicava o ouvido á escuta de alguma voz, de algum rumor, que indicasse a presença dos tatús brancos. Mas o que ninguem póde imaginar é a viva alegria, com que saudou os primeiros clarões d'essa aurora, que vinha arrancal-o de um tumulto e restituil-o á luz, á vida e á liberdade ! O prazer indizível, que experimentou, quando olhando em roda de si, se vio a sós com a india no meio d'aquella immensa solidão. Estava salvo !

Quem os visse ali, — aquelle par solitario em meio d'aquelles risonhos e fecundos ermos, ella suavemente adormecida noj joelhos d'elle, elle embevecido no espectaculo da natureza, que emtorno se lhe despertava entre esplendidas galas e rumores harmoniosos, — quem os visse ali, julgaria ver aos fulgores da primeira aurora outro Adão e outra Eva no seio de um novo Paraiso.

Sómente em dois pontos se acharia differença ; um é que a Eva do Genesis não seria por certo tão alva como esta ; outro é, que o novo Adão trazia sempre uns calcões esfarrapados e os restos de uma capa.

Talvez se pense, que Gaspar poderia escapar



deixando a india adormecida, sem que lhe fosse mister esperar pelo alvorecer do dia. Engano ; Gaspar era assaz precavido para comprehender, que ella poderia accordar bem depressa, gritar pelos seus, e tudo estaria perdido para sempre. Não assim de dia, porque a luz do sol aquelles desgraçados nada enxergavam, e mal podiam dar um passo sem tropeçar e cahir.

Quando o sol dardejou seus primeiros raios, Gaspar depositou cuidadosamente sobre a relva a cabeça da india adormecida ; contemplou pela primeira vez á luz do dia aquelle corpo, que não era mal feito, porém de alvura tão excessiva, que fazia repugnancia ; os cabellos eram finos, corredios e de um louro quasi branco ; o rosto era irregular, mas não inteiramente destituido de graça ; porém as unhas curvas e compridas, e os dentes aguçados, que se viam por entre os labios entre abertos, davam-lhe um ar feroz e repulsivo. Gaspar depois de ter lançado um ultimo olhar de commiseração sobre aquella infeliz selvagem, poz-se a fugir a bom andar para longe d'aquelles sitios fataes.

Mal tinha dado uma centena de passos, Gaspar ouviu gritos atraz de si ; assustado voltou o rosto. A misera talvez pelo contacto da relva fria na cabeça, tinha acordado, e em pé voltando-se para todos os lados com os braços es-

tendidos dava gritos lastimosos, e estorcia-se um uma indizível afflicção. Dava alguns passos vacillantes com as mãos estendidas como quem apalpa nas trevas, e logo cahia e se estrebuchava no chão arrancando os cabellos em desespero. Gaspar teve pena d'ella, e quem deixaria de tel-a ! Um sentimento de dó e tambem de gratidão por aquella infeliz creatura, que fora o instrumento de sua salvação, deteve por alguns momentos as plantas do Paulista n'aquelle solo fatal ; teve dó da misera e de todas de sua raça, fadada a tão abjecta e monstruosa condição.

Salvo das garras dos tatús brancos e d'aquelle ignobil e miserrimo captiveiro, que tinha Gaspar diante de si ?... O deserto profundo, incommensuravel, mil novos trabalhos e obstaculos a superar, mil novas fadigas e azares a affrontar ! Mas antes isso, do que ser condemnado a viver nas trevas entre aquelles monstros, ultimo rebutalho da natureza humana ! Antes morrer vendo o céu, a luz, a natureza, do que viver sepultado na perpetua escuridão d'aquellas horriveis espeluncas.

Não é nosso proposito, e nem pöderiamos referir todos os riscos, fadigas, privações e trabalhos, por que teve de passar o nosso heroe atravessando sosinho e sem outro recurso mais que a sua audacia, astucia e robustez, aquelles

vastissimos e inhospitos sertões até chegar á sua patria. O certo é que o intrepido aventureiro chegou são e salvo a S. Paulo de Piratininga, onde contou a seus patricios pasmos e boquiabertos as estranhas aventuras, que acabamos de relatar. Não podemos garantir a veracidade d'ellas, mas asseguramos, que não é invenção nossa, pois ouvimos essa tradição de pessoa mui sensata e autorisada, e que tinha boas razões para dar-lhe inteiro credito.

Fundados na relação de Gaspar, e dirigindo-se por suas indicações, muitas outras bandeiras de Paulistas partiram em diversos tempos para aquellas remotas regiões em demanda d'aquelle novo jardim das Hesperides. Exploráram muitos paizes desconhecidos, descobriram riquissimas minas de ouro e diamantes, muitos rios caudalosos e valles de riqueza e fertilidade espantosa ; mas o verdadeiro valle do Pão de Ouro, esse nunca, nunca mais foi encontrado.

É que de certo a fada mãe do ouro tinha então estabelecido ali os seus palacios e jardins encantados, e lhes puzera por guardas aquelles monstros alvos de figura humana. Vendo porém, que mesmo assim eram descobertos e violados os seus thesouros, assentou do transferilos para outros sitios em sertões mais profundos e remotos.

# INDICE

---

## A ILHA MALDITA

INTRODUÇÃO.....	5
CAPITULO I	
Um Casamento.....	13
CAPITULO II	
Os tres Irmãos.....	18
CAPITULO III	
A Filha do Mar.....	24
CAPITULO IV	
A Ilha encantada.....	35
CAPITULO V	
Regina.....	41
CAPITULO VI	
Terror e Esconjuros.....	48



CAPITULO VII	
Os Naufragos.....	55
CAPITULO VIII	
O primeiro Irmão.....	63
CAPITULO IX	
O canto da Sereia.....	69
CAPITULO X	
Desengano.....	76
CAPITULO XI	
Mais uma victima.....	83
CAPITULO XII	
O segundo Irmão.....	87
CAPITULO XIII	
O sonho.....	98
CAPITULO XIV	
Terceiro Irmão.....	106
CAPITULO XV	
O Juramento.....	111
CAPITULO XVI	
Os pescadores.....	121
CAPITULO XVII	
Rodrigo.....	130

## CAPITULO XVIII

A Fada .....	136
--------------	-----

## CAPITULO XIX

A Ilha encantada .....	141
------------------------	-----

## CAPITULO XX

Abraço e punhalada .....	147
--------------------------	-----

## CAPITULO XXI

Ricardo .....	159
---------------	-----

## CAPITULO XXII

Ricardo .....	165
---------------	-----

## CAPITULO XXIII

Condão quebrado .....	174
-----------------------	-----

## CAPITULO XXIV

Regina e sua historia .....	183
-----------------------------	-----

## CAPITULO XXV

Continua a historia de Regina .....	191
-------------------------------------	-----

## CAPITULO XXVI.

Ainda a historia de Regina .....	202
----------------------------------	-----

## CAPITULO XXVII

Breve retrospecto .....	210
-------------------------	-----

## CAPITULO XXVIII

Perjura .....	219
---------------	-----

CAPITULO XIX	
Curta digressão.....	226
CAPITULO XXX	
Ultima noite.....	230
CAPITULO XXXI	
O castigo.....	239

---

## O PÃO DE OURO

CAPITULO I	
A mãe do ouro.....	247
CAPITULO II	
Os jardins de Tupá.....	256
CAPITULO III	
Os jardins de Tupá.....	265
CAPITULO IV	
Os Tatús Brancos.....	273
CAPITULO V	
No interior da Furna.....	283
CAPITULO VI.....	291

